



38

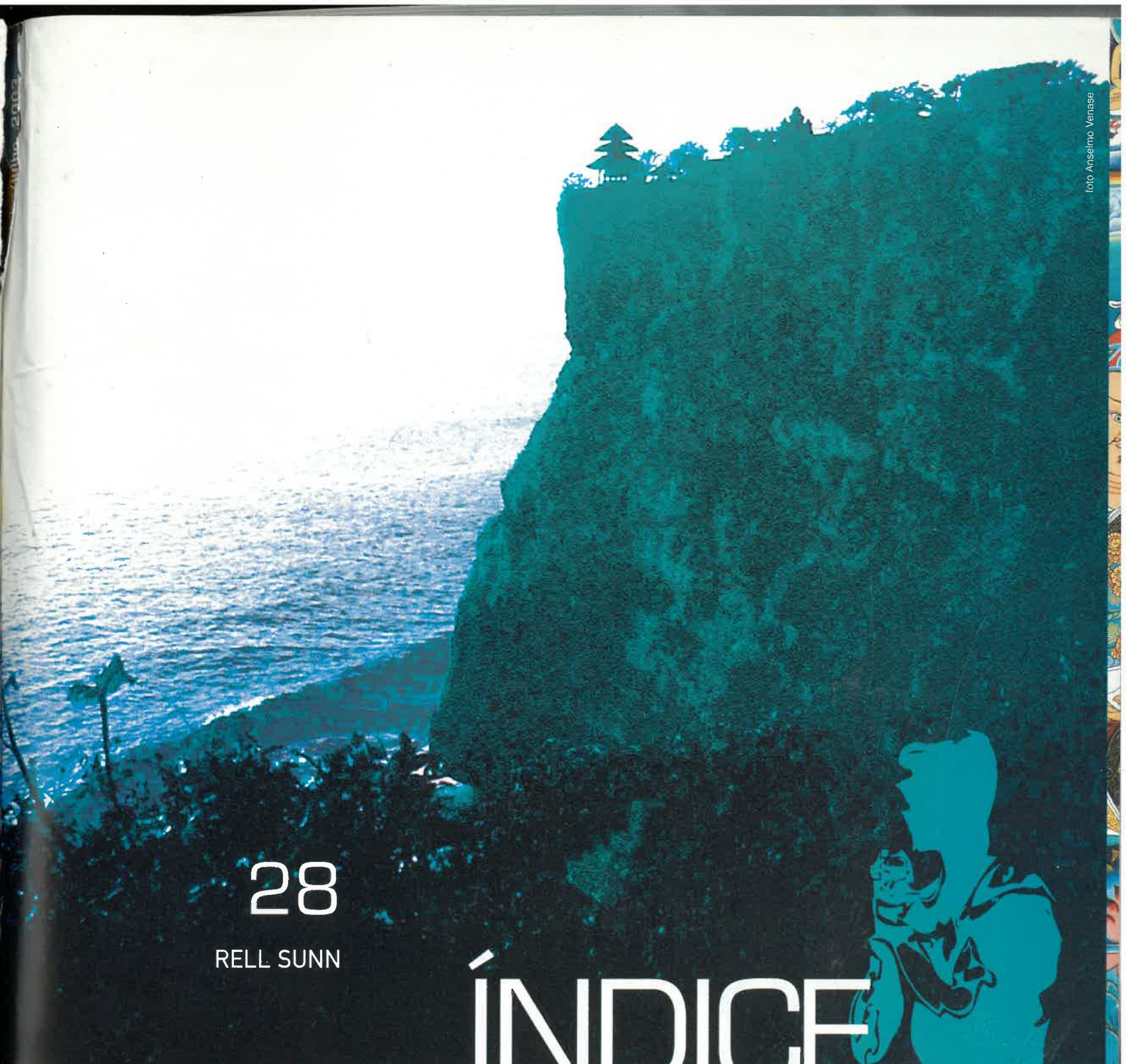
ITÁLIA

90

TRIPOLLI
BRASIL SURF

20

MUNDO ÁGUA



28

RELL SUNN

ÍNDICE



REALMENTE **RED NOSE** EXTREME!
ATITUDE SEM LIMITE!

Red Nose EXTREME

ATITUDE SEM LIMITE

Rodrigo Resende
monster
O mais insano dos extremistas

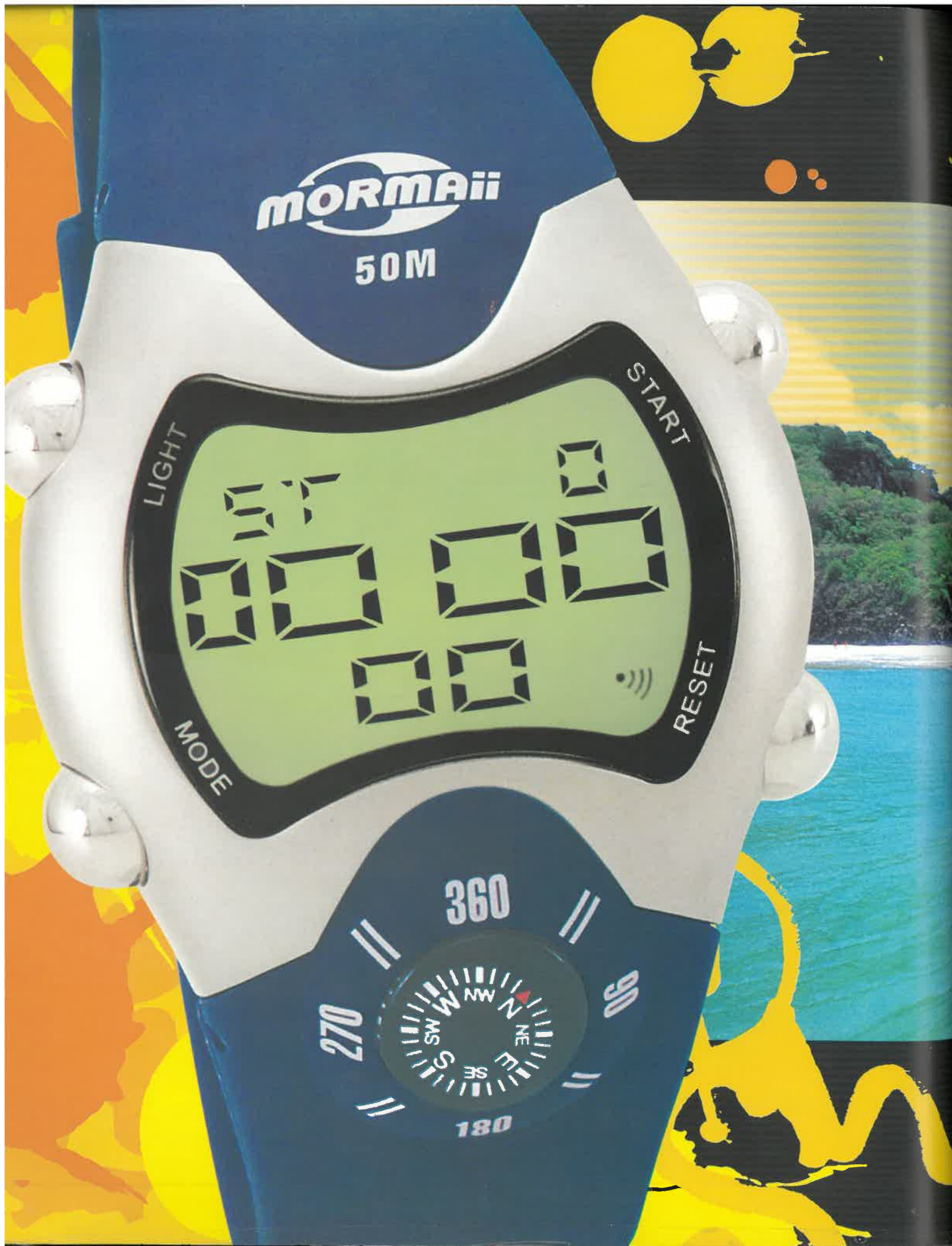

Ana Hickmann
Beleza extrema


Wanderlei Silva
Socos, nocautes e video game


Everest
Os 50 anos da primeira conquista

Rodrigo "Monster" Resende •
Campeão mundial de Tow-In
Atleta Red Nose

Red Nose
www.rednose.com.br
Red Nose © XTREME Sports Ltda
All rights reserved



1988 - 2003



alemão de maresias e romeu bruno
equipe south to south de
ondas grandes, gigantes...

pedro müller
dadazinho
romeu bruno
alemão de maresias
jhon jr
lucinei mallas
luiz saraiwa
guilherme ribeiro
origenes araujo
hannaor araujo
iaçã araujo
jeronimo homfim
guilherme traquilli
luana ribeiro
bruno marques
jano belo



romeu bruno - jaws

surf brasileiro é o nosso negócio

southtosouth.com.br



K&W.COM

11 6121 6767



indústria brasileira levante esta bandeira

NA

AMAURY DU PEREIRA



Natural
Apostrophe

SURFING FOR TWENTY YEARS
TERRICERS

SURF CLOTHES COMPANY
(1 3) 3 2 3 4 4 7 2 7

Surf é religião? Como futebol, política e religião são coisas muito pessoais, seria uma petulância medíocre afirmar sim ou não, impessoalmente. Para mim, é! Religião é a conexão com o divino, com Deus, pois isso o surf faz comigo, CONECTA! Esta pauta me foi sugerida por Marcello Árias, nosso ilustre colaborador e pré-editor convidado (ainda não o convidei formalmente, espero que ele leia e tome isso como um convite). Há algum tempo, fui maturando esta abordagem e buscando eco com os espiritualistas e filósofos do meio até chegar à maneira certa de entrar no assunto: sem maneira certa! O Marcello, como sempre, já me contaminou com um supertexto sobre o tema, e, a partir daí, procurei ao máximo deixar emergir, dos pontos onde sempre senti, espiritualidade no surf. E aí, mais uma vez, a Alma Surf rompendo limites e se aprofundando na busca do entedimento dessa maneira de viver polinésia de quem surfa. Desses pontos, vieram os preciosos artigos que compõem esta edição. Mark Lund trouxe a cultura polinésia e, conseqüentemente, toda a sua religiosidade. Com isso, somado aos seus conhecimentos quânticos e pesquisas de sociedades inteligentes que já habitaram ou habitam nosso planeta, ele mostra com muita clareza os caminhos para conquistar o nirvana por meio do surf. André Cotrim, lá no Hawaii, sentiu a oportunidade de expressar a religiosidade polinésia mediante o perfil de Rell Sunn, talvez o grande ícone místico e profundo da atualidade, além de grande surfista, uma figura maravilhosa, com todo o potencial necessário para resgatar/relembrar o poder mágico polinésio. Apesar de falecida há 5 anos, é cultuada com muito respeito e admiração por toda a comunidade surfística do mundo. Você, a partir de agora, também vai adorá-la. Nessa batida religiosa, a viagem desta edição é a Itália, terra dos católicos e do Papa, e das ondas. Veja e delire com a qualidade do surf italiano, e a partir de agora, quando for visitar Roma, não esqueça de levar a prancha, pois, além da pasta, a Itália tem surf. Resolvemos investigar o planeta água, e fizemos uma matéria na qual, além de problemas, achamos soluções para a vida. Como política também é uma coisa pessoal, para mim o momento do mercado está totalmente nacional e pronto para ocupar espaços até hoje inimagináveis nos hábitos de consumo da nossa tribo. Com isso, resolvi comemorar o aniversário de várias marcas e operações nacionais, inclusive da revista Fluir, que lancei em 1983, e produzimos um ensaio maravilhoso com o fotógrafo Luis Tripolli, sob o título: 20 anos de indústria nacional do surf. MOVIMENTO BRASIL SURF. Acho que mais uma vez estamos vulneráveis ao ataque dos que vêem no surf uma expressão de moda infantil e pré-adolescente. que minha abordagem editorial é para velhos e caretas, e que a Alma Surf não terá vida longa. Para esses, minha compreensão e minha compaixão pela falta de amor e cultura ao surf e sua maneira de viver, e a eles continuo mandando meus mais belos e puros votos de ACORDE, SURFE, MEDITE, PAZ E AMOR. Para os que sentem a minha mensagem, continuem buscando em cada onda, cada experiência, cada momento, o MELHOR! SURF É MEDITAÇÃO ATIVA.

ALOHA

Romeu Andreatta

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

ALMA SURF
Publisher
Romeu Andreatta Filho
romeu@almasurf.com.br

Chefe de Redação
Alberto J. R. Woodward
alwoodward@almasurf.com.br

Editor de Arte
Fernando César Siniscalchi
fernandocs@almasurf.com.br

Assistente de Redação
Viviane Palladino
viviane@almasurf.com.br

Revisão
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:

Texto
Alessandro Marcianò, André Cotrim,
Marcello Árias, Mark Lund, Nik Zanella,
Sílvia Maria Sartor, Taiu Bueno, Zé Lúcio,
Cardim.

Fotografia
Aleko, Alessandro Servadei, Antonio
Ronchini, Barry Tuck, Beto Paes Leme,
Carlo de Amici, Davide Sacchetti, Dennis
Oda/Star-Bulletin, Emiliano Mazzoni, Fel
Tozzi, Francesca Susini, Giuseppe Rep
Ita Kirsch, Jeff Divine, Laila Verneck, L
Paiva, Lisandro de Almeida, Luis Tripolli,
Nilton Barbosa, Reflexo, Revista Zig-Zag,
Leeks, Yannick Le Toquin

Publicidade
Maria Andreatta
maria@almasurf.com.br
Patricia Barros
pattbarros@almasurf.com.br

Departamento Financeiro
Maria Dias Carvalho
mcosmmos@uol.com.br

Distribuição
Dinap S.A.
Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito
ArtSim

Jornalista Responsável
Alberto J. R. Woodward
MTB 1822

A revista Alma Surf é uma publicação
bimestral da Cosmmos do Brasil
Produção Editorial Ltda.
As matérias publicadas não refletem
necessariamente a opinião
da revista e sim a de seus autores.

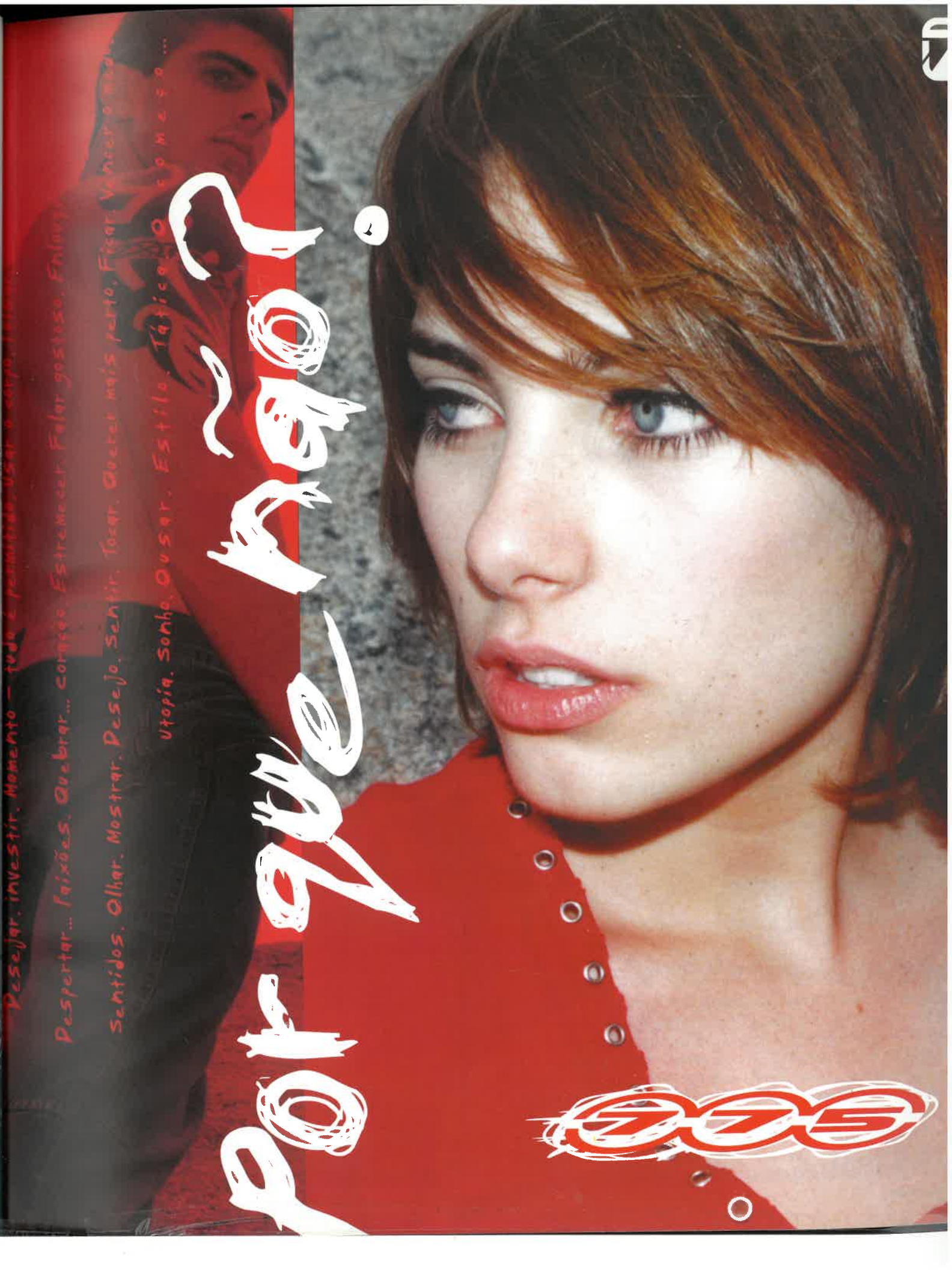
Correspondência:
Rua Dr. Fonseca Brasil, 235
Morumbi - São Paulo - SP
CEP: 05716-060
Telefone: (11) 3744-3711
e-mail: almasurf@almasurf.com.br
www.almasurf.com.br

Para assinar:
(11) 3744 1568
assinatura@almasurf.com.br

IVZ INSTITUTO VERIFICADOR DE QUALIDADE



Capa: Rell Sunn
Por Dennis Oda



*Pesquisar... Investir... Momento - tudo é possível...
Respeitar... Paixões. Quebrar... Conquistar. Estremecer. Falar gostoso. Filmar...
Sentidos. Olhar. Mostrar. Pesquisar. Sentir. Tocar. Queer mais perto. Ficar. Viver o momento...
Utopia. Sonhar. Ousar. Estilo. Taticado no momento...*

20 ANOS



Surf é religião?

Por Mark Lund

Cada vez mais, os compromissos comerciais têm condensado o surf num "produto" para jovens que vivem uma vida livre e extremista. Na medida em que o surfista amadurece, ele se depara com uma destas três opções: a) desiste; b) se isola, c) dá uma de "tio Sukita" e pára no tempo, para viver o seu *Endless Summer* particular. Esse impasse nunca foi abordado pelo mundo "australiforniano" do surf; principalmente porque foram eles que criaram esse paradigma. Portanto, eles não conseguem pensar "out of the box" na qual se encaixam e reinam há uns 50 anos. Mediante essa situação um tanto estagnante, e até involutiva, alguns dos nossos estão buscando um paradigma mais quântico; mais coerente com os tempos metafísicos que estão chacoalhando o mundo em plena era de Aquário. Esses, ao ponderarem sobre a relação entre surf e religião, estão contribuindo para a modernização do surf. Estão estudando uma solução viável para os surfistas que querem buscar a sua evolução individual e espiritual... surfando no meio do crowd. Se conseguirem formatar um novo estilo de vida que concilie a juventude e a sabedoria, o surf e a religião, estarão patenteando um novo "produto" que certamente será cobiçado internacionalmente. A partir dessa semente filosófica, o Brasil tem condições de se tornar o "celeiro do mundo" ideológico do surf, e assim adquirir o respeito da tribo da aldeia global, sem ter que pagar o pedágio quase impagável, sempre reajustado, do WCT.

"Maldito dia aquele, no início da minha carreira, em que respondi em uma entrevista que o surf era um esporte. Errei. Devia ter respondido que é um exercício espiritual." – Nat Young

"Quando comecei a refletir sobre a questão 'surf e religião' me deu vontade de ter uma máquina do tempo. Se pudesse, eu iniciaria a minha reflexão visitando o Hawaii em 1778: logo antes do Cook chegar, para ver a civilização havaiana nos seus últimos momentos de aloha pura. Lá, eu sentaria na areia de uma das centenas de picos onde aldeias inteiras, homens, mulheres e crianças... nobres e plebeus, estariam praticando o he'e nalu (surf): o passatempo favorito do povo havaiano daquela época. É bem provável que a beleza e harmonia dessa cena me fizesse chorar. Depois de me deliciar com esse sonho maravilhoso, eu me dirigiria ao kahuna (xamã) saindo da água, seguido pelos carregadores com a sua enorme prancha alaiia (prancha da nobreza) nas costas. Eu me apresentaria a ele com todo o respeito, e lhe perguntaria: "Kahuna. Um pequeno 'kokuu' (favor/ajuda). Você acha que o he'e nalu é uma religião?" Com o que sei hoje sobre a cultura e a espiritualidade havaianas, tenho certeza de que ele olharia para mim com uma interrogação estampada no rosto. Em seguida, ele inverteria a situação e faria de mim o entrevistado: "O que quer dizer essa palavra de que eu nunca ouvi falar: 'religião'?" Daí, eu tentaria explicar para ele que, na sociedade de onde vim, a religião convencional é dedicar uma parte do nosso tempo para procurar um sentido na vida. Essa procura é principalmente conduzida num determinado dia da semana, num lugar predeterminado, que alguns chamam de igreja, outros de templo, outros de sinagoga, etc. Nesse dia, nesse lugar, estaria um tipo de kahuna que ensinaria sobre a doutrina dessa ou daquela religião. "Não temos essa palavra, 'religião', na nossa língua. Não temos uma hora que seja sagrada, e uma que não seja. Não temos um lugar sagrado, e um outro não. A esfera do sagrado é infinitamente maior do que a esfera do nosso cotidiano. É o cotidiano que está dentro do sagrado, e não vice-versa. Tudo para nós é sagrado. Tudo... A hula é. O holo holo nalu (canoagem) é. O plantio é. A colheita é. Tudo que fazemos é

'religião'. Cada momento do nosso dia. Cada lugar do nosso mundo. Cada pessoa que encontramos e cumprimentamos com o nosso 'aloha'. Essa palavra não é apenas um 'oi'. É a síntese mais profunda de toda uma filosofia de vida: uma filosofia milenar. Como não temos nada que não seja 'religião', por que inventariam os meus ancestrais uma palavra para delimitar o sagrado ilimitável? Use o seu coração, ha'ole! Se a nossa vida inteira é religião, e se he'e nalu é um momento importante dentro da nossa vida, então, para nos, he'e nalu também é o que você chamaria de 'religião'. Óbvio! Agora, tenho uma pergunta para você e a sua sociedade 'ha'olenta': Como é possível existir alguma coisa na sua vida que não seja religião?" Boa pergunta... Não podendo responder, eu ligaria o meu transtempo e voltaria para cá uns 129 anos: 1907. Gostaria de estar na praia de Waikiki quando o jornalista vindo de Chicago Alexander Hume Ford pisasse pela primeira vez naquela areia branca, com a brisa do Pacífico soprando, e se empolgasse com um punhado de 'beach boys' deslizando nas ondas esmeralda. Com certeza, nessa época, entre eles estaria um adolescente que seria o futuro campeão olímpico de natação, como também o futuro pai do surf moderno: Duke Kahanamoku. Novamente, como na minha visita ao Hawaii de 1778, eu choraria; só que, desta vez, por outro motivo. Não mais teria um kahuna na água, cercado por uma aldeia inteira de famílias se divertindo com o he'e nalu. Os poucos kahunas que teriam sobrevivido ao holocausto cultural estariam escondidos nos vales: tão quiméricos quanto o arco-íris acima deles. Seriam totalmente 'underground'. Teriam levado com eles a filosofia de vida que transforma o cotidiano no sagrado. Essa sabedoria de raízes polinésias, tão profunda quanto a dos taoístas, dos budistas, dos hindus, dos egípcios, estaria bem guardada, bem longe do alcance dos ha'oles. Aquelas famílias que antes vi surfando, agora, com medo de marginalização social, e até de perseguição, teriam vergonha de ser vistas em cima de uma prancha. Pouco da aloha da qual me falei em 1778 teria sobrado da invasão de valores trazidos pelo Ocidente: um ataque ideológico encabeçado pelos missionários. A hula estaria proibida. A língua havaiana já não se ouviria mais, pois também estaria

surf é a nossa praia

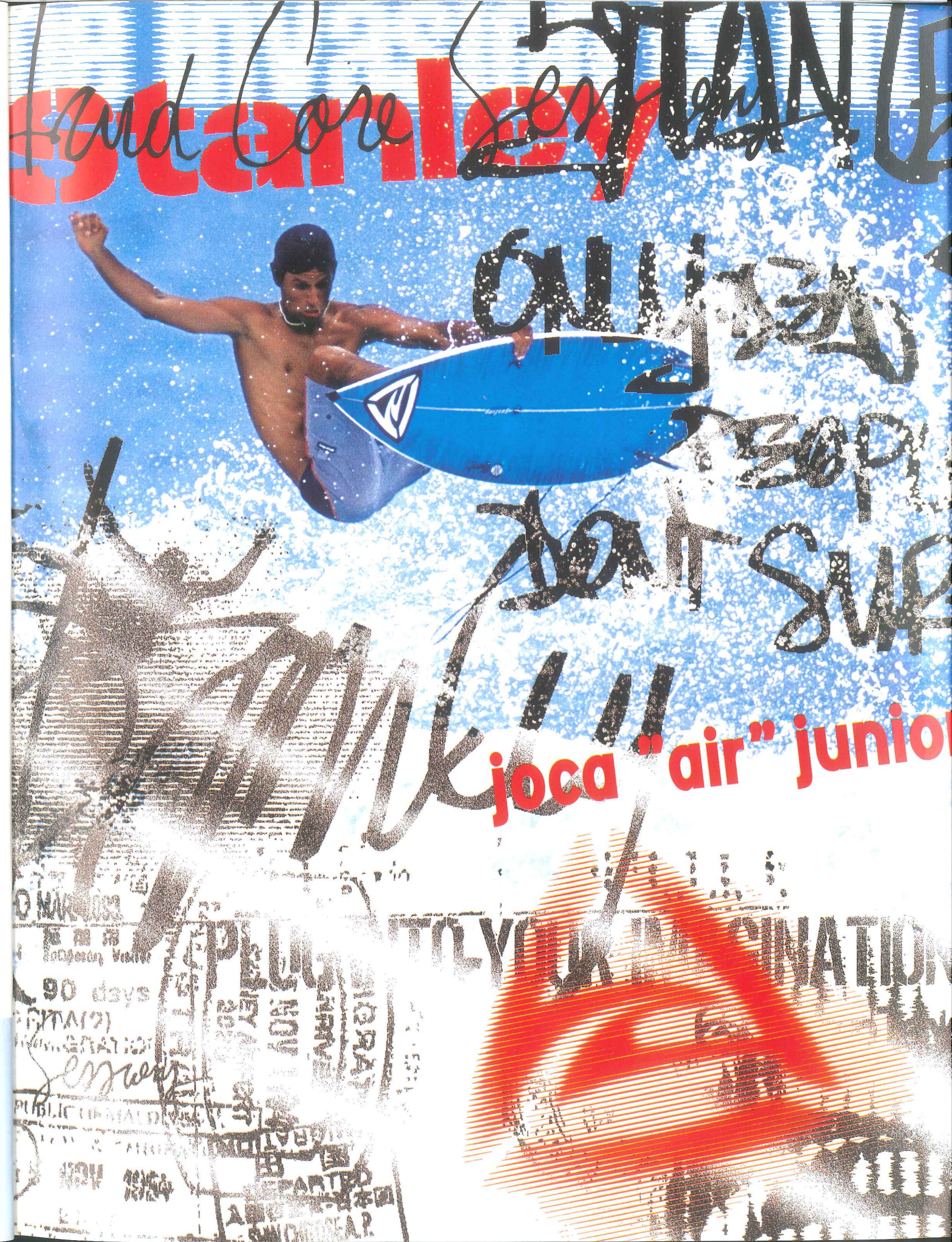
Pranchas e equipamentos: (48) 237-4127 • Confeccões: (11) 3333-4570 - www.tropicalbrasil.com - tropi@tropicalbrasil.com

Pedro Norberto
Praia da Cigana - Farol de Santa Marta - SC

TROPICAL BRAS

proibida. A população havaiana, dizimada por doenças e décadas de propaganda ocidental, levaria mais uns 70 anos para acordar para o fato de que a grande civilização dos seus ancestrais não era motivo de vergonha, e sim de orgulho. Em 1978, Eddie Aikau contribuiria para esse *awakening* com a sua própria vida. Ao acabarem com o substrato espiritual havaiano, teriam também acabado com a alma do he'e nalu. Era tudo interligado, entremeado, como havia me dito o kahuna. Destruindo a *alma mater*, em seguida padeceriam os filhos por falta do leite materno. O que teria sobrevivido da he'e nalu seria apenas a carcaça do que era um século antes. Um fóssil. Mesmo assim, o que sobrou foi o suficiente para encher os olhos de Alex Hume, e o coração dele, com a esperança de resgatar da extinção essa atividade aquática que ele considerava um "esporte" maravilhoso; cheio de potencial comercial. Para dar o pontapé inicial dessa ressurreição, ele e os seus amigos do continente fundariam um clube para promover competições. Esse clube, o prestigioso Outrigger Club, existe até hoje. Como resposta dos locais, Duke e seus amigos fundariam um clube para os menos privilegiados, chamado o Hui Nalu (a turma das ondas), que também existe até hoje. Hume e seus amigos ha'oles, logicamente, se sentiam mais confortáveis chamando o seu "esporte" por um nome menos étnico do que he'e nalu. Preferindo um termo em inglês, chamariam a nova versão da antiga diversão de "surf riding". Em pouco tempo, esse nome seria abreviado para "surfing". Hume e seus contemporâneos nem imaginavam o assassinato etimológico que estavam promovendo. Que pena! Pois, escondidas nas sílabas das palavras, temos algumas dicas do passado sagrado, e até místico, do he'e nalu. Nalu, traduzido para a mentalidade ocidental, onde cada palavra tem que ter uma tradução, seria "onda". Mas a língua havaiana é uma língua cheia de nuances; com duplo, triplo, e quádruplo sentidos; isso sem mencionar os seus significados "kaona" (ocultos). Para complicar as coisas ainda mais, o significado de uma palavra é definido pelo contexto gramático no qual ela está inserida. Portanto, para traduzir uma palavra, você teria que perguntar não "qual é a tradução?", mas sim "quantos significados tem? e em quais situações é usada tal palavra?" (as outras palavras traduzidas neste texto, devido a uma questão de espaço, tem uma tradução simples). Por exemplo: citando um trabalho do xamã urbano havaiano Serge Kahili King, "nalu", além de "onda" também pode significar "refletir; meditar". Serge diz que esse significado é baseado na junção da raiz "na", que significa "paz, calma", com a raiz "alu", que significa "cooperar; agir junto". Ou seja: quem não tiver paz (interior), não conseguirá agir junto com a onda, e manifestar o equilíbrio necessário para ficar de pé numa prancha! Alias, surfar, para os havaianos antigos, era uma metáfora, uma expressão exteriorizada do equilíbrio interno do indivíduo. Isso, diz o Serge, pode ser detectado em outro ditado havaiano: "Ho a'e ka 'ike he'e nalu i ka honua o ka 'ale"... "Demonstre sua sabedoria surfando a crista de uma onda". Como eu havia feito com o kahuna em 1978, queria atualizar minha pesquisa com Hume em 1907. Eu me dirigiria a ele e, com muito respeito, perguntaria: "Alex, na sua opinião: surf é religião?" Como o Kahuna, Hume certamente me olharia com surpresa. Responderia: "Religião? Que é que descer uma onda tem a ver com religião?!" Duas mudanças ocorridas no século que se passou desde minha última enquete tornariam a minha pergunta ridícula. Primeiro: a idéia de religião predominante no Hawaii teria mudado drasticamente. Nessa altura do campeonato, esta idéia refletiria a visão ocidental, moderna e cristã. E, em segundo lugar, também teria mudado muito a visão do que era surfar. A imagem embrionária de "surf" que Hume tinha em mente em 1907 já era uma imagem "ultra-

sônica" do feto que décadas mais tarde nasceria na Califórnia e na Austrália como sendo um "esporte". Para concluir a minha pesquisa, e um tanto entristecido com a transmutação que ela apontava, eu voltaria para casa: 2003. Ao chegar no presente, eu teria (tenho), em tempo real, quase 40 anos nas costas de surf pelo mundo. Teria montado um museu de surf em Maresias, e viajado pelas mecas do surf atrás de *memorabilia* para expor nele. Nessas viagens eu teria conhecido e entrevistado legends do surf que teriam conhecido Duke pessoalmente. Teria publicado essas minhas entrevistas como colaborador na revista *Fluir*. Teria visitado o arquipélago inúmeras vezes, e me interessado pela língua havaiana. E, mais importante ainda, nas minhas andanças, eu teria descoberto (por acaso) o santo graal da minha vida intelectual. Sempre suspeitei, aliás, teimeei, que deveria existir um sistema filosófico nativo, endêmico, substrato espiritual de tudo que era havaiano; e, por tabela, do he'e nalu também. Um dia, tropecei nessa pedra filosofal, um sistema meio psicológico/meio filosófico que seria a "religião-mãe" atrás da mentalidade que, como fez o zen-budismo no Japão, consagrou o cotidiano havaiano e, subseqüentemente, o he'e nalu e seus irmãos, a hula, o holo nalu, etc. Se eu analisar o surf do século XXI que rola ao meu redor, e me perguntar se, em 2003, "surf é religião?", precisarei fazer um retrospecto das décadas que presenciei. Vejo hoje o surf como um 'filho pródigo' que se distanciou das suas raízes havaianas, seduzido pelo way of life inicialmente criado pela máquina de marketing californiana, e posteriormente fortalecido pelas bem-sucedidas indústrias de surf australianas. Hoje, o lifestyle do surfista é muito mais ditado pelos valores californianos (americanos) e australianos (que pouco se preocupam com a dimensão espiritual) do que pelos havaianos. De sua família havaiana de atividades cotidianas consagradas, tanto a hula quanto o holo nalu são praticados no Brasil. E aqui, no Brasil, os adeptos desses dois irmãos do he'e nalu continuam respeitando e praticando os ritos, os cânticos e as preces que caracterizam a espiritualidade havaiana. Entre esses três irmãos, filhos da religião-mãe do Hawaii, o surf é o que menos reverencia a herança havaiana contida no seu DNA. Por tanto, se eu levasse a minha enquete para as praias do Brasil, acredito que a minha pergunta traria três atitudes à tona. Como em toda religião, sem contar o grupo de daqueles que não acreditam, encontraríamos três biotipos de fiéis. O primeiro biotipo seriam os simpatizantes. No caso do surf, e do ponto de vista de religiosidade, poderíamos considerá-los "os inconscientes". Eles se sentem atraídos para o surf, mas não qualificariam conscientemente essa atração como sendo uma coisa religiosa. Esse grupo seria composto de surfistas-atléticos. O surf para eles é um esporte; uma expressão do físico, com pouca ou nenhuma qualidade espiritual. Provavelmente, isso é porque a dimensão espiritual não os atrai, nem faz parte do resto da vida deles... Aliás, é bem capaz que achassem, de tudo isso escrito aqui, que não tem "nada a ver", é a maior babaquice... Se é que agüentariam ler até aí. Esse grupo, o maior dos três, forma a base da pirâmide da população surfística. O segundo grupo de biotipos religiosos seriam os praticantes. No caso do surf, trata-se dos que vivem o surf dentro e fora da água. Esses, quando fora da água, manifestam um surf-religião de uma forma semiconsciente, por meio de uma expressão quase sempre artística. Quando fora da água (em vez de anestesiarem as suas saudades do mar com "sex, drugs and rock&roll"), geralmente reproduzem o feeling que tiveram dentro da água, via alguma manifestação artística. A sua arte, como o seu surf, exerce a função de "re-ligar" a sua persona externa com a sua alma interna ("re-ligare" é a origem em latim da palavra "religião"). Para mim, esses sur-



fistas são provas vivas de que o surf autêntico é muito mais do que um esporte. Se você juntar 100 jogadores de qualquer "esporte" (basquete, futebol, etc.), aposto que nem 10% tem uma inclinação artística. Junte 100 surfistas e veja o que vai dar!! Tocam instrumentos, pintam, filmam, fotografam, escrevem poesia, etc. Eu já toquei violão com Clyde Aikau, Rob Machado, Beau Young, só para citar alguns exemplos. Na minha opinião, o Brasil está repleto de surfistas com uma profundidade artística excepcional. Entre eles, o meu herói é o fotógrafo, artista plástico, e músico Rick Werneck. Se o Laird Hamilton é o exemplo perfeito do Waterman, o Rick é o nosso exemplo perfeito de um Surfista-Artista. Esses formam o meio da pirâmide, por serem bem menos numerosos do que os da base. O terceiro grupo de biotipos religiosos seriam os fundamentalistas. No caso do surf, esses conscientemente fazem dele um veículo espiritual. O surf nos pés de um desses é um exercício explícito de misticismo; comparável, e até complementar, à prática de ioga, t'ai-chi ou análise junguiana, que busca a "individualização". O surf é um meio (geralmente entre outros praticados) que eles usam para buscar o autoconhecimento; que é o 're-ligar' *ipsis literis*, definitivo, e portanto a meta final de qualquer religião. Esses surfistas, no meu entender, seriam os Alma-Surfistas... (sem querer babar no ovo da revista). Eles, por serem a minoria, ficam com o topo da pirâmide demográfica. Por coincidência, a maioria desses Alma-Surfistas também é dotada de um dom artístico. Além do mais, eles encaram a sua arte da mesma forma que encaram o surf: com a consciência de que, quando bem aplicado, é mais uma ferramenta de autoconhecimento. Aquele surfista que reúne o físico, o artístico e o místico, eu costumo chamar de "surfista tridimensional", ou "surfista 3-D". Como todos sabem, o guru-mor deste grupo de eleitos só poderia ser o Gerry Lopez. Será por mera coincidência que ele foi criado no Hawaii? Ou seria por sincronicidade? Reconsiderando os três biotipos, me ocorreu que essa distribuição demográfica também pode servir para mapear o crescimento etário do surfista individual (com as devidas exceções, lógico): Dos 10 aos 25, o surfista tende a ser um Surfista Atlético. Ele pratica um surf visceral. Dos 25 aos 40, a chama abranda-se, e ele dedica-se tanto à sua arte, que é o seu surf fora da água, quanto ao surf dentro dela. Quando ele bate na porta dos 40 anos, passa (como todos passam: surfistas e não surfistas) pela turbulência que Jung estudou e rotulou de "metanóia", que vem do grego e quer dizer "mudança essencial de pensamento ou caráter; transformação espiritual". Aos 40, entrando no "segundo tempo" da sua vida, cada vez mais perto da morte do que do nascimento, todo ser humano é obrigado (até fisiologicamente) a reavaliar seus valores e suas metas de vida. Nesse momento, o indivíduo enfrenta a bifurcação mais importante de sua vida. Ou recusa aceitar a eventual vinda da morte, e essa rejeição tranca o indivíduo num mundo de Peter Pan... ou, se souber aproveitar esse desafio mortífero, abraça o fato e se prepara para a sua desencarnação por meio de uma busca espiritual intensificada. Surfistas com essa vocação, depois de quatro décadas de vida, vão fundo no caminho do Alma-Surfista. Em que grupo ou estagio etário está você? Em que nível da pirâmide? Com a maioria, na base? No meio, fazendo a sua arte? Ou meditando no topo? Encerrando, existem dois outros grupos que não sei bem como classificar. Um é aquele composto de surfistas simultaneamente fiéis a uma outra religião convencional, que usam o surf para expressar, e até pregar, essa sua religião paralela. Um exemplo desses seriam os chamados "Atletas de Cristo", mas considero a fé desses mais uma questão de "surf com religião" do que uma manifestação daquilo que está sendo discutido aqui: "surf e religião". Na ponta oposta desses missionários, no "lado

de lá" desse espectro de "surf e religião", imagino uma personagem mítica. Não conheço nenhum (a não ser na minha fértil imaginação!) e, portanto, esse nem faria parte de um grupo, seria o estágio de um alma-surfista que se realizou alcançando outro patamar, onde ele transcende, e até dispensa a onda propriamente dita. Esse já teria levado o conceito de equilíbrio interno a tal ponto que estaria surfando o tempo todo, sem ter que "acrescentar água". Este quarto biotipo seria o do surfista virtual. Quem me abriu os olhos para o conceito do "surf desidratado" foi o Peter Troy, quando o ciceroneei pelo Brasil ano passado. O surfista virtual seria um kahuna entre os alma-surfistas. O surfista virtual que imagino seria como os famosos mestres do zen, que mesmo sem treinar o *bushido* (arte da espada) seriam capazes de derrubar qualquer samurai. Se algum dia um alma-surfista alcançar a tal "individualização", esse surfista virtual, mesmo que nunca mais tivesse a chance de entrar no mar, viveria entubado. Exemplo? Sei lá, eu. O Silver Surfer; talvez. Ou, quem sabe, um dia, o Taiú. Conclusão. O Surf nos dias do He'e Nalu, sim; era religião... Talvez uma das mais puras expressões religiosas que a humanidade já viu. O Surf moderno: não. Analisando o surf moderno de um ponto de vista coletivo, a nossa atual atividade aquática tende muito mais para o materialismo do que para a religiosidade. E mais: enquanto o surf moderno continua se distanciando de sua origem havaiana, ele vai se tornar, cada vez mais, um outro esporte a ser manipulado, e marketeado pelo "Matrix". Mas, se esse filho pródigo do Hawaii voltar para a casa dos pais (suas raízes polinésias), o surf coletivo novamente será um sublime exemplo do verdadeiro significado do RE-LIGARE. Até lá, o relacionamento entre o surf e a religião vai ser um assunto individual que depende de cada surfista. Termino esse ensaio com umas palavras que imagino o Kahuna de 1778 me dizendo....

"Quanto mais a vida cotidiana do surfista fora da água for 'religião'... tanto mais o He'e Nalu dele será *pule*¹. Quanto mais ele fizer do seu mundo um *heiau*² ... tanto mais *mana*³ ele terá juntado, para alimentar a sua *aumakua*⁴ e para usar quando esta deixar para trás o corpo, finalmente livre para dar a sua quedinha no oceano-além. Mahalo nui loa, ha'ole, por ter perguntado e ouvido a minha opinião. Aloha."

1. Pule: prece.
2. Heiau: lugar super sagrado/templo.
3. Mana: energia vital que sustenta a alma e o corpo.
4. Aumakua: a falca divina, semente do deus pai, em cada pessoa. O nosso espírito.



Whisther-37
Novo modelo

Felipe Freitas - Atleta SPY com modelo 37



SPY
A gente vê melhor por aqui
tel (11) 4701-8722 - www.spy.com.br

maresia lab

plpizgnpm

>>> novo site

> www.mareia.com.br >

Raphael Becker
surfista profissional

Lécio Batista
skatista profissional

Christiano Spino
surfista profissional



FALTA DE ÁGUA NO PLANETA AGUA?

Por Silvia Maria Sartor

Sim, o nome é Terra, mas o mais correto seria Água, já que a maior parte do nosso planeta é constituída dela. Não entanto, o precioso líquido da vida já começa a ficar escasso.

"A Terra é azul", constatou Yuri Gagárin, o primeiro e privilegiado astronauta que a avistou lá de cima. E é azul porque tem 1,5 bilhão de quilômetros cúbicos de água. Tomando apenas a extensão de sua superfície, temos 71% mais água do que terra firme no planeta. O ciclo é perfeito e interminável: o Sol aquece o solo, os rios e os mares; então, o vapor sobe, agrega-se formando nuvens, daí cai em chuva, alimentando rios, lagos, represas e lençóis subterrâneos. É assim desde que o mundo é mundo, o que nos leva a pensar que a água é um recurso natural abundante e inesgotável.



2,5% água doce

Apenas 2,7% do 1,5 bilhão de quilômetros cúbicos da água existente no planeta são constituídos de água doce, o restante é água marinha. Dessa já pequena porcentagem, grande parte está congelada nas regiões polares. Somente 0,7% estão escondidos no subsolo, e míseros 0,007% encontram-se na forma de rios e de lagos. Se pegarmos uma garrafa com 1,5 litro de água e a dividirmos proporcionalmente, como a encontramos no planeta, a quantidade de água doce disponível seria equivalente a uma única e insignificante gota. A situação é ainda mais grave quando se considera a crescente poluição, especialmente nos grandes aglomerados urbanos. Mesmo parecendo pouco, o total de água doce disponível seria suficiente se não houvesse o desperdício e a poluição. Segundo a Organização das Nações Unidas, no último meio século, a disponibilidade de água por ser humano diminuiu 60%. Enquanto isso, a população aumentou 50%. O Brasil dispõe de grandes reservas de água doce, equivalentes a 13-16% do total existente no planeta, mas sua distribuição é muito irregular. Cerca de 68% de nossos recursos hídricos estão no Norte, onde a população é reduzida. Apenas 3% estão no Nordeste e 6% no Sudeste, onde existe maior contingente de habitantes. Falta água na maioria das bacias do Nordeste, na região que serve a Grande São Paulo, em regiões de Minas Gerais, Bahia e em algumas áreas do Rio Grande do Sul.

POPULAÇÃO ESGOTA ÁGUA DOCE, ALERTA A ONU

Há 150 anos a possibilidade de escassez seria uma previsão inacreditável. Entretanto, no século XX, a população mundial triplicou. Mais gente no mundo implica dizer mais indústrias, mais desperdício e, principalmente, mais irrigação das lavouras. Resultado: o consumo de água nesse período acabou aumentando seis vezes! De acordo com o Banco Mundial, cerca de 80 países já enfrentam problemas de abastecimento. Segundo relatório recente da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), órgão controlado pela Organização das Nações Unidas (ONU), a população mundial está esgotando os recursos do planeta num ritmo sem precedentes e insustentável, que precisa ser contido rapidamente para evitar um desastre global, em especial com a escassez de água. "Mais pessoas estão usando mais recursos e com intensidade maior do que em qualquer outro momento da história humana", enquanto as reservas hídricas do planeta estão secando. Atualmente, 1,1 bilhão de habitantes do planeta – o que corresponde a um sexto da humanidade (18%) – não têm acesso ao fornecimento de água e 2,4 bilhões (39% da população mundial) não dispõem de saneamento básico. As taxas de uso da água já são insustentáveis em vários países. Em cidades da China, da América Latina e do sul da Ásia, o nível dos aquíferos (águas subterrâneas) cai mais de 1 metro por ano. Desde 1970, a quantidade de água disponível *per capita* vem diminuindo. Enquanto as reservas hídricas secam, a demanda cresce assustadoramente.

TAXAS INSUSTENTÁVEIS

A população mundial, que dobrou para 6,1 bilhões nos últimos 40 anos, deve saltar 50%, segundo a projeção, dentro de mais um século, para 9,3 bilhões. Muito desse crescimento ocorrerá no mundo em desenvolvimento, cujas reservas já são superexploradas. O relatório afirma que a água está sendo usada e poluída a taxas catastróficas. A previsão é de que em 2025 haverá um acréscimo de 15% na utilização anual das reservas disponíveis de água doce, nos países em desenvolvimento. O relatório diz que 1,1 bilhão de pessoas já não têm acesso à água limpa, número que deve chegar a 2,3 bilhões em 2025 (o relatório da ONU, preparado para a Conferência RIO+10, em Joanesburgo/África do Sul, indicou que mais de 2 bilhões de pessoas já enfrentavam escassez de água no mundo, e a previsão apresentada para 2025 foi de 4 bilhões enfrentando esse problema) ou, de acordo com o relatório "Água para as pessoas, água para a vida", das Nações Unidas, se não forem tomadas medidas urgentes visando implementar o uso racional dos recursos hídricos do planeta, 60 países e 75% da população mundial enfrentarão sérios problemas com a falta de água até o ano 2050. Serão 7 bilhões de pessoas sofrendo com o problema. Em 2050, 4,2 bilhões de pessoas (mais de 45% do total mundial) estarão vivendo em países que não podem garantir a cota diária de

vidamarinha
basicamente surf Brasil 992-03



Thiago Macaco.

Mais que instinto.
Não estilo de vida.



www.vidamarinha.com.br

(48) 462-0788 adm@vidamarinha.com

50 litros de água por pessoa para suas necessidades básicas. No Brasil, a cota média utilizada atualmente é de 200 litros/dia/pessoa. Se tudo correr bem e a humanidade usar a água de maneira racional, ainda assim, 2 bilhões de pessoas em 48 países sofrerão com o problema até 2050. Nos países em desenvolvimento, até 95% dos esgotos e 70% dos rejeitos industriais são simplesmente despejados em cursos d'água, sem tratamento. Em função da falta de saneamento, a ONU estima que 5,3 milhões de pessoas, na maioria crianças, morrem todo ano por doenças causadas por água contaminada. O Ministério da Saúde adaptou essa realidade brasileira: 30% das mortes de crianças com menos de 1 ano de vida se devem à diarreia e 65% das internações pediátricas são causadas por doenças também relacionadas à água.

COMO É USADO O RECURSO MAIS IMPORTANTE PARA A VIDA:

No Brasil, a agricultura é o setor que utiliza a maior parte da água disponível, cerca de 59%. O consumo doméstico e comercial vem a seguir, com 22% e, por último, as indústrias, que gastam 19% do total. É claro que a divisão das águas é irregular. Cerca de 60% estão na Amazônia, onde vivem cerca de 17 milhões de brasileiros. Os demais 143 milhões têm de se conformar em repartir os 40% que sobram. E dá para imaginar que os habitantes do Agreste nordestino não gastam com a mesma despreocupação de um paulista ou de um carioca a água racionada até para beber. Estima-se que o desperdício, só em São Paulo, seja de 10 m³ (ou 10 mil litros) por segundo. A água jogada fora poderia ser aproveitada por 4,3 milhões de pessoas por dia. Tanto líquido derramado leva especialistas respeitáveis, como o geólogo Aldo Rebouças, consultor de várias universidades, a concluir que a crise não é de falta d'água, mas de mau gerenciamento de recursos hídricos. As recomendações médicas indicam que o ideal é beber diariamente entre 2 e 3 litros de água. A água representa cerca de 70% do peso corporal de uma pessoa. A maior parte desse volume não se acumula nas veias e artérias, como se imagina, mas dentro das células ou nos interstícios entre elas. O transporte dos sais minerais e de outras substâncias para dentro e para fora das células é feito por soluções aquosas, e o controle da temperatura do corpo depende da água, pois é pelo suor que controlamos uma parcela do calor interno. Sabe-se que todos os dias uma pessoa perde cerca de 800 mililitros de água pela transpiração, além de 1,5 a 3 litros pela urina, 0,5 litro na respiração, e ainda 200 mililitros que dão a consistência pastosa das fezes. Se o volume perdido não é repostado, a pessoa entra em processo de desidratação, que pode ser fatal. Aliás, a água é mais importante para a vida do que a comida: sem beber, uma pessoa tem apenas três dias de vida. Sem alimento, ela pode resistir, em média, até 40 dias.

Por isso mesmo, a água tanto contribui para manter o indivíduo vivo como pode matá-lo se estiver contaminada. Sendo tão importante em todas as funções do organismo, ao transportar bactérias e vírus nocivos pode provocar uma pane no seu funcionamento. Pode-se imaginar o que anda pelo corpo do brasileiro sabendo-se que 58% dos municípios do país não têm água tratada.

USO DOMÉSTICO O DESTINO DA ÁGUA EM CASA	
Em média, os brasileiros gastam 200 litros por dia. Veja como é a divisão:	
Outros	03%
Lavagem de carro	12%
Higiene (banho, escovar os dentes)	25%
Consumo (cozinhar, beber)	27%
Descarga no banheiro	33%

RIOS AGONIZANTES: AS FONTES E ÁGUA DOCE SOFREM CADA DIA MAIS COM A POLUIÇÃO

Considerado um país rico em água doce, o Brasil utiliza os rios de forma desorganizada e irresponsável. A carência de água é secular no Nordeste. Nas grandes cidades, a poluição impede, muitas vezes, o uso da água dos rios locais para abastecimento. Apenas cerca de 20% do volume de esgoto lançado nos rios brasileiros passa por algum tipo de tratamento. O restante é lançado in natura, o que configura grave risco à saúde pública, porque a maior parte das doenças do brasileiro é transmitida pela água. A reversão da poluição dos rios é tarefa que deve durar décadas, a julgar pela experiência de países como EUA, Inglaterra e França. Trata-se de uma longa caminhada, que só terá sucesso se resultar de um pacto entre governos, setor produtivo e sociedade civil. Falta em alguns lugares, excesso em outros e sujeira por quase toda parte. Nas regiões Norte e Centro-Oeste, jogam-se metais tóxicos, como o mercúrio do garimpo, nos rios. No Sul, a ameaça está nos produtos químicos dos pesticidas agrícolas. No Sudeste, o volume de esgoto aumenta com a concentração urbana. Represas e mananciais agonizam diante da depredação ambiental, das ligações clandestinas de esgoto, do lançamento de detritos químicos e da ocupação de áreas próximas aos reservatórios. Estudos da Sabesp, a Companhia de Saneamento Básico

97,5% água salgada



Rietveld

www.RietveldUSA.com

11-3333-4570



Foto Barry Tuck



Foto Fábio Tozzi



Foto Ita Kirscht/ Reflexo



Foto Fábio Tozzi



Foto Levy Paiva

do Estado de São Paulo, mostram que, mesmo que todo o sistema disponível conseguisse tratar os esgotos, somente o lixo das ruas carregado pela chuva para os famosos rios Tietê e Pinheiros, seria suficiente para contaminá-los. "A condição dos rios reflete o uso que nós fazemos das nossas cidades." Os rios da cidade de São Paulo deveriam ter a função de drenar a água da chuva e conduzi-la às estações de tratamento, mas não é o que acontece. No estado em que se encontram, eles acabam contribuindo, na verdade, para as enchentes, que infernizam a vida dos moradores da cidade.

LÍQUIDO DE VALOR

Infelizmente, é necessário chegar ao fundo do poço para perceber que é necessário cuidar de nossos recursos naturais. Seja por consciência ou por necessidade, a sociedade vai aprender que a água não é para ser desperdiçada ou agredida com detritos. O preço do líquido está subindo por causa disso; só se dá valor quando falta.

O QUE PODE SER FEITO

Para evitar a crise da água, serão necessárias doses de bom senso e muito dinheiro. Teremos de evitar o desperdício, interromper os processos poluidores e criar novas maneiras de captação, controle e distribuição. Começaram a aparecer por todo o mundo outras formas de obtenção de água. Uma muito compreensíveis, outras meio fantásticas e de alto custo: reciclagem da água pelas estações de tratamento, usinas de dessalinização, reutilização, abertura de poços artesianos, reservatórios de retenção de água antes da evaporação, aproveitamento de icebergs dos pólos, distribuição da água proveniente de redes separadas de abastecimento, uma com água potável, para uso imediato, como na cozinha, e outra com água limpa mas não tratada, usada para atividades como lavar o quintal, regar o jardim ou utilizar na descarga do banheiro. Em alguns lugares mais críticos já se pensou até em construir reservatórios para recolher o orvalho da noite. O problema da falta de água nas torneiras é sério, mas existem soluções, e nem são assim tão difíceis. Para começo de conversa, economia é a palavra de ordem. Economizar ao máximo. Em alguns lugares dos Estados Unidos, para citar um exemplo, a falta de água é tão preocupante como em cidades brasileiras do Nordeste. A diferença é que lá o governo faz marcação cerrada para combater o desperdício, e a população tem a cultura do uso eficiente. Lavar um automóvel na calçada, na Califórnia e no Canadá, pode dar até cadeia. Na maioria dos países já existe consenso a respeito da cobrança pelo uso da água bruta, aquela que é captada sem tratamento, diretamente de rios, lagos ou represas. Vale lembrar que na maioria dos países, inclusive no Brasil, paga-se pelo serviço de fornecimento da água, não pela água em si. Os críticos do esquema de cobrança, porém, alegam que os mais pobres são prejudicados com essa medida. Ou seja, podem até acontecer revisões nesse capítulo, mas, em países onde a falta de água potável é crítica, a cobrança está se tornando fundamental. Estamos acostumados a escovar os dentes com a torneira aberta, passamos muito mais tempo do que o necessário no chuveiro e, em geral, não falamos nada quando o vizinho lava o carro e deixa a mangueira derramando na calçada.

NA BUSCA DO QUE PODE SER FEITO - RECICLAR A ÁGUA PODE SER UMA SOLUÇÃO

Pela Lei nº 9.433/97, o Governo Federal instituiu a Política Nacional de Recursos Hídricos e criou a Agência Nacional das Águas (ANA), em julho de 2000. As indústrias então tiveram que incorporar tecnologias de reutilização de recursos hídricos, pressionadas pela perspectiva de pagar uma taxa adicional pelo uso dos rios, para captação de água e despejo de resíduos. Muitas indústrias de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, as quais se abastecem no rio Paraíba do Sul, apressaram-se em adotar essas medidas para evitar as cobranças, pela ANA, de R\$ 0,008 por metro cúbico de água captada e R\$ 0,02 por metro cúbico de efluente devolvido sem tratamento. A opção das empresas pela chamada reutilização vem se consolidando a partir de exemplos bem-sucedidos, que comprovam ser mais viável investir do que pagar mais por recursos cada vez mais críticos. Os índices de economia com o reaproveitamento da água são compensadores, assim como a qualidade utilizada no processo produtivo e os benefícios na conta dos efluentes. A água reutilizada pode baratear muito os custos da empresa, custando muito menos que a água convencional (R\$ 0,30 por metro cúbico contra os R\$ 5,80 pagos pela água tratada). A exemplo do governo paulista, pólos industriais estão sendo criados em vários municípios para que as empresas possam compartilhar sistemas de reutilização. Pólos como esses tendem a se multiplicar por interesse das próprias indústrias, com reflexos positivos, que vão desde o caixa das empresas até a redução da pressão sobre os mananciais que abastecem grandes cidades. Os resultados tendem a incentivar também a criação de leis estaduais para o uso racional e a proteção de microbacias.



Silvia Maria Sertor é mestre e doutora em Biologia e Oceanografia. Atualmente, coordena o Instituto Oceanográfico de Santos (IOS) e é professora do curso de Oceanografia da UNIMONTE (Centro Universitário Monte Serrat), em Santos - SP.

NOVA ROUPA FUSE: VALORIZANDO SUA LIBERDADE

- Neoprene G-Flex Titanium 2
- Mangas e Ombros 100% Ultra Stretch
- Costura Flatlock
- Gola com acabamento Cobalt Glideskin
- Modelagem 3D Anatômica
- Textura Especial Anti-Velcro nos Ombros
- Garantia Extendida de 3 anos

Rell Sunn

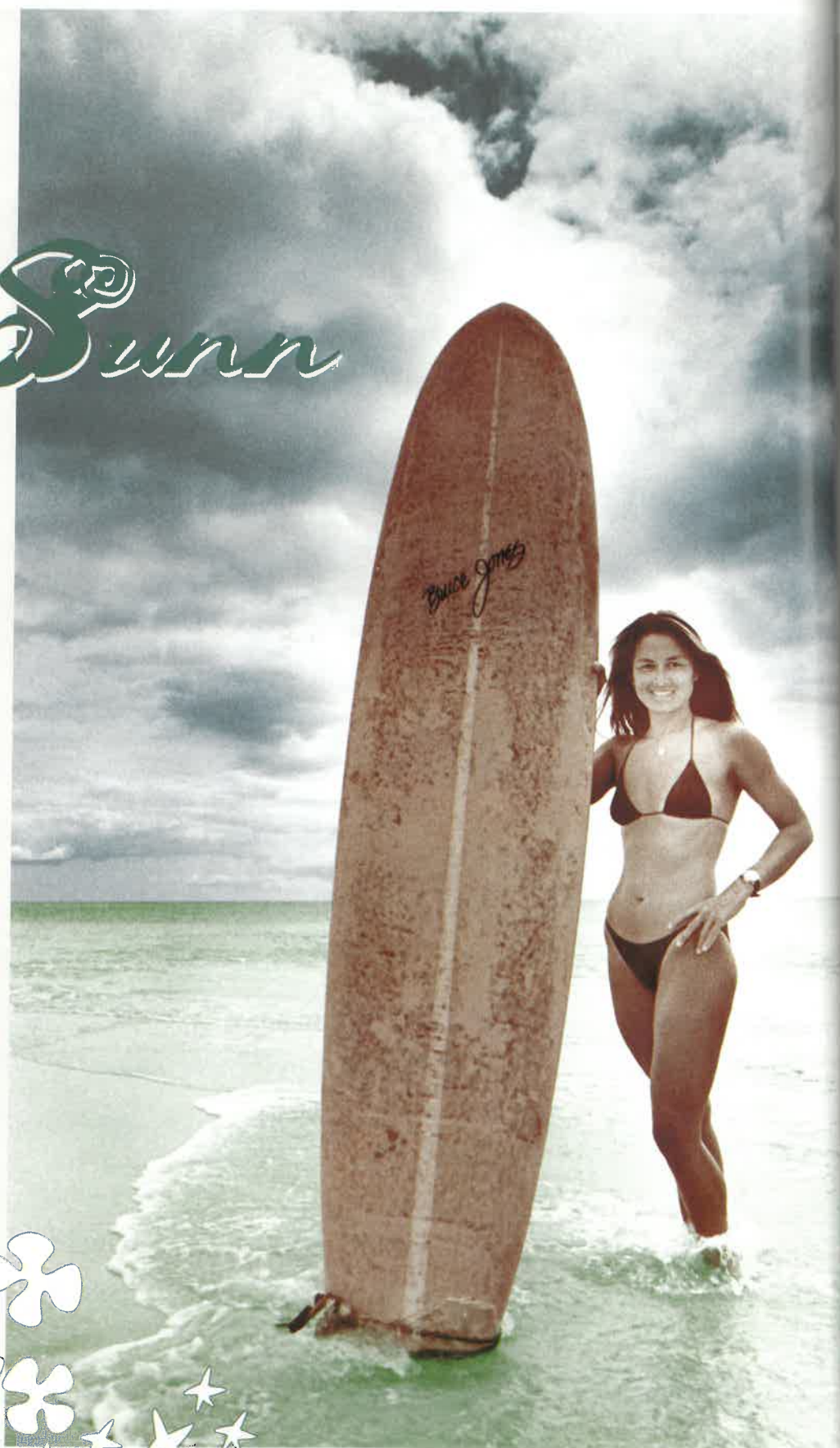


Foto Dennis Oda/Star

Kapolioka'ehukai a alma do oceano

Por André Cotrim

Sempre me lembro de um anúncio publicado na *Brasil Surf* pelo Daniel Friedman em que Randy Rarick, o próprio Daniel e creio que Michael Ho aparecem ao lado de uma jovem linda chamada Rell Sunn de passagem pelo Rio, voltando de sua primeira viagem internacional à África do Sul. Segundo seu próprio testemunho, ela vendeu tudo... o que tinha e o que não tinha, para descobrir no destino final que para mulheres simplesmente não havia prêmio em grana, só troféu. Na época, eu não fazia ainda a mínima idéia de que um dia teria o prazer de visitar Makaha e aprender a viver e surfar a vida sossegada das ilhas. Nem imaginava que aquela linda pessoa seria responsável pelo futuro do surf feminino profissional que conhecemos hoje.



O estilo de vida e a dedicação ao surf que recentemente vim a conhecer mantiveram "auntie" Rell viva por muitos anos em sua batalha feroz contra o câncer. Treinada desde a mais tenra infância por ninguém menos do que Buffalo Keaulana, Kapolioka'ehukai iniciou sua vida no mar aos 4 anos de idade. Coração do Mar, esse foi o nome dado a Rell por sua avó, nativa da costa de Waianae. Em 1966 Rell já havia visitado a Califórnia como surfista amadora na companhia de Duke Kahanamoku. Por cinco anos Rell seria a surfista número 1 das ilhas Havaianas. Em 1975 ela seria uma das co-fundadoras da WISA (Women's International Surfing Association), iniciando, juntamente com Mary Setterholm, Jericho Poppler e MaryLou (McGinnis) Drummy, o que viria a ser o primeiro circuito feminino profissional. Em 1979 Rell ativou a WPS (World Professional Surfers), acompanhada por Jericho Poppler, Lynne Boyer, Margo Oberg, Cherie Gross, Linda Davoli, Debbie Beacham, Becky Benson e Brenda Scott, estabelecendo definitivamente a presença feminina no cenário internacional. Em 1982 Rell já era a número 1 do mundo na categoria longboard. Nunca tive o prazer de ser apresentado a essa incrível personalidade, tive sim a oportunidade, recentemente, de ser convidado a assistir a um filme produzido pela PBS e dirigido por Lisa Denker em Kilauea. A première sobre a vida e a luta de Rell Sunn contra uma doença que transformou sua vida numa batalha contra o tempo, iniciada durante um campeonato em Huntington Beach, Califórnia, em 1982. Antes de escrever este texto, pensei em contactar Margo Oberg, que, sendo minha vizinha e contemporânea de competições de Rell, poderia me contar mais sobre a trajetória dessa water-woman tão querida nas ilhas. Desisti da idéia e resolvi fazer um depoimento das minhas impressões sobre o filme. Afinal, o filme/documentário é completo, cheio de depoimentos da própria Rell. Quem tiver chance de conferir deve fazê-lo sem vacilo. O filme não é sobre surf, mas sim sobre o que o surf pode fazer e significar para os que entendem o esporte como uma religião e necessidade na vida. Uma mensagem de energia e espiritualidade, com entrevistas feitas meses antes da passagem de Kapolioka'ehukai para o outro lado. **Fiquei impressionado com o talento de Rell como mergulhadora, lutando pelo alimento diário simplesmente pescando na frente de sua casa, na costa de Waianae, em Oahu.**



Foto Jeff D

Totalmente acompanhada pelas criaturas marinhas, que, segundo ela, estavam sempre por perto para proteger. Uma Amakua, ou espírito de uma pessoa que já morreu, retorna na forma de uma tartaruga, tubarão ou peixe, viven-

do nas águas em que a pessoa surfa ou pesca. Rell afirmou sua total comunhão com o oceano e as ondas desde a mais tenra idade, passando adiante essa fé para as crianças de Makaha, inclusive sua própria filha, que, além de ser responsável pelo Menehune Event, no Hawaii, promove as trips para o Festival Anual de Biarritz e ainda surfa, dedicando-se à cultura da Hula Kahiko, seguindo o exemplo de Rell. Makaha não é um lugar fácil de se viver, especialmente para uma mulher sozinha com uma filha para criar, sem apoio de um esposo ou companheiro. Crimes, drogas e frustração são parte da vida cotidiana. A pobreza é real, por incrível que pareça. Nada tão miserável como se vê na América do Sul... mas, para os padrões do Hawaii, pobreza total. A taxa de gravidez juvenil é altíssima, o abandono da vida escolar nem se fala. Rell, no entanto, considerava Makaha o paraíso na terra. Dedicou sua vida a esse cantinho das ilhas. Notei também no documentário um incrível progresso na técnica de Rell, apesar da doença que a perseguiu até seu falecimento, em janeiro 1998, uma mulher determinada que, mesmo sob intensa quimioterapia, não parou de surfar até o dia de sua morte. As imagens da década de 70 em Makaha ou Sunset mostram um surf mais restrito e ainda simples. Com o tempo, as imagens de Rell com

Foto Jeff D



Foto Jeff D

Na página anterior, Rell Sunn surfa no Arpoador, durante o Waimea 5000. Acima, praticando um ritual havaiano. Ao lado, a rainha havaiana prepara-se para a refeição.



Foto Jeff Divine

Rell Sunn surfando no quintal de casa. À direita (P&B), sendo entrevistada durante sua visita a França

seu bonezinho e surfando com pranchas, a princípio antiquadas, mostram um surf mais técnico e polido. Dá gosto de ver como ela progrediu em estilo e técnica. No filme a gente nota que Rell encontra no surf e na água sua fonte de vitalidade e alegria. Saí da sala de projeção para a social, patrocinada pela Fundação Americana do Câncer de Mama, com a certeza de que Rell ajudou, com sua energia e esperança, centenas de mulheres. Muitas mulheres detectaram a doença ainda num estágio inicial, vivendo agora uma vida normal e feliz graças aos ensinamentos de Rell. É incrível como a luta de Rell afetou a vida das pessoas, muito além do mundo do surf. "Auntie" Rell dedicava parte do seu tempo ao centro comunitário, em Makaha, e às palestras sobre câncer, trazendo a público um assunto totalmente obscuro. Para uma mulher que passou toda uma vida na praia, usando biquíni, a mastectomia certamente foi um marco duro e difícil. Rell, no entanto, descreve no filme a situação com tanta graça e esportiva que acaba transformando o evento numa situação superável. Difícil para ela era estar fora da água nas fases de tratamento radioativo. Rell Sunn é um ícone do esporte, uma pioneira que merece ser lembrada e admirada pelas meninas que sonham um dia se dedicar ao surf, seja por esporte ou profissão. Espero sinceramente que o patrocinador que virou as costas para ela quando mais precisava, por causa da "imagem", esteja fora do negócio há muito tempo, tomara que totalmente envergonhado pela atitude mesquinha. Rell reagiu como a Rainha de Makaha, não mencionando o nome da marca ou empresa no filme, mas qualquer um que conferir as fotos, do início dos anos 80, pode concluir qual foi a companhia que jogou no lixo a oportunidade de estar associada à lenda viva de Makaha, querida por todos, exemplo de renascimento e vitalidade espiritual. Fiquei realmente impressionado com a vida de Rell Sunn. Eu havia lido matérias e entrevistas, sabia de sua doença e luta, mas não havia registrado o fato de seu falecimento. Me lembro agora de que vi uma matéria na TV sobre o funeral na praia, em Waianae. Havia realmente me esquecido do fato, e só quando recebi o convite para a apresentação do documentário foi que registrei a coisa. Valeu a pena assistir. Aprendi mais um pouco sobre as coisas que realmente importam nesta vida. Posso sinceramente afirmar que fiquei um pouco mais agradecido e feliz com a minha própria vida, ainda tão cheia de chances e oportunidades



Foto Yannick Le Toquin



Foto Jeff Divine

para estar na água, e desfrutar do futuro das minhas duas filhas. Espero, se Deus permitir, que elas se tornem dedicadas ao oceano também, como faz minha esposa, que surfa direto e que agora tem Rell como exemplo de dignidade. Durante as sessões de quimio em hospitais, no maior veneno, ela sempre pedia aos amigos e amigas que surfassem uma onda por ela. Rell foi diagnosticada aos 32 anos de idade, e não deram a ela 6 meses de vida em 82. No entanto, ela superou todas as expectativas, vivendo o surf na alma até 98. Dedicou sua vida à proteção do meio ambiente por meio da Surfrider Foundation e várias outras instituições. Rell acreditava que o câncer se deveu a resíduos químicos adquiridos por causa de sua dieta, já que ela não tinha um histórico de câncer na família. Uma luta que durou 15 anos. No filme Rell ainda mostra total determinação e beleza em entrevistas gravadas até dois meses antes de sua passagem... Impressionante, muita coragem mesmo! Vou sempre dedicar uma onda a esta mulher que não conheci pessoalmente mas que certamente me inspira respeito e alegria de viver. Vale a pena assistir, quem tiver chance deve ver. Seria mesmo bacana, principalmente para as mulheres surfistas do Brasil, que alguém apresentasse esse documentário, que é uma lição de alma e vida.

Aloha Nui, Hana Hou Kapolioka'ehukai

Billabong
 @ PRO
 ÁFRICA DO SUL
 2003 J-BAY
 15 A 25 DE JULHO

NÃO PERCA A
 TRANSMISSÃO AO VIVO
 EM PORTUGUÊS
 PELO SITE BillabongPro.com

CAMPEONATO MUNDIAL DE SURF - WCT
 PREMIAÇÃO US\$ 250.000



SURF ITÁLIA

A ITÁLIA TEM SURF SIM, E DO BOM!

Por Nik Zanella
Tradução Viviane Palladino



nto - Ligúria por Giuseppe Repetto



Argentiera - Sardenha por Antonio Ronchini



Milhões de estrangeiros visitam a Itália todo ano. Vejo essa multietnia da janela do meu carro. Eles vão a igrejas e lojas de roupas de marca, enquanto eu dirijo em direção à praia com minha prancha. Será que alguém nota que o surf está bombando? Existem surfistas nessa multidão? Se sim, eles não gostariam de pegar boas ondas?

Varazze - Ligúria por Giuseppe Repetto





Foto Giuseppe Repetto

Eu sei que para a maior parte de vocês deve soar estranho surf na Itália. Mas, pense desta forma: você não se amarraria em surfar ao pé de templos de 2 mil anos de idade ou em um pico que fica a apenas 30 minutos da Piazza di Spagna, da Fontana di Trevi ou do quarteirão tomado pela Prada no centro de Roma? Não acharia legal conhecer picos em pequenas vilas de pescadores de ilhas como a Sicília ou a Sardenha, onde a vida corre no mesmo ritmo do século XV? Especialmente para surfistas das Américas e de todos os países latinos, vir para o Mediterrâneo significa redescobrir as raízes da sua cultura. Pelas mesmas praias que nós surfamos hoje, os imperadores romanos unificaram pela primeira vez o mundo latino há 2 mil anos atrás, o Renascimento aconteceu e as civilizações ocidentais modernas se desenvolveram com tudo de bom e mau que veio com elas. Hoje em dia, o Mediterrâneo ainda é o epicentro de políticas convulsivas e que dão motivos para a guerra. Pense em lugares como a Líbia, o Líbano e Israel; o sangue ainda está sendo derramado hoje, como se estivéssemos nas Cruzadas do século XII. Deixando um pouco a história para trás, por décadas os estrangeiros pensaram que a Itália significava apenas o Coliseu, espaguete e igrejas renascentistas. O que muitos ignoram é que a nossa orla marítima não é na verdade tão pequena assim. Dêem a ela condições meteorológicas ideais, e vocês verão boas ondas em cerca de 300 picos, ao longo da península de 1.500 quilômetros de costa. Lógico que não conseguimos pegar o swell de longa faixa com o qual outras costas da Europa ficaram famosas, mas apesar do que o resto do mundo pensa, a Itália tem surf. Especialmente na primavera e no outono. Durante esses períodos, a costa oeste italiana é beneficiada pelos ventos de noroeste (dominantes no Mediterrâneo), que produzem cerca de 180 dias de ondas surfáveis todo ano no continente, e 200 dias na costa oeste da Sardenha. O surf é um esporte legítimo na Itália, com cerca de 25 mil seguidores, algumas revistas de surf (veja www.surfnews.com), campeonatos europeus credenciados pela EPSA (ASP européia) e atletas patrocinados. A qualidade de alguns picos despertou até o interesse de mitos como Dave Kalama, Joel Tudor, Joel Fitzgerald, Mark Occhilupo e Martin Potter, que pegaram ondas perfeitas no continente e nas ilhas. A imprensa internacional, depois de 30 anos de silêncio, recentemente mostrou um grande interesse pelas ondas



HISTÓRIA

e pelos surfistas do Mediterrâneo. *Surfer's Path*, *Surfer's Journal*, *Transworld*, *Surfing Japan* e muitas outras impressionaram seus leitores ao mostrarem esse novo e recém-descoberto ambiente surfístico. A recente popularidade é resultado de 30 anos de crescimento que o cenário do surf local viveu. Com uma população de 56 milhões de pessoas, a Itália teve o seu verdadeiro surf-boom apenas na última década. Trinta anos se passaram desde que o explorador australiano do surf Peter Troy, na sua rota em direção à Argentina e ao Brasil, deu a sua primeira cavada numa onda italiana, em 1963. Agora, a população de surfistas excede 25 mil pessoas e tem a sua maior concentração no noroeste (Toscana e Ligúria), ao redor de Roma, no nordeste (Romagna) e na costa oeste sarda. As confiáveis previsões de vento e ondas tiveram um papel-chave na expansão do esporte por aqui. As condições de surf na Itália dependem das baixas pressões que entram no Mediterrâneo pelas bordas ocidentais em face do Atlântico. A intensidade e o timing dos swells eram quase imprevisíveis até a chegada da Internet. Lógico que os locais barras-pesadas estão reclamando que os reefs estão ficando cada vez mais crowdados atualmente, mas imaginem que este novo conhecimento do surf ficou acessível a mais e mais pessoas, criando uma situação sólida e um mercado estável.

A ILHA DA SARDENHA

Muitas vezes, o modo como nos aproximamos fisicamente de um lugar determina como iremos lidar com ele e com suas potencialidades. Há duas formas de chegar a uma ilha. Você pode voar em direção a ela ou pode pegar um barco. O voo para Cagliari ou Olbia dura uma hora (de qualquer cidade italiana), e leva você rapidamente para lá. Mas se quiser explorar essa ilha tão peculiar e sua cultura de um modo mais profundo, você tem que embarcar em Civitavecchia, ao norte de Roma, e curtir uma viagem noturna. Uma noite sobre o mar leva embora toda as frustrações do intenso modo de vida "continental" e o deixa pronto para o alvorecer na ilha vasta e de intenso azul. A balsa traça a mesma rota que era feita nos tempos do Império Romano. Desde então, a travessia sobre o mar aberto é uma experiência que todos os viajantes da Sardenha devem passar. Se o swell estiver bom, e normalmente está, essa viagem de surf e cultura poderá se tornar uma fábula do seu livro de histórias ao pé da lareira.

Dois picos da Ligúria. Na página anterior, Chiavari; abaixo, Varazze.

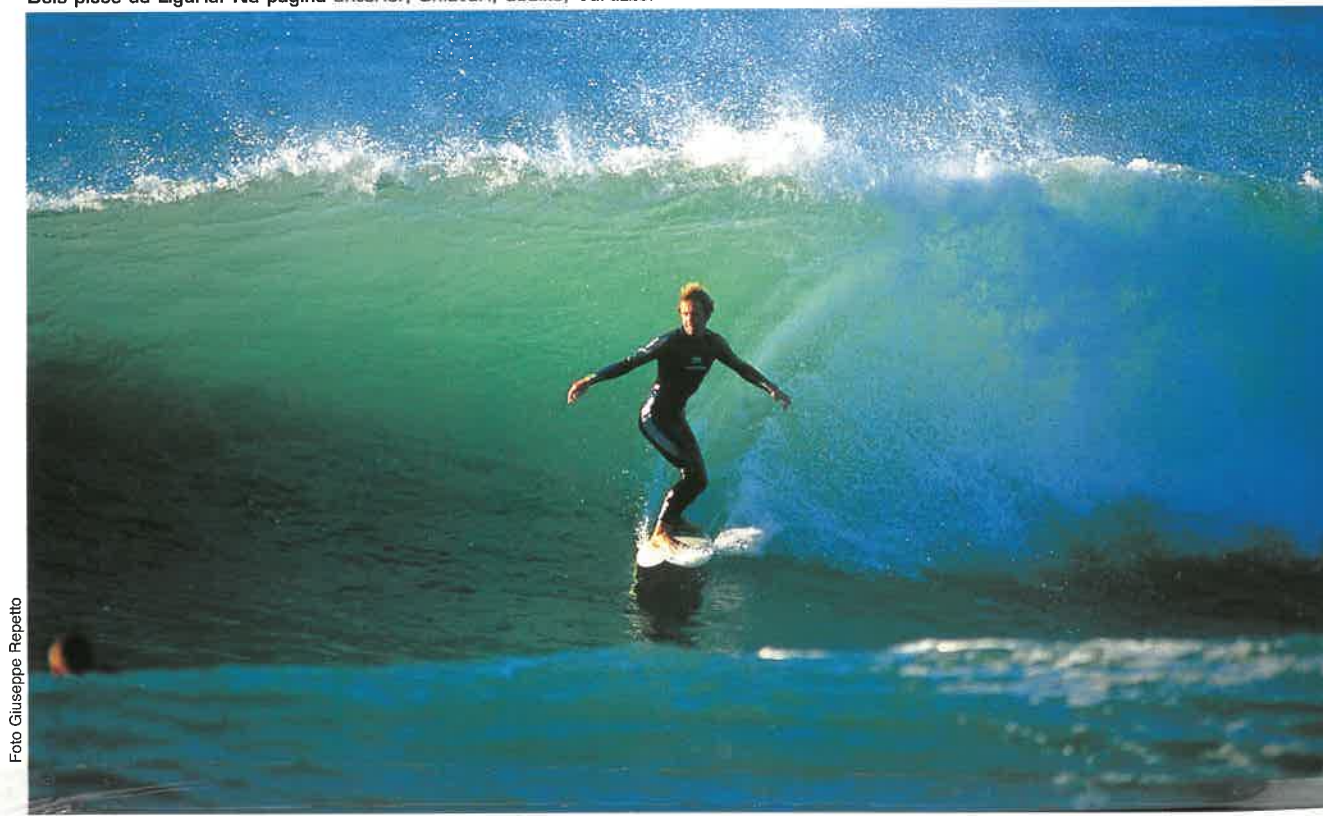


Foto Giuseppe Repetto

Desde a chegada dos fenícios, a Sardenha sempre foi considerada um local distante. O local era remoto mas perfeito, ideal para mudar os rumos de uma trip no sudeste italiano. De fato, a rota clássica de comércio e colonização sempre foi do sudeste (Grécia e Palestina) ao noroeste (até a Andaluzia, passando por Cartago (hoje Tunísia, no norte africano)). Essa posição fez da ilha uma mistura de culturas e de povos, desde 2.000 anos antes de Cristo. Mas a terra sarda nem sempre é hospitaleira. Noventa por cento da ilha é montanhosa. A única região importante de terras baixas é a planície sudoeste. O assentamento humano é difícil nas montanhas devido à inclinação das escarpas e às chuvas pesadas, que provocam deslizamentos de terras e enchentes. O aperfeiçoamento da agricultura em pequenos terrenos de nível foi retardado em alguns lugares por inundações, ou pela falta de umidade durante o calor e a seca, semelhantes aos dos verões africanos. Os produtos mais importantes são tipicamente mediterrâneos: uvas, limão, azeitonas, laranja e trigo. Há intensa criação de cabras e ovelhas. A pesca sazonal de atum ainda existe em algumas regiões. Lagostas e os melhores



Foto Giuseppe Repetto

frutos do mar da Itália são trazidos para as peixarias locais. Não importa se a sua tarefa é pescar atum na "mattanza" ou tirar leite de cabra para fazer queijo em uma cabana nas montanhas Barbagia, morar nessa ilha sempre significou trabalho pesado e luta contínua com os elementos da natureza. Talvez essa seja a razão pela qual mesmo hoje seu povo e sua cultura mantêm uma identidade à parte. **OS SARDOS** são um povo tímido e não muito comunicativo. No entanto, uma vez encontrado o canal certo de comunicação, eles serão os melhores amigos que você poderia ter por perto. Esse sentimento profundo de pertencer à terra e à tradição também provoca efeitos colaterais sobre os picos de surf. Os points de Capo Mannu, em Oristano, estão testemunhando um dos maiores problemas na Europa atualmente. Os locais reclamam que muitos "continentais" estão explorando os seus picos. "Continente" e "exploração", duas palavras que

acompanham a história deles há muito tempo.... Surfe fora de temporada, evite feriados de Páscoa e os raros swells de verão, e ainda poderá ter o lugar quase que inteiro só para você. A viagem de Roma a Ollia ou Cagliari leva até 13 horas, mas pode custar um preço justo se você for com carro próprio e alguns amigos. Já a balsa, é um pulo de volta ao passado, grande, enferrujada e cheirando a graxa e cordas molhadas. A parte de baixo é grande, cheia de carros e de caminhões manobrando no meio da fumaça. Subindo as escadas, um simpório self-service parece uma cantina da indústria do pós-guerra, com café servido em xícara de plástico e bancos de metal. Mesmo assim, a comida é fresca e boa, e o preço é bem baixo. Antes de embarcar, você vê a galera no porto: ambulantes norte-africanos em caminhões carregados, muitos policiais voltando para casa depois de meses de trabalho e italianos de classe média levando a família para passar um tempo na ilha. Eles sabem que fora da estação (de outubro a maio) o lugar é muito melhor do que no verão — as praias ficam desertas e os preços caem drasticamente. Depois, o negócio começa a pesar, quando o barco segue em direção ao oeste, e a única coisa que se vê é um mar aberto e escuro. Depois que todas as luzes desaparecem no horizonte lá atrás, você tenta andar na cabine e o swell se apresenta, junto com todos os barulhos que ele provoca na balsa. O Mediterrâneo nordeste é uma faixa de água imprevisível: navegar por ela era considerado extremamente perigoso durante os invernos até o século XVIII. A verdade é que, com nove rajadas de vento sudoeste gritando de um lado (nós o chamamos *libeccio*, porque vem da Líbia), o barco é solavancado pelo mar aberto em ondas de até 4 metros de altura. Se você faz idéia do que está procurando, vai ficar literalmente agitado desde o momento em que sair do porto e por todo o percurso até a Sardenha. Você pode contar as ondas e os lugares, e devagarinho escorregar pra dentro dos seus sonhos... se a cama não balançar muito! **O MISTRAL** é famoso por ser o vento dominante no Mediterrâneo. Os surfistas italianos checam constantemente as baixas pressões que surgem ao redor da Espanha, sabendo que, logo que uma entra na baía central, a costa oeste da Sardenha pega fogo. O restante da Itália ainda desfruta do mesmo vento que produz as boas ondas, mas elas já não acabam sendo tão potentes e duradouras quanto na ilha. O mar que as ondas encontrarão ao se aproximarem da costa vem crescendo desde o oceano, mas já está lapidado e com potência suficiente para que tubos perfeitos bombem sobre os corais. Para que você entenda quantos swells entram na costa oeste da Sardenha por ano, deve considerar que todas as baixas pressões que vêm do Atlântico e entram no Mediterrâneo criam um padrão de vento (sudeste, leste, sudoeste, oeste e noroeste) que pode durar semanas. A ilha é a segunda maior do Mediterrâneo (só é menor que a Sicília) e tem 267 quilômetros de extensão (de norte a sul). Sendo assim, a alternância de picos descobertos ou escondidos é interminável. E essa é apenas a metade



Foto Emiliano Mazzoni

Na página anterior, Chiavari, na Ligúria. Acima uma onda solitária quebrando em Il Sale, Toscana. Abaixo, duas ruínas do Império Romano, na Sicília.



Foto Emiliano Mazzoni

MISTRAL



Foto Emiliano Mazzoni

Foto Giuseppe Repetto



oeste da rosa-dos-ventos. Você vai encontrar muito mais ondas se explorar o lado voltado para leste, sudeste, norte e nordeste. Os surfistas italianos aprenderam a seguir o swell conforme ele se movimenta pelo país. Basta uma boa olhada nas previsões da Internet e algum cash para o combustível, e você poderá seguir o swell conforme ele se dissipa do oeste em direção ao leste e, prevendo as ondulações de sul, surfar primeiro na costa leste. Um swell típico começa com ventos de sudeste, produzindo boas esquerdas em Cagliari, na ponta sudeste da ilha. Depois o vento vira para sudoeste e dá vida aos picos perto de Alghero, Sant' Antioco, Oristano e toda a região sudoeste. A força do vento obriga a surfar alguns picos mais protegidos, mas a costa está muito atingida e com bastante vento, e alguns beachbreaks e reefbreaks com ventos terral e lateral não são raros. No segundo ou terceiro dia de sudoeste (muitas vezes desagradavelmente úmido e chuvoso), o vento muda para noroeste e se revitaliza. É quando todos os points começam a quebrar melhor, o sol aparece e muitas nuvens rápidas anunciam que o bondoso mistral pegou no timão. Antes de atingir o mar, o mistral é muito seco. Ele vai pegando a umidade das cristas das ondas durante o seu percurso em mar aberto, e você pode senti-lo frio e molhado. O cheiro dos diferentes ventos é algo tipicamente mediterrâneo, e nós adoramos isso. Quando percebo o cheiro provocador do mistral chegando e das flores do campo, eu ainda fico excitado depois de muitos anos de viagens para surfar na ilha. Por algumas razões, o mistral dura números ímpares de dias; como 1, 3, 5 ou 7. Quanto mais ele dura, mais tempo o swell preciso perdurará depois que o vento for embora. Depois do último noroeste, se você ainda quiser ondas, terá que seguir o swell ao longo da costa leste. E se tiver sorte, o tour das ondas pode começar novamente com uma nova depressão cruzando os Pireneus. **O TEMPO NA ILHA** pode ser muito quente no verão (mais de 35°C), mas nunca tão tórrido quanto na Sicília. Os invernos são brandos e, mesmo que caia neve no topo das montanhas, a costa nunca atinge temperatura inferior a 10°C. Uma boa veste de 3 milímetros dá quase que para todo o inverno. Traga botas, já que boa parte das ondas quebram sobre corais e rochas vulcânicas. Você precisará de todos os tipos de prancha se quiser aproveitar o melhor das ondas da ilha. Uma prancha pequena comum, com rails, funciona para a maior parte dos dias, mas uma prancha maior (não mais do que 7 pés) pode ser necessária para surfar picos em condições épicas. Uma prancha menor e mais gorda pode ser útil em dias de um beachbreak pequeno e de swells com vento fraco. Traga leashes extras, quilhas e kit de reparo. Com exceção

DIREITAS LONGAS

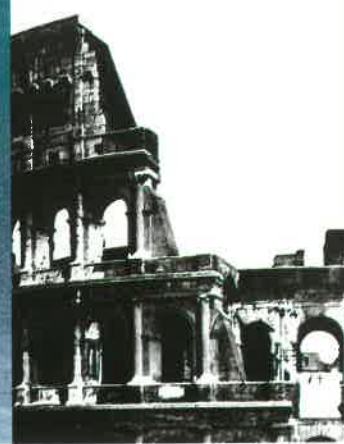
Foto Emiliano Mazzoni



Foto Emiliano Mazzoni

da região de Cagliari, as lojas ficam um pouco fora de mão nos picos. **CAGLIARI** é a capital da Sardenha, uma cidade muito movimentada, mais rica do que a maior parte das áreas rurais da região e com uma vida noturna ativa. O sudoeste é a única baixada da ilha. A paisagem é avermelhada e prejudicada pelo cobre e as muitas minas de ferro. Mas a cidade é interessante, com bastante verde, palmeiras e um aroma selvagem no ar. Poetto é o point, a praia mais perto para os turistas e locais. Com areia e 6 quilômetros de extensão, ela diverte muitos locais com uma batelada de picos favorecidos por ondulações de sudeste e leste. A linha costeira que cerceia a cidade é cheia de lugares com grande potência surfística, seja no leste ou oeste. Visite as praias de Chia, 50 quilômetros a oeste de Cagliari, que oferece alguns picos favorecidos por todos os swells de sul. Se você for em direção ao oeste da capital, Racca Point é outra jóia do oceano, onde você pode pegar boas ondas com ondulações de sul com bom tamanho. Passe a vila de Capitanìa na rota costeira e vá em direção ao mar até encontrar um camping. As esquerdas quebram no reef, são longas e ficam boas quando Poetto começa a fechar. Continue indo para leste se as condições estiverem boas, e cheque os picos em volta de Villasimius. Na direção oposta, se você estiver olhando para norte de Cagliari, procurando ondas em um novo swell de oeste, tome um desvio e procure a ilha de Sant' Antioco, ainda na província de Cagliari. Essa ilha tão seca está ligada à terra por uma estrada estreita e oferece direitas longas que funcionam com ondulações de sudoeste, oeste e noroeste. Perto da praia principal (Spiaggia Grande), depois da pequena cidade de Calasetta, uma boa onda vem da bancada de corais em direção às praias arenosas. O nome "Maresciallo" (marechal) é devido ao fato de as

ondas quebrarem em frente a uma vila isolada particular de oficiais. O pico Goneddu é também uma boa parada na estrada de Cagliari, mas ao norte da ilha. Quando chega o mistral, o lugar para estar na Sardenha é Putzu Idu, perto de Oristano. Lá é a meca do surf no Mediterrâneo: Capo Mannu é uma península vulcânica, entrando no mar do leste para oeste. Em qualquer swell noroeste, vários picos começam a quebrar. Existem dois points localizados no topo e no meio da península. Muitos reefs no lado protegido



Na página anterior, o backdoor de Varazze. Nesta página, surfista sardo em Capo Mannu. Abaixo, o visual do line-up de Laguna, na Sardenha.



Foto Sacchetti



Foto Alessandro Servadei



Foto Giuseppe Repetto

(Minicapo) e no lado exposto (Laguna). Este lugar recebe swell noroeste de qualquer tamanho, e a onda principal é uma direita longa chamada "Il Capo" que começa devagar e se transforma em uma arrebentação tubular. Segura até 10 pés de onda e é considerado um dos poucos picos de onda grande na Itália. Infelizmente Capo Mannu é um dos locais mais famosos para surfar no país, e um bando de surfistas e windsurfers, pros ou não, começam a aparecer logo que uma pontinha de swell entra no Mediterrâneo. A estrada estreita que vai de Oristano para lá atravessa um dos últimos lagos "africanos", um habitat perfeito de flamingos rosa e pássaros selvagens de diversos tipos que descansam durante os meses de inverno. A pequena Putzu Idu parece uma cidade fantasma nos meses frios: paredes brancas, casas vazias e lojas fechadas (toque a campainha, e eles virão). Algumas pessoas famosas visitaram o lugar no último ano, como Dave Kalamã, Nat Young, Joel Tudor, Donavon Frankreiter, Heath Walker e outros menos conhecidos. A qualidade e a consistência do pico impressionaram a todos eles. O outro lugar favorecido por ondulações de oeste que você tem que conhecer é Porto Ferro, perto de Alghero, na ponta noroeste da ilha. A grande baía arenosa também recebe marais e às vezes forma linhas brancas longas durante dias após o vento. O melhor reef da região é uma esquerda, no canto extremo sul da baía. É preciso um swell potente para rolar, mas é certo e devastador. A região é cheia de picos, porém alguns são muito difíceis de serem descobertos. O extremo norte também é surfável. A costa norte de Porto Ferro é boa com swells de noroeste também. Rolam muitos picos, de Stintino (Sassari) a Santa Teresa, onde os surfistas são amigáveis e as praias, vazias e virgens. **A COMIDA SARDA** é tão variada quanto a história de seus povos. Experimente *spaghetti con bottarga* (ovas de peixes secadas ao sol), bolinho de peixe e *zuppa di pesce* (sopa de peixe), especialmente na região de Oristano. Na região costeira, os frutos do mar são maravilhosos, mas evite o norte da Costa Esmeralda durante o verão. Os preços podem facilmente duplicar por causa dos muitos V.I.P.s italianos que passam o verão na ilha. A comida do interior da ilha é provavelmente o mais fiel resquício da cultura pré-histórica do lugar. Ingredientes simples, carne, queijo, macarrão feito em casa e vinho de mesa podem levá-lo de volta no tempo, quando os pastores passavam longos meses nas montanhas com o seu rebanho. O queijo de cabra é muito saboroso, experimente-o com mel e pimenta. Não deixe a ilha sem ter experimentado *porcheddu*. Um porco em fase de amamentação, de 3 ou 4 quilos, cozido embaixo da terra, com pedra quente e carvão. Adiciona-se semente de murta (uma erva típica do Mediterrâneo e oeste asiático) e temperos, e a pele fica crocante, a carne suave e com gosto de leite. Se você realmente estiver com vontade de experimentar esse tipo de comida, deverá achar um restaurante ou um agriturismo que possa fazer o *porcheddu*, contanto que você agende o almoço ou jantar com antecedência. O prato leva pelo menos meio dia para ser preparado. O que chamamos de agriturismo é um casarão cujo senhorio oferece cama, café da manhã e eventualmente refeições. Os preços são justos, e é uma boa oportunidade de você ter contato com a cultura local.

Nik Zanella é editor da revista *Surf News*.

PRAIAS VIRGENS

De cima para baixo, Ravenna, Levanto, uma das maiores ondas da Itália, e fim de tarde em Laguna, na ilha sarda.

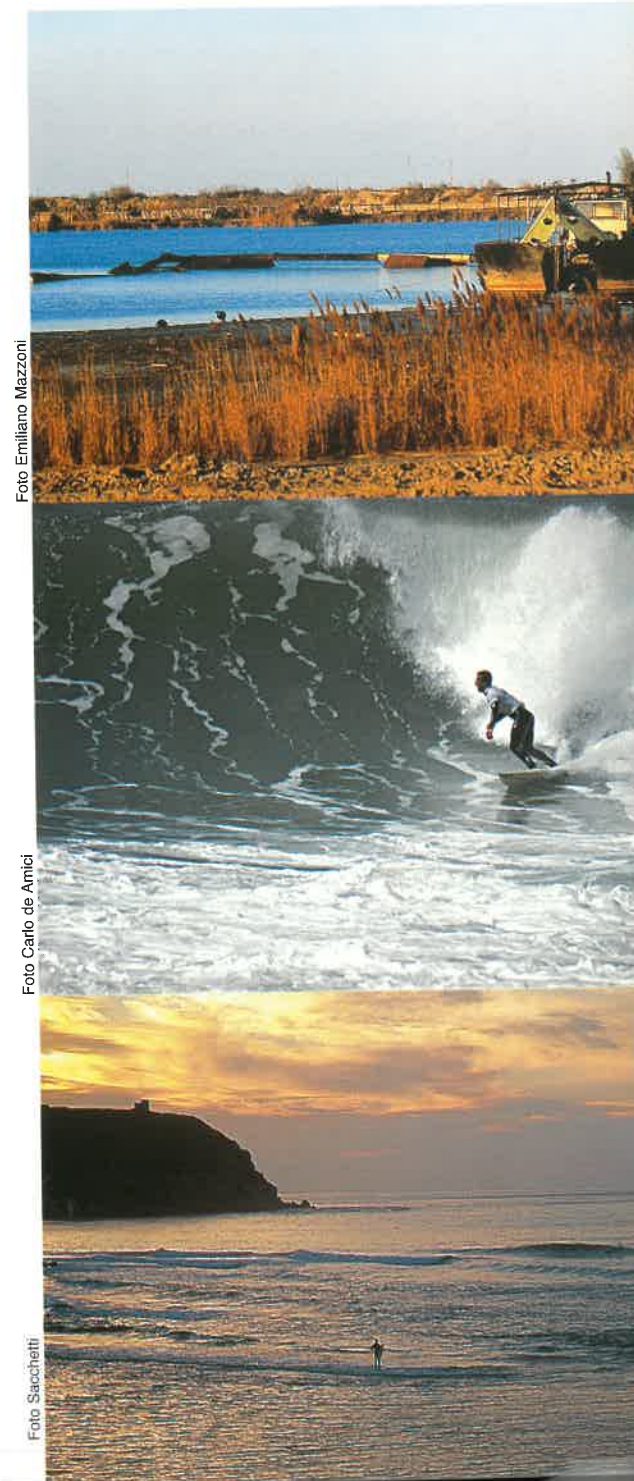


Foto Emiliano Mazzoni

Foto Carlo de Amici

Foto Saccchetti

No alto da página, Gùroneddu, na Sardenha, e logo abaixo Varazze.



Foto Francesca Susini

Secret point próximo a Roma.

AS ONDAS DO CONTINENTE

Por Viviane Palladino

Se, mesmo assim, você ainda estiver achando que não tem surf na Itália, saiba que, somente no continente, o site Wannasurf, um dos melhores guias internacionais de surf, aponta 47 picos, sendo que muitos, principalmente na Calábria e na Sicília, ainda não foram totalmente explorados. Além da Sardenha, os melhores lugares para se surfar na Itália estão na Ligúria e no Alto Lázio (ao redor de Roma). Localizada no norte da Itália continental, **A LIGÚRIA** é a região que melhor se beneficia da baixa pressão oceânica, principalmente no outono e final de verão. Vários picos são conhecidos por lá. Em Gênova, Capo Marina é favorecida por ondulações de sudoeste e as ondas podem chegar a 2 metros. São direitas tubu-

lares com fundo de pedra que podem estar vazias, desde que não seja verão. Indo de carro, a meia hora de Gênova está Varazze, considerada um dos melhores surfes do mediterrâneo. A onda principal tem uma direita tubular de até 4 metros que quebra sobre um recife artificial e leva o mesmo nome. Se estiver muito grande, outro lugar na mesma praia fica muito bom, Backdoor, uma onda longa e forte. Ainda na Ligúria, Chiavari é favorecida pela desembocadura do rio Entella e produz boas esquerdas nas ondulações de sudoeste. Levanto, uma cidadezinha pequena, tem uma das maiores esquerdas do norte da Itália, vale a pena conferir! Recco é outra praia com boas ondas na Ligúria. O point fica em frente a uma piscina coberta com o mesmo nome e funciona com todos os swells de sul, produzindo direitas longas e fáceis. **AO REDOR DE ROMA**, também existem boas ondas. Algumas quebram em Santa Marinella; onde são conhecidos seis picos com ondas variando entre 1 e 3 metros. Na praia de Banzai, rola a Feira de Surf Italiana, que recebe muitos convidados importantes (este ano vai de 11 a 13 de julho). Cerca de 2 quilômetros acima de Banzai, você encontra direitas cavadas num point que quebra diante das mais belas ruínas romanas, chamado Cala della Morte. Pouco crowdado, este pico é exceção na região, podendo atingir 12 pés plus. Na mesma região, um restaurante na praia de San Felice Circeo dá nome à onda que quebra em frente, Saporetti. São esquerdas de 2 metros, com fundo de areia e pedra. Um pouco mais acima, **A TOSCANA** também tem ondas boas para o surf. Na praia de Viareggio, existem três picos tranquilos, com direitas e esquerdas quebrando sobre fundo de areia. Já em Livorno, mais precisamente Il Sale (que fica a 1 quilômetro do porto de Livorno) é mais crowdado e exige um pouco mais de experiência. Quebram para os dois lados ondas fortes e rápidas. O pico é meio difícil de encontrar. **EM VERSÍLIA**, uma praia de 20 quilômetros compreendida entre o mar Tirreno e os Alpes Apuanos, Forte dei Marmi é a região mais conhecida. Lá rolam direitas e esquerdas não tão fortes quanto nas outras regiões citadas anteriormente, mas sempre com crowd. O lado do continente voltado para o mar Adriático também pode render boas ondas, mas que ainda não foram tão exploradas quanto as voltadas para o Mediterrâneo ocidental. Localizada 15 quilômetros ao norte de Ravenna, Adria é o melhor lugar para surfar no Adriático norte, uma direita rápida e, nos bons dias, longa, podendo atingir 2,5 metros. No verão, é possível acampar na praia, desde que você a mantenha limpa. **NA SICÍLIA**, uma direita localizada em San Leone, chamada Il Kaos, é um beachbreak somente para surfistas experientes. Fica na face sul da ilha e quase sempre está vazia. Vale a pena. Magaggiari, na praia de Cinisi, tem boas esquerdas com fundo de areia, gostosas de surfar e favorecidas pelas ondulações de norte e noroeste. A vista também é bonita. Perto do porto de San Leone, há outro pico bom para iniciantes, favorecido pelas ondulações do sul: uma onda de fácil acesso que quebra para os dois lados, chamada Ponente. Bom, se eu ficar descrevendo um por um, este texto durará uma eternidade. A verdade é que, se você for a Itália, talvez descubra muitos outros picos dos quais não temos a mínima idéia. Não se esqueça de que a Itália é uma península... banhada de mar por todos os lados. E agora, você ainda acha que não tem surf na Itália?

EXISTEM MUITAS REVISTAS ITALIANAS DE SURF. AS MAIS CONHECIDAS SÃO A SURF NEWS, SURF LATINO, SURFISTA, REVOLT E KING SURFER.

Para saber mais informações sobre a Feira de Surf Italiana, veja: www.italiasurfexpo.it

Para outras informações sobre o surf na Itália, experimente:

www.surfnews.com; www.surfreport.it; www.surfcornet.it;

www.calvalcalonda.it; www.surfisti.it/Mambo; www.wannasurf.com



Foto Giuseppe Repetto

ONDE MAIS?



X-TREME RADICAL
SPORT VISION

That's Crazy

Modelo: Crazy Fire
Armação: TR-90 Grilamid
Lentes: MLG Mirror Revo
(Multi Layer Coating)
(D) Decentered

alphaline
Central de Vendas
0800-7041990

www.xtremesradical.com.br

Surfers: Flete e Thaina



JAWS

O DESAFIO DEFINITIVO

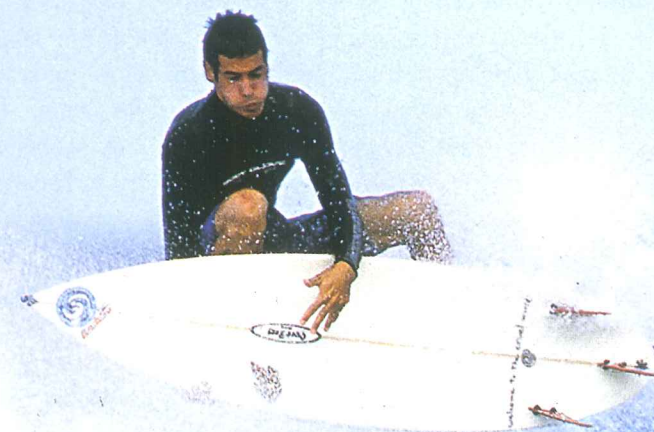
Por Zé Lucio Cardim

Uma disputa onde os maiores big-riders do mundo são puxados por jet-skis para dentro de ondas do tamanho de um prédio de cinco andares é provavelmente o que se pode chamar de "ultimate challenge" (algo como desafio definitivo). Mas, infelizmente, esta é a história do maior evento de surf do mundo que não aconteceu.

Como será lido nas próximas linhas, tudo foi planejado até onde o ser humano tem como interferir no "esporte dos reis". Infra-estrutura, segurança, premiação de 100 mil dólares, know-how da melhor qualidade, tudo. A natureza, no entanto, é perfeita, maravilhosa, soberana – e neste caso, brincalhona, também. Durante 70 dias, no auge do inverno havaiano, o mar não atingiu as condições mínimas para que a II Tow-In World Cup rolasse. Organizadores e patrocinadores atravessaram meio mundo para chegar ao arquipélago havaiano, partindo do Brasil, no que, à primeira vista, pode parecer um "mega-nada", um tiro de canhão na água. Mas que por outro lado também foi sensacional e elevou o padrão de profissionalismo em um evento ligado ao surf a níveis altíssimos. A Tow-In World Cup é uma iniciativa 100% verde-e-amarela, sonhada e trazida ao mundo real pelo jornalista Rosaldo Cavalcanti, o apresentador Jorge Guimarães e os diretores dos Estúdios Mega, que bancaram o projeto. Mega é uma empresa brasileira que tem como atividade principal a pós-produção de filmes para o cinema e publicidade. Alguns dos melhores filmes dessa retomada do cinema brasileiro, como *Cidade de Deus* e *Deus é brasileiro* foram pós-produzidos no Mega. "Eu já finalizava alguns trabalhos que faço para o Sportv e outros clientes no Mega", conta Rosaldo. "Num belo dia, pintou a idéia de fazer algo inédito em termos de ondas grandes. A idéia, que nasceu de um sonho de um dos diretores do Mega, foi tomando forma, amadurecendo e acabou originando a Tow-In World Cup. Depois que Joinha (Jorge Guimarães) e eu nos reunimos com o pessoal do Mega, fui pro Hawaii atrás de uma boa idéia. Quando cheguei, Eraldo Gueiros me falou de Jaws, dizendo que aquele lugar era perfeito para um campeonato de tow-in. A ficha caiu na hora. Claro, Jaws, a arena perfeita. Voltei para o Brasil com algumas fotos do lugar e todo mundo gostou", diz Cavalcanti. Sobre Jaws, um depoimento pouco questionável: "Estamos no meio do Pacífico, a temperatura da água é boa, temos vários picos que podem ser classificados como alvo – e estamos em casa! Temos toda a infra-estrutura. É duro sair daqui. E, honestamente, é difícil, neste momento, alguma onda superar Jaws". Quem diz isso é ninguém menos que Laird Hamilton, maior expoente do tow-in mundial. A primeira edição da Tow-In World Cup aconteceu no dia 7 de janeiro de 2002, e foi um absoluto sucesso, um espetáculo de gladiadores do século XXI com festa brasileira. Rodrigo Resende e o havaiano Garret McNamara venceram a competição, embolsando 70 mil dólares. Os outros brasileiros, Carlos Burle e Eraldo Gueiros, foram a terceira melhor dupla, atrás dos californianos Mike Parsons e Brad Gerlach. Esse dia entrou para a história como aquele em que algumas das maiores ondas da história do esporte foram surfadas. O vice-campeão Mike Parsons teve momentos distintos naquela tarde. Conseguiu a única nota 10 unânime da prova, com um tubo gigante. "Fui arrastado por uns 100 metros debaixo d'água antes de finalmente voltar à superfície", conta ele. A realização da primeira edição da Tow-In World Cup deixou o patrocinador igualmente satisfeito, por isso nada mais lógico que organizadores e patrocinadores apostassem num segundo evento, revisto e melhorado. A premiação foi aumentada. Desta vez seriam 162 mil dólares – 100 mil para a dupla campeã. O número de duplas saltou de 13 para 21. E mesmo assim houve surfistas que se sentiram

Eraldo Gueiros. Foto Divulgação

Cassio Panche
Hawaii

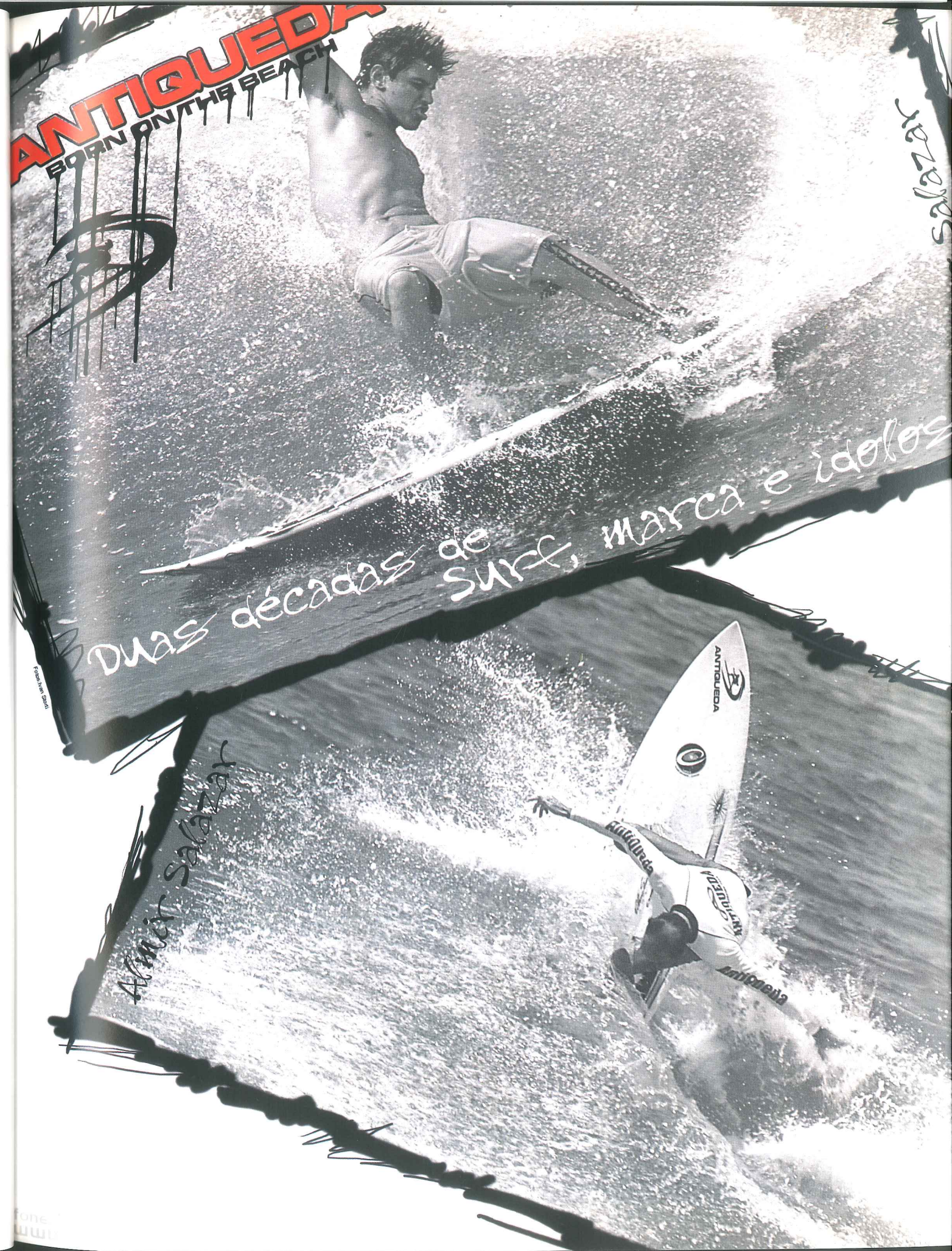



CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE SURF

wavegiant **wk**
wavegia

11 6096-2230
BRASIL

prejudicados por não estarem entre os convidados, mas isso faz parte do jogo. Enquanto no Eddie Aikau não havia nenhum brasileiro convidado, na Tow-In World Cup cinco brasileiros receberam convite: Eraldo Gueiros, Carlos Burle, Danilo Couto, Rodrigo Resende e Sylvio Mancusi. "É um evento em que os riscos são altos e por isso apenas as melhores e mais experientes duplas podem participar", explica Rosaldo. Apesar de a segunda edição da Tow-In World Cup ter melhorado em todos os aspectos – inclusive na contratação do guru da previsão de ondas, Sean Collins –, não teve jeito, e mais uma vez ficou comprovado que quem manda no surf é Netuno. Não que a temporada 2002/2003 tenha sido fraca de ondas, muito pelo contrário. "Tivemos vários, muitos dias com 18 pés, mas nenhum com 25 pés e perfeito", declarou Rodrigo Resende na ESPN Brasil. O local Troy Allotis chegou a dizer que essa era "a melhor temporada em anos! Temos tido vários dias com mais de 25 pés e mais de uma dúzia de dias com 15 pés plus. Para mim, é isso que faz um grande ano. Vento fraco e pouquíssimos dias de chuva". Mas, infelizmente, a II Tow-In World Cup foi sendo adiada consecutivamente durante os mais de dois meses de prazo de espera (de 20 de dezembro a 28 de fevereiro), até ser cancelada. Ainda que o começo de temporada tenha sido altamente promissor. O dia 26 de novembro de 2002 em Jaws está registrado nos anais do big surf como "um dia inesquecível". "Foi mesmo um dia incrível, tão grande e perfeito quanto as ondas podem ficar. Estava muito clean, quase sem vento, o que é muito raro em Jaws. O swell durou dois dias, com ondas de 30 pés", declarou Mike Parsons. "Algumas ondas estavam tão grandes quanto no primeiro campeonato. O swell foi do mesmo tamanho e as condições estavam muito mais clean. Eu vi Makua Rothman pegar uma que pode ter sido maior que todas as ondas da World Cup" (essa onda, terminada a temporada havaiana, foi considerada a maior registrada, com 66 pés havaianos e, vencedora do concurso Billabong XXL, rendeu a Makua 66 mil dólares de prêmio). Mesmo concordando que foi "um dia perfeito", o campeão Rodrigo Resende ainda fica com o primeiro evento. "O dia do outro campeonato estava maior e mais pesado do que 26 de novembro", diz ele. De qualquer forma, o dia 26 de novembro foi pesado o suficiente para romper todos os ligamentos do joelho do big-rider catarinense Everaldo "Pato" Teixeira, que teve de ser conduzido a um hospital. É para criar um clima enorme de expectativa em torno da realização da II World Cup. Outro indicativo de que Jaws bombou várias vezes, ainda que não com condições ideais para um evento de tal magnitude, foram as contusões sofridas durante os dias de treino – obviamente em ondas enormes. O havaiano Victor Lopez, irmão de Gerry, quebrou a perna e teve de ser substituído às pressas por Tony Moniz. Dias depois, em 3 de janeiro, foi a vez de o brasileiro Carlos Burle sentir na própria pele (e nos ossos...) toda a força de Jaws. Em um dia de ondas perfeitas de 18 pés, Burle não conseguiu furar uma onda e foi arremessado pelo lip. O resultado foi fratura da pélvis. "Foi horrível. Escutei o estalo. Meu desespero só não foi maior porque eu estava sentindo as pernas, mas sabia que algo sério havia acontecido", disse Burle. Mais uma baixa de guerra. A expectativa sobre o campeonato chegou ao auge no dia 10 de janeiro. "Boa notícia, à medida que a principal energia do swell vai acumular-se com mais força por todo o dia, na sexta-feira – com o pico do swell também transferido para mais tarde. Acredito que o swell terá alcance de 18 a 20 pés, com séries de 25 pés havaianos em Jaws." Esse foi o texto da mensagem enviada por Sean Collins na quinta-feira, dia 9, e que resultou na convocação imediata de todos os competidores. O que se viu na manhã seguinte, porém, era um mar lindo, com terra e ondas perfeitas, mas que atingiam, no máximo, 18 pés havaianos. "Quando chegamos de manhã, antes do evento, e vimos que o mar estava com 12 a 15 pés, sabia que não haveria campeonato", contou Makua Rothmann. "Quando terminamos a sessão matinal, fomos embora. Nem fiquei sabendo que haveria uma 'expression session'." Azar de Makua. Em consideração a todos os competidores que lá estavam, foi realizado um minievento, distribuindo 10 mil dólares para a melhor onda, o melhor tubo e a melhor manobra. Garret McNamara e Ikaika Kalama faturaram dois dos três prêmios oferecidos: melhor onda (US\$ 4 mil) e melhor tubo (US\$ 3 mil). Os também havaianos Dan Moore e Mark Anderson ficaram com US\$ 3 mil pela melhor manobra. "As ondas não foram tão animais, e as coisas estavam meio crowd", comentou Garret. "Mas é sempre bom vencer – e melhor ainda ser pago por isso." Um prêmio extra para Ikaika, outra vítima da fúria de Jaws. "Peguei uma bomba, cavei no bowl do inside e parti para passar a seção. Achei que tinha conseguido, até que enterrei a borda e a prancha travou. Foi horrível depois disso. Voei para a frente e caí em cima do ombro. Quando voltei à superfície, percebi que meu ombro tinha saído do lugar, e estava doendo como o inferno. Resumindo, tive de recolocar meu ombro no lugar ali mesmo", contou ele logo após a premiação. Os organizadores da Tow-In World Cup não se mostraram abatidos com o cancelamento da prova. "Um evento como este não pode rolar num dia qualquer, tem que ser no melhor dia do inverno havaiano", explica Rosaldo Cavalcanti. "E, no caso de um evento de ondas gigantes, o melhor dia vai ser o maior da temporada. Não ter realizado o evento foi uma pena, mas ao mesmo tempo sentimos que tomamos a decisão certa. Depois do primeiro ano, quando as condições estiveram épicas, seria um erro realizar a Tow-In World Cup num dia com ondas menores." Para os Estúdios Mega, nada se perdeu, pois se associaram à produtora Arenaplex e estão produzindo um longa metragem sobre ondas gigantes que deve ir para o cinema em 2003 – deve estreiar nos EUA em junho ou julho. O material coletado é de excelente qualidade, e ainda sobrou muita coisa que, somada às imagens da segunda edição do evento, seria suficiente para editar um documentário sobre as dificuldades e as complexidades que envolvem a produção de um evento dessa natureza. "Nosso objetivo é montar um filme com cerca de 80 minutos, enviá-lo para alguns festivais de cinema e negociá-lo com vários canais de TV do mundo", explica Rosaldo. Toda a expectativa deve ficar armazenada até o próximo inverno no hemisfério norte. "Em princípio, devemos realizar o evento na próxima temporada havaiana. Gostaríamos de ter uma janela de espera maior que a deste ano. De preferência com início a partir da segunda semana de novembro", prevê Rosaldo. Os maiores big-riders do mundo aguardam, ansiosos e carregados de adrenalina. Se houve tanta emoção em um evento que não rolou, imagine quando acontecer...





NO
PEITO
E NA
RAÇA

Por Alberto Woodward
Fotos Rick Leeks

Vencedor do Big Trip do ano passado, **Eraldo Gueiros** esperava pelas condições ideais para a Tow-In World Cup, quando se tocou que ainda não tinha uma onda para o Big Trip deste ano. Então resolveu encarar um desafio que poucos ousariam, surfar as gigantes de **Jaws no peito**.

Basta olhar as imagens publicadas nas diversas revistas que a gente tem por aí, para sacar que esse negócio de encarar **Jaws** no peito não é para qualquer um. Só este ano três surfistas tarimbados sentiram o peso das "mandíbulas", inclusive o seu parceiro Carlos Burle, e isso com tow-in. Considerado hoje mais carioca que pernambucano, Eraldo mostrou que guarda ainda uma forte herança nordestina: **é cabra macho!** Quando soubemos do feito, e que ele estaria em São Paulo logo em seguida, não deixamos por menos e o convidamos para visitar nossa Redação e contar como foi essa proeza. [Confira a entrevista.](#)

Com esta onda, uma das maiores pegadas na remada em Jaws, Eraldo Gueiros concorreu ao Billabong XXL Global Big Wave Awards da última temporada.

Alberto: E aí, cara, como foi essa história, de repente você resolveu encarar Jaws na braçada quando todos estavam de tow-in?

Eraldo: Na verdade, eu sempre tive vontade de surfar Jaws no peito. Como ouvir falar que o Big Trip estava valendo (a princípio, tinha sido cancelado), resolvi aproveitar a oportunidade para pegar uma onda grande na remada e disputar o prêmio. Eu estava em Maui, esperando o campeonato de tow-in. Logo, o melhor pico para isso era aquele mesmo. Aí teve um dia em que achei que as condições estavam ideais e fui.

A: Quantos pés tinha a onda?

E: Aquela onda tinha no máximo uns 18, 20 pés, 35 de face (11,5 metros). Naquela manhã eu acordei cedo, antes que os jet-skis

começassem a entrar, e fui lá com o Rick Leeks, um fotógrafo amigo meu, e disse: "Vamos registrar esta foto para a gente correr o Big Trip com ela". Peguei cinco ondas em mais ou menos uma hora e meia.

A: Então, quer dizer que não foi um ato de loucura, é realmente possível surfar Jaws no peito?

E: Com certeza é possível. Creio que no futuro Jaws vão ser as maiores ondas surfadas no peito. Porque quando está pequeno você já pega ondas gigantes, quando está grande então nem se fala...

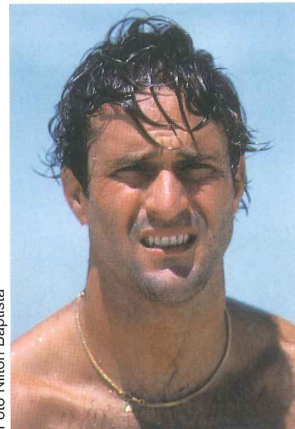


Foto Nilton Baptista

Eu acho que quando cresce mesmo é quase impossível surfar, porque do tamanho que eu surfei ali, já fui pego duas vezes pelo seriado (série). Lá não é um lugar muito confortável de você estar, porque as ondas vêm de várias direções, de leste, de norte. Você é surpreendido pelos seriados. Um pouquinho maior do que eu surfei, acredito que dê para surfar também, e vão ser ondas enormes para pegar no braço.

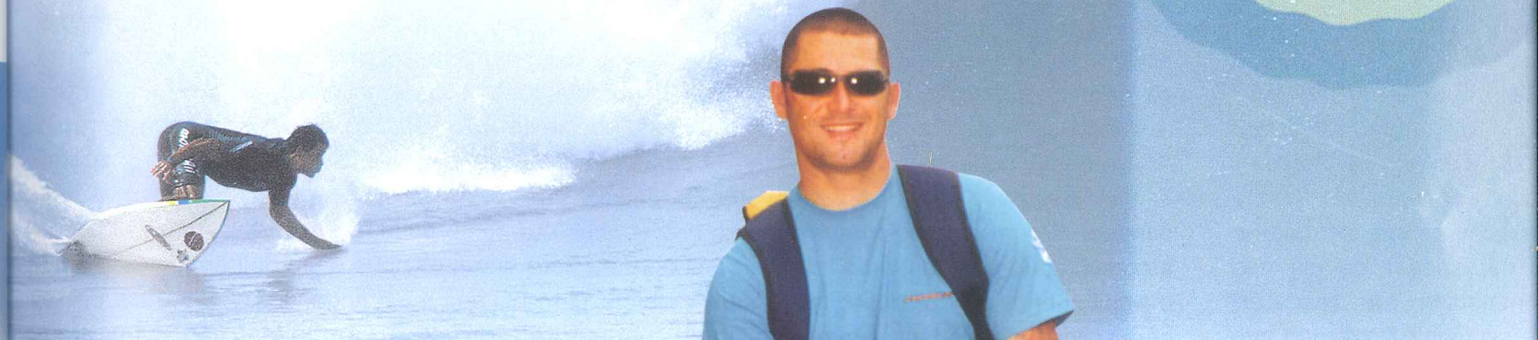
A: E aquela expression session que rolou por lá, qual foi o tamanho das ondas?

E: Estava mais inconsistente em termos de quantidade e um pouquinho maior. As ondas demoravam mais para aparecer, porém vinham em séries maiores. No dia em que eu entrei no braço, foi mais consistente, tinha mais séries, talvez um pouquinho menor, não sei dizer, porém parecido. Depois de fazer as fotos, pegamos boas ondas de tow-in também. Enfim, foi um bom dia para o surf.

A: Você se preparou para isso ou simplesmente decidiu: "vou lá"?

E: Não teve muita preparação. A preparação é aquela em que eu estava para surfar o tow-in. O treinamento para surfar ondas grandes vem de muitos anos e já é puxado.

BULLY'S



Everaldo  Teixeira



Lógico que Jaws me deu uma adrenalina especial, porque acho que só um sul-africano surfou lá um mar ainda menor do que eu surfei no braço. Então, é um lugar em que as pessoas não têm a *comuna* de surfar no braço. Primeiro porque a condição de lá é super-extrema, muito vento, as ondas são muito grandes, fica meio ruim pra remar, é muito mais favorável para surfar de jet. **A:** É preciso um jet-ski par se chegar a Jaws?

E: Não necessariamente, você pode até ir pelo cliff, descer, entrar pelas pedras e ir remando. São, mais ou menos, 10 minutos de remada, é perto. Agora, eu fui jet-ski para poder ter um resgate e apoio para o Rick fotografar. Se bem que nas horas em que eu tomei a série, descobri que ele não sabia pilotar direito e não ia me resgatar. Para o resgate acabou não valendo, serviu só para bater a foto mesmo. Mas eu me senti um pouco mais seguro tendo ele com o jet por lá, apesar de ele não ter conseguido me resgatar.

A: Tem neguinho aí dizendo que o tow-in é uma coisa muito artificial e que o verdadeiro surf é na base da remada, como você vê essa polêmica?

E: Eu não vejo polêmica nenhuma. Acho que você pode remar até um certo tamanho, até 30 pés, por exemplo, e depois não tem por que estar remando lá, certo? Você não vai pegar muita onda, vai sofrer, vai tomar muita onda na cabeça. Acima de 30 pés, é tow-in. No entanto, eu curto o tow-in em qualquer condição. Gosto em ondas pequenas e grandes. Acho que a gente tem que respeitar o surfista. É como você chegar numa estrada de carro e não respeitar o pedestre.



O pedestre tem prioridade, assim como o surfista tem a sua. Onde tiver surfista, teoricamente você não deveria estar com um jet-ski. Primeiro vem o surf na remada, mas se não tiver ninguém fazendo surf na remada, eu sou a favor do tow-in. É um esporte dinâmico, você pega várias ondas, se diverte bastante, não tem problema de arrebentação, vai logo, rapidão. Em vez de ficar remando, você surfa mais. Agora, o certo seria depois de 30 pés você pegar o jet-ski e fazer tow-in.

A: E essa onda de 100 pés valendo 1 milhão de dólares, você acha isso possível?

E: Cem pés pode rolar em vários lugares. Jaws é possível, Maverick's é possível, Cortez Bank é possível. Algum outro pico que a gente não conheça também pode ser possível. Agora, o difícil é a condição do surf, onde os fatores se encaixam. Este ano, por pouco não deu em Jaws. Porque o swell chegou a ficar super, mas superviolento, com 50 pés a 25 segundos. Só que ele passou com tanta ferocidade, que veio com um vento stormy e as ondas não seguraram.

A: Sim, este é o ponto que eu estava querendo colocar: uma vez que aconteça a onda de 100, seria possível surfá-la?

E: Eu acho que é. Não sei se as pessoas vão se dar bem, ou o que é que vai acontecer, mas que é possível pegar essa onda é.

A: Você encararia?

E: Não gosto de ficar falando que eu vou fazer e tal. Sou da teoria de que, se eu estiver no lugar certo, na hora certa e me sentindo bem, posso até ir.

A: E a questão do medo?

E: O medo é constante, a temporada havaiana e no hemisfério norte é muito desgastante, a gente tem que estar sempre convivendo com o perigo. Mas ao mesmo tempo é muito gratificante. A gente adora a vida que a gente escolheu, e faz porque gosta. Agora, realmente, é muito perigoso.

A: Isso faz parte da sua vida, não é mesmo? Você joga com o medo, desafia o medo um pouco?

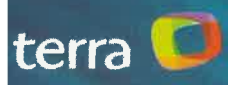
E: É. A relação com o medo é engraçada. Ao mesmo tempo ele te engrandece, te faz mais preparado, mais forte, mais espiritualizado. Quando você chega perto do medo, de uma coisa que pode te tirar a vida, você realmente valoriza tudo que é real e esquece tudo que é supérfluo. Então, você dá mais valor às pessoas, ao amor, às coisas reais. Esquece toda aquela besteira de posses e materialismos. É uma viagem boa e espiritual. Depois que passa disso, a gente volta a uma vida normal, material. Mas quando a gente tá perto daquilo, vê o valor real da vida. Então, é muito bom para o espírito.

SURF SIM
VIOLENCIA NÃO



20 ANOS DANDO
BONS EXEMPLOS
1983-2003

JÁ



1

ILHA PITANGAS

CANAL PITANGAS

3

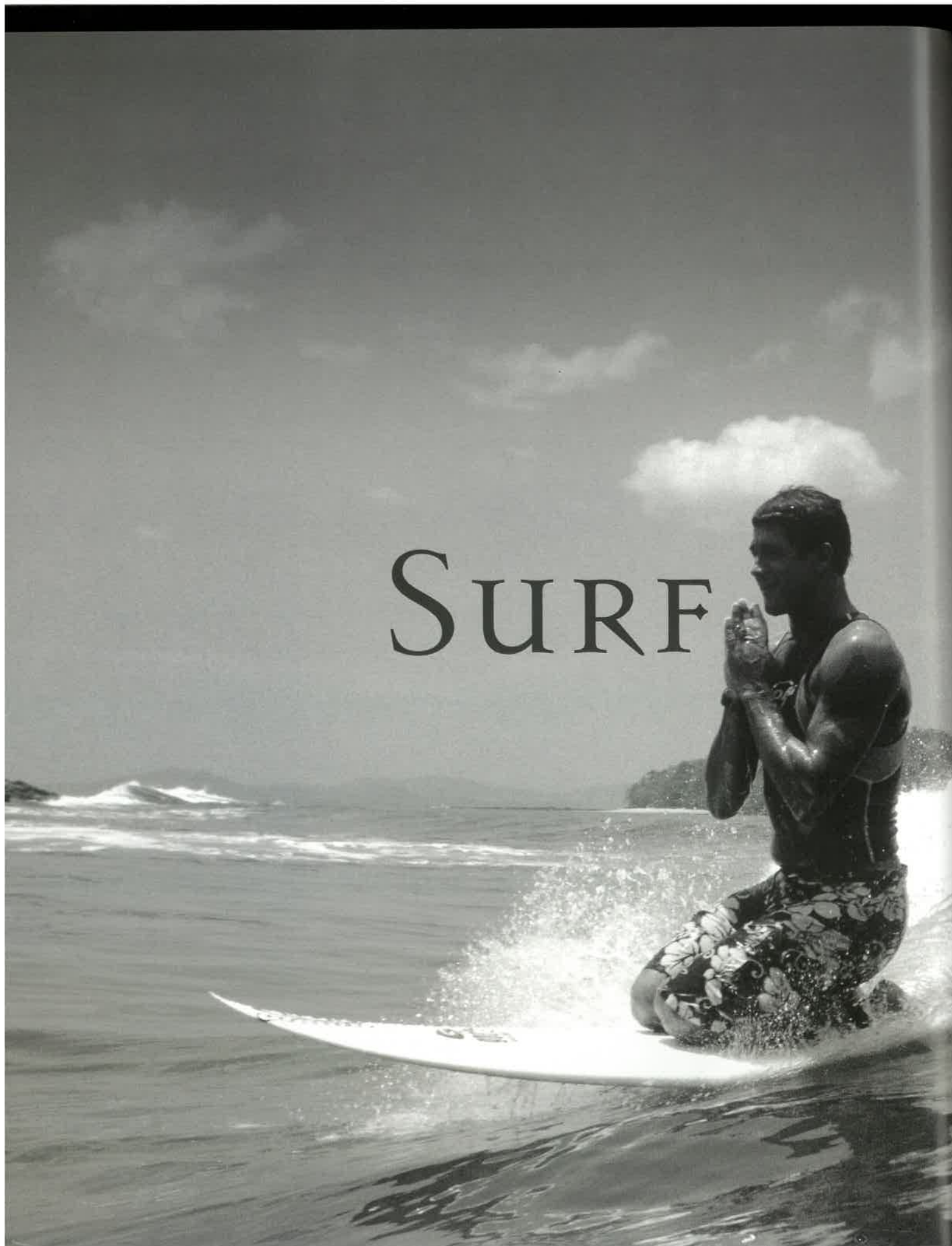
ASTURIA

O paraíso existe, é só acessar.

www.waves.terra.com.br

Conheça trips e picos alucinantes. A maior cobertura do Brasil com waves check diários em mais de 160 picos. Além de notícias, entretenimento, novidades, longboard, bodyboard, links, bate-papo, baladas e muito mais. www.waves.terra.com.br. A comunidade virtual do surf.

waves



SURF

RELIGIÃO

QUAL É A SUA ONDA?

Por Marcello Árias
Fotos Beto Paes Leme

*Este texto é dedicado
a todos os surfistas que crêem, e que em
algun momento da vida confiaram-na
ao grande Deus Pai Oceano*





s primeiros raios de sol singravam o céu de Oahu no mesmo momento em que hordas de surfistas se aglomeravam de forma ritualística na pequena e mítica baía de Waimea. Dentro em breve, esse local, outrora considerado kapu (tabu), receberia a primeira das muitas homenagens feitas em memória a

Eddie Aikau. O oceano Pacífico contradizia seu nome e ofertava ondas de 25 pés para o evento. Na água... Clyde Aikau, irmão de Eddie, buscava um melhor posicionamento no line-up da baía, quando notou uma enorme tartaruga marinha ao seu lado. Encantado com a visão do singelo gigante, seguiu-o remando por alguns metros, quando percebeu que tinha se posicionado muito para fora da linha de arrebentação. No momento em que decidiu voltar, uma enorme série de ondas adentrou a baía, e Clyde foi presenteado com a melhor da série. Feliz com a coincidência, Clyde voltou ao line-up... pensativo, sorrindo, recordando-se com ternura do fato. Uma vez mais na linha de arrebentação, visualizou novamente o dócil animal. Desta feita, ainda mais para fora da baía. Clyde, ouvindo sua intuição, atendeu ao chamado da criatura e posicionou-se junto a ela, outra vez, e... mais um presente para a família Aikau. Segundo Clyde, a tartaruga o teria guiado durante todo o evento, indicando-lhe as melhores ondas, as melhores atitudes... Ao término do evento, Aikau venceu em honra de Aikau. Convicto, Clyde afirmou que o comportamento da tartaruga nada mais era do que a manifestação do espírito de Eddie! O grande homem do mar manifestava-se agora por meio do sereno animal das profundezas polinésias. Essa pequena estória verídica simboliza o que talvez seja o maior de todos os arquétipos humanos: o sentimento religioso. Para alguns, esse sentimento é mais bem expresso através de um conjunto de rituais organizados, de uma doutrina, uma religião... Para outros, a emoção religiosa por si só já é suficiente, bastando uma tartaruga para amplificá-la. Não se sabe ao certo a origem das religiões, mas acredita-se que elas estejam ligadas às nossas questões mais íntimas: quem sou eu? por que existo? de onde eu vim?

para onde eu vou? o que é a morte? será mesmo o fim? Desde a Era Paleozóica, já é possível observar ações ritualísticas que denotam a crença em algo sobrenatural. Enterrar os mortos ofertando-lhes flores e amuletos são os primeiros indícios da preocupação do homem com a continuidade do ser. No entanto, relatos confiáveis sobre as primeiras formas organizadas de religiões são posteriores à invenção da escrita. Entre os povos que nos concederam os registros mais antigos de mitos religiosos, podemos destacar os egípcios, os sumérios e os persas. Desde então, começaram a aflorar religiões altamente organizadas e estruturadas a partir de um vasto conjunto de princípios. O hinduísmo talvez seja a mais antiga delas, pois se estima que os seus belos textos sagrados, Os Vedas, tenham sido escritos há mais de 3.500 anos! Outrora, nossa cultura surf também já esteve permeada pela religião, principalmente nosso surf primitivo. Embora o surf nas ilhas não fosse especificamente um ato religioso, sua prática estava indubitavelmente atrelada, integrada e envolvida com os cultos aos deuses e aos espíritos da natureza. O ritual existia até mesmo na arte de manufaturar uma prancha de surf, ainda na escolha da árvore que a geraria. Uma vez escolhida a árvore em questão, o artesão de pranchas depositava um peixe vermelho em seu tronco, para logo então derrubá-la com um machado de pedra. O peixe então era enterrado entre suas raízes e oferecido aos deuses com uma prece em agradecimento pelo presente. A subsequente construção da prancha era um ato de extrema habilidade manual, que requeria a utilização de inúmeras ferramentas, como pedras, madeiras e pedaços de corais. Uma vez terminada, a prancha de surf era de pouca utilidade na ausência das ondas, logo, os havaianos desenvolveram ritos para "chamar" o swell, batendo no oceano com algas e entoando cânticos chamativos. O surf era também o ponto central do maior festival havaiano existente. Era uma celebração anual chamada Makahiki. O deus Lono era o patrono desse festival, e todas as celebrações eram realizadas em sua homenagem. Do meio de outubro até o início de fevereiro, os ilhéus paravam com todas as suas atividades e uniam-se para relaxar, dançar, festejar e praticar esportes. Entre os inúmeros deuses havaianos, entretanto, não existe nenhuma menção especial a um deus do surf. Já no Taiti, existe um deus conhecido como Huaouri, relacionado diretamente com as práticas do surf. Infelizmente, sua contraparte havaiana permanece desconhecida e esquecida, muito embora a existência de ao menos um templo destinado ao surf na ilha de Hawaii reforce a idéia de que essa divindade de fato deva ter sido cultuada no arquipélago havaiano. Porém, voltando a um contexto mais mundial e generalista, é interessante notar que, na história da religião, basicamente dois aspectos são muito enfatizados e desenvolvidos. O primeiro deles versa sobre uma miríade de divindades e de criadores que deteriam o poder sobre todas as coisas e sobre todos os seres, e por meio da veneração, da oração e da devoção aos criadores poderíamos obter a libertação eterna do sofrimento terreno. O cristianismo e o islamismo são exemplos dignos de menção. Do outro lado da moeda, podemos citar as religiões, ou mesmo algumas tradições filosóficas, que enfatizam a natureza divina do próprio homem. Segundo essas tradições, o homem faz parte de um universo perfeito e altamente organizado, porém, devido a inúmeros motivos ilusórios, não tem plena consciência desse fato. O despertar para essa realidade maior poderia ser obtido por meio de um árduo processo de autoconhecimento. Parte do hinduísmo, as inúmeras formas de budismo e o taoísmo chinês são algumas dessas tradições. Como é possível perceber, embora existam algumas exceções à regra, no Ocidente a ênfase religiosa foi sempre direcionada ao exterior, para um suposto salvador... Para Deus. Já no Oriente, é possível observar o enfoque dado ao indivíduo. Para a grande maioria

Na página anterior, Uluwatu, um templo em Bali. Abaixo, Clyde Aikau em Waimea e um luau no Hawaii, tradição típica do local.



dos orientais, a suprema verdade habita o interior de todos os seres, e somente mergulhando profundamente e sem medo nos mistérios de nossa mente ilusória poderemos obter a transcendência desejada. Em nosso Ocidente, a descoberta do pensamento e da filosofia orientais é algo novo. Durante o século XVIII (muitas vezes denominado "Era da Razão"), nossa ciência e tecnologia geraram uma forte corrente intelectual conhecida como Iluminismo. A ciência foi vista como triunfo da razão humana, e muitas pessoas chegaram mesmo a esperar que ambas gerassem avanços não apenas na indústria e na economia, mas também na moralidade e na felicidade, o que de fato não aconteceu. Gradativamente então, os ocidentais passaram a procurar no Oriente as respostas para suas inquietantes perguntas. Nosso surf também bebeu nessa fonte. A era pós-revolução *minimodel* coincidiu com a era Vietnã e pós-Vietnã. Pela primeira vez o surf absorvia um movimento cultural mundial, o *peace and love* (paz e amor), e o reinterpretava conferindo-lhe um caráter híbrido, que misturava a pluralidade comportamental da juventude contemporânea com a singularidade característica dos movimentos que ocorreram no seio de nosso esporte. As grandes imagens psicodélicas apossaram-se do surf... Os cabelos foram ficando compridos à medida que as pranchas foram diminuindo de tamanho. Timothy Leary, o terapeuta que utilizava LSD em suas análises da consciência, era lido e idolatrado por alguns. O ioga e o budismo começaram a fazer parte do vocabulário dos surfistas, e os ideais orientais foram comparados aos ideais do surf. Tudo isso podia ser observado nos anúncios contidos nas revistas de surf: **"Há uma divindade que partilha nossos fins, embora possamos esboçá-los."** - Rick Surfboards.

"Karma – o modo de vida de cada um é animado do interior." - Bing Surfboards.

O surfista e shaper Dick Brewer também ficou conhecido por ser um franco defensor da utilização das drogas de expansão do espírito e da consciência. Nessa época, as experimentações com os mais diversos tipos de drogas estavam em voga. "Sexo, drogas e rock'n'roll" era a tônica da juventude mundial. "Sexo, drogas, rock'n'roll e surf" era o lema de muitos surfistas também. As músicas do Led Zeppelin, de John Mayall e de Jimi Hendrix foram escolhidas para a trilha sonora desse período de intensas experimentações, e muitas vezes foram fundidas aos mantras sagrados dos budistas tibetanos. Porém, apesar do colorido e dos sinceros ideais pacifistas e religiosos dessa época, algum preço teve de ser pago. Hendrix viria a morrer em 1970, talvez reflexo da "demasiada expansão da consciência" e da tumultuada busca pelo autoconhecimento. A visita ao Oriente e à sua rica espiritualidade foi feita de forma abrupta, superficial e, até certo ponto, irresponsável. Porém, uma coisa é certa: para muitos surfistas, o surf sempre teve algo de sagrado, sendo o oceano muitas vezes venerado como uma verdadeira divindade. Se você é surfista, é bem provável que tenha alguma crença, ou talvez até seja adepto de alguma religião. É certo também que alguns de nós possam achar tudo isso uma grande tolice sem fundamentação. Podemos até mesmo afirmar não crer e não ter fé em nada... Contudo, isso sugere algumas explicações. A palavra "fé" vem do latim

"*fide*", que significa "crença", "confiança". Essa confiança pode muitas vezes ir além da religião. No momento em que optamos pelo surf como estilo de vida, nos entregamos a ele confiando plenamente que esse caminho possa nos conceder alegria e felicidade. Temos fé que esta tenha sido a opção certa. Já a crença, é o conjunto de afirmações que fazem parte de uma doutrina religiosa, constituindo seus dogmas e suas promessas. O universo surfístico também é repleto de dogmas: "O Hawaii é a meca do surf!", "Não há nada que um bom dia de surf não cure!" "Essa onda é minha! Eu sou local do pico!", isso para citar somente alguns. Dogmas religiosos têm-nos acompanhado por milênios, e nos últimos anos têm intrigado até mesmo alguns dos mais renomados e céticos cientistas. Recentemente, o radiologista Andrew Newberg e o psiquiatra Eugene d'Aquili conduziram uma experiência fantástica. Procurando uma base biológica da fé religiosa, os pesquisadores submeteram freiras franciscanas e monges budistas tibetanos a exames de tomografia computadorizada. Os exames foram feitos durante as orações das freiras e as meditações dos monges budistas. Os resultados foram desconcertantes! As imagens cerebrais mostraram redução das atividades elétricas da região do lobo parietal em ambos os grupos estudados. Essa região é responsável pela nossa orientação espacial, nos ajudando a distinguir distâncias, ângulos e até mesmo a diferenciar os limites impostos pelo nosso próprio corpo no espaço. Sem ela, torna-se impossível nós nos situarmos espacialmente, física ou mentalmente. Ainda segundo os pesquisadores, a diminuição dessa atividade no cérebro poderia ser a responsável pela produção das sensações de unidade com um todo maior, de transcendência espiritual, experiências místicas comumente relatadas pelos religiosos mais fervorosos. Uma outra parte do cérebro que parece ser afetada é o sistema límbico. Essa área está associada às nossas emoções, e quando estimulada eletricamente pode produzir alucinações, sensações extracorpóreas, além de aumentar nossa percepção do senso divino e do sagrado. Ainda segundo Newberg e D'Aquili, esse fato poderia esclarecer a nossa necessidade de rituais, tão comuns nas práticas religiosas. Símbolos, cânticos, mantras, movimentos, gestos e imagens sagradas se diferenciam das ações cotidianas e poderiam ajudar o cérebro a perceber tais eventos como mais ricos e significativos. Talvez os singelos atos de retirar a prancha do rack, caminhar descalço pela areia, passar calmamente a parafina percebendo seu odor característico, possam ter significados altamente relevantes para os nossos circuitos cerebrais. Não me canso de imaginar como seria uma tomografia computadorizada do cérebro de um surfista em ação: Um homem, um tubo. Um tempo correndo de forma diferente... Sublimes e fugazes segundos... Tão rápidos e ao mesmo tempo tão intermináveis... O ápice do sagrado em nossas vidas. Mas não é só na área da saúde que as filosofias orientais têm sido pesquisadas. A física, mãe de todas as ciências, também tem degustado seu néctar. Desde o advento da teoria da relatividade e da mecânica quântica, nosso mundo tem sido encarado de uma outra forma. Alguns eventos absolutamente previsíveis no macromundo material não puderam ser reproduzidos em escalas muito pequenas, tais quais



as encontradas nas partículas atômicas. O resultado foi que os artigos científicos dos atuais físicos passaram a se assemelhar em muito com os antigos textos sagrados orientais. A semelhança foi tamanha, que alguns cientistas de grande prestígio na física moderna, tais quais Fritjof Capra e Amit Goswami, iniciaram belos trabalhos de comparação entre as leis que norteiam a mecânica quântica e os sutras budistas ou os upanixades védicos. Ao que tudo indica, os antigos mestres sabiam mesmo do que estavam falando. E por falar em antigos mestres, Sidarta Gautama, o Buda, me vem logo à cabeça. Gautama teria vivido na Índia seis séculos antes de Cristo. De origem real, diz a lenda que abdicou de seu palácio e seus prazeres e partiu em busca do autoconhecimento. Anos de meditação e auto-análise o teriam presenteado com a iluminação, termo usado pelos orientais para explicar um tipo de supraconsciência, atingida por aqueles que conseguem extinguir os pensamentos de sua mente. Pode parecer estranha para nós a frase "extinguir os pensamentos". Contudo, não é de hoje que a neurofisiologia sabe que somos escravos de nossa mente. Tudo o que pensamos, acreditamos, ansiamos, etc., foi gravado em nosso cérebro. Para cada novo conceito aprendido, milhares de células nervosas, os neurônios, se interconectam e tecem relações eletroquímicas que perduram por toda a vida. O que você é atualmente é fruto de todos os "programas" que foram gravados em seu cérebro, e aquilo que você chama de "eu" nada mais é do que milhares de pensamentos desconexos competindo por um lugar em sua mente. Será mesmo que somos nossos próprios senhores? Iludimo-nos rotineiramente com a falsa idéia de que pensamos, quando na realidade somos pensados o tempo todo. Vivemos com a cabeça no passado, lembrando a onda de ontem, os amores pretéritos e a longínqua infância. Quando não habitamos o passado, antecipamos o futuro de forma caótica, imaginando a onda do amanhã, os futuros amores ou mesmo a temida velhice. Enquanto isso... O presente anseia por atenção... Esforça-se em vão para ser reconhecido como realidade. E essa é a nossa vida... Metade recordada do passado... Metade imaginada no futuro... E quase nada no presente real. Buda costumava afirmar que as pessoas não conhecem seu "eu" verdadeiro, pois são guiadas por falsas concepções da verdade, o que ele chamou de maia



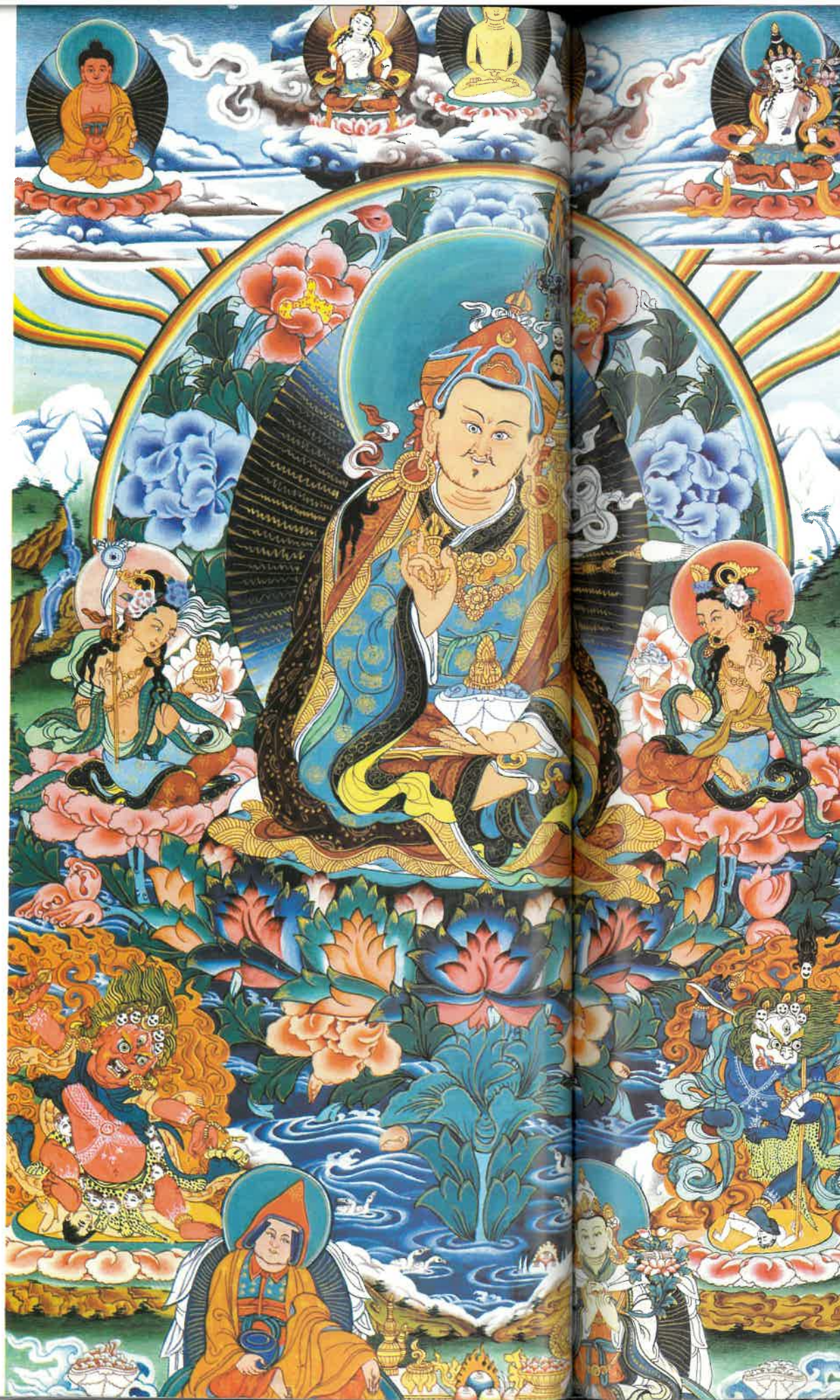
(ilusão). Para o budismo, assim como para a maioria dos tipos de ioga existentes, nada do que vivenciamos é permanente, a existência é repleta de sofrimentos produzidos pela ilusão dominante, e o eu que tanto afirmamos, na realidade não existe. Para obtermos uma verdadeira libertação dessa vida ilusória, intrincados sistemas de averiguação da verdade foram desenvolvidos no Oriente: controle das posturas corporais, total consciência dos ritmos respiratórios, concentração em um único objeto, para finalmente obter o último estágio, a meditação, que poderia ser definida como uma total quietude da mente, onde os incessantes fluxos de pensamentos seriam extintos, dando origem a um vácuo pleno de consciência, palco de apresentação da verdade mais íntima... do contato com o divino... Esse seria o nirvana... o mais alto grau de percepção que um ser humano pode atingir. Como é bom estar presente! Vivenciar plenamente o momento atual! Mas... como isso é raro! Para nós, surfistas... ainda resta a esperança da onda solitária... do final de tarde bucólico... do sagrado free surf com os amigos mais íntimos... do sorriso sincero do companheiro ao ver-te passar em êxtase na onda do dia... Sagrada seja o surf búdico de cada dia... Sagrada seja a divina meditação ondulacional dos reef breaks, dos point breaks ou da valinha nossa de cada dia... É... O surf é muito mais do que fama, grana, WCT e prestígio! Bem-aventurados os que se apercebem dessa suprema verdade. Na meditação do surf, quase nada passa pela mente. Porém, diferentemente da meditação de Buda, em que a atenção plena está no presente, o surf clama por uma atenção estranha: na maioria das vezes o surfista mantém sua mente vazia, mesmo que por alguns ínfimos segundos, mas... no futuro! Dois ou três segundos à frente da realidade atual... A leitura da onda assim o pede... Precisamos saber o que acontecerá com a onda, mas não racionalizamos esse fato, e sim, intuímos esse fato. E no balanço do mar, antecipando o futuro,



Surf em São Conrado, no Rio de Janeiro. Ritual em Bali.

deleitamo-nos com o presente. As ciências da mente também têm se aproximado bastante das idéias centrais do budismo. Renomados neurocientistas, tais quais V.S. Ramachandran e Susan Blackmore, têm produzido fantásticos textos que, na maioria das vezes, convergem em direção ao âmago das questões mais relevantes da espiritualidade do homem. O improvável casamento entre a ciência e a religião começa a dar seus primeiros passos, e uma nova era, repleta de significados, parece se descortinar diante de nossas faces. Em janeiro deste ano, rumei para mais uma temporada em Puerto Escondido, no México. De fato, essa viagem não foi contemplada com ondas muito boas. Mas Puerto é sempre Puerto. Fiz amizades, conheci pessoas fantásticas e meditei bastante também. Entretanto, o que mais me marcou nesta trip foi o fato que passo agora a relatar: Em um dia de pequenas ondas, caminhei com duas recentes amigas australianas para o canto esquerdo da praia de Zicatella, a famosa La Punta. Meu objetivo era colocar as duas gurias em pé sobre um longboard. Caminhando pela praia, no meio do caminho, notamos inúmeras pessoas olhando para o mar, observando as evoluções de uma enorme tartaruga marinha. Imediatamente percebi que aquele comportamento não era normal e entrei com meu longboard para verificar o problema mais de perto. Como eu imaginava, o pobre animal estava seriamente ferido na cabeça, e lutava contra a rebentação, tentando voltar para o fundo e morrer em paz. Não hesitei, e colocando-o em cima de minha prancha, tentei afastá-lo o máximo que pude da arrebentação. Com o coração

apertado, despedi-me com lágrimas nos olhos e voltei para a praia. Fiquei com as meninas por umas duas horas em La Punta, e para minha surpresa, ao retornar pela areia para Zicatella, encontro minha amiga tartaruga estendida e rodeada por dezenas de turistas e pescadores curiosos. Deviam ser umas 5 horas da tarde. Abandonei minha prancha na areia, já imaginando como seriam minhas próximas horas. E foram muitas... Quatro ao todo... Quatro horas em que fiquei abraçado ao sublime gigante cascudo... Tentando acalmá-lo... Tentando energizá-lo, protegendo-o dos curiosos. A noite caiu... Uma enorme lua cheia reinava suprema no céu mexicano... O gélido terral já lambia minhas costas... Com frio, extremamente cansado, mas feliz, decidi não abandonar minha amiga tartaruga e esperar o momento da mítica morte abraçá-la para somente então voltar para casa. Lá pelas 9 horas da noite, minha companheira levanta a cabeça e me fita fundo nos olhos... Como que implorando um último pedido, solicita minha ajuda para que a recolque em sua casa... o oceano Pacífico. Trabalhamos duro em conjunto para cumprir a difícil tarefa, visto que o animal devia ter 150 quilos! Sem machucá-la, consegui colocá-la ao alcance das ondas, que em poucos segundos a transportaram para seu lar, onde deve ter morrido em paz. Jamais esquecerei essa cena! Caí de joelhos na noite, exausto, pensativo, envolto em uma tristeza reconfortante... Não somos nada, pensei... E, levantando... mudei de idéia... Somos tudo. Voltei para casa absolutamente exausto. Na manhã seguinte, fui acordado por meu amigo Josil, de Ubatuba (grande surfista, diga-se de passagem... grande amigo também!). Já passava das 10 horas da manhã. Josil insistiu que fossemos surfar, mesmo as ondas estando pequenas (de 1 a 2 metros, já com muito vento). Totalmente desencanado, apanhei uma pranchinha 6'6" do Josil, e caminhamos calmamente debaixo do sol escaldante do México. Quando chegamos na praia, os fotógrafos já se retiravam da areia, e uma multidão de bodyboarders aglomerava-se no outside. Josil me fitou e com um sorriso maroto emendou: "Desanimador, muchacho!" Caímos por obrigação... Uma vez no outside, resolvi ficar em um lugar onde não existisse ninguém por perto, mas também sem onda...



Bem em frente da bolha. Mas... Não é que veio?! E logo em minha primeira onda, um tubo de cinco, seis segundos! Seco! Minha segunda onda... Tubo! Seco! Terceira, quarta, quinta... Vivia um dia muito especial... Não entendi o que se passava até que pensei em minha querida amiga cascuda. Talvez seu espírito estivesse me presenteando. Talvez a lei do karma estivesse agindo... Vivi plenamente a continuidade de um dia repleto de serenidade, espiritualidade e convicção religiosa. Esses dias ficarão tatuados em minha alma por toda a eternidade. A fonte da compaixão e da benevolência tem aos poucos impregnado o coração dos ocidentais, e o nosso surf pode sim ser um dos inúmeros caminhos que levam a Deus. Um fato muito intrigante é o recente sucesso de vendas de um monge budista tibetano, o Dalai Lama. Esse mestre tem tocado profundamente o coração das pessoas, sejam elas religiosas ou céticas. Talvez... seu segredo seja a ausência de dogmas, a ausência de afirmações dotadas de arrogância e de verdades absolutas. Em resumo, suas palavras podem ser assim descritas:

"Deus habita o seu interior... Deus manifesta-se nos seus pequenos atos do cotidiano... Basta percebê-lo em cada onda surfada, em cada sorriso amigo e em cada sagrada tartaruga que cruzar o seu caminho".

Paz

Referências Bibliográficas

- Blackmore, Susan. **The Meme Machine**. Oxford Press, 1999.
 Blavatsky, Helena Petrovna. **A doutrina secreta** - vol. 1. Cosmogênese. Ed. Pensamento. São Paulo, 1973.
 Boyer, Pascal. **Religion Explained**. Basic Books. EUA, 2001.
 Capra, Fritjof. **O tao da física**. Cultrix. São Paulo, 1999.
 Da Silva, Georges & Homenko, Rita. **Budismo: psicologia do autoconhecimento**. Ed. Pensamento. São Paulo, 1998.
 Das Surya, Lama. **O despertar do Buda interior - Sabedoria tibetana para o Ocidente**. Rocco. Rio de Janeiro, 2001.
 Finney, Ben & Houston, James D. Surfing, **A History of Ancient Hawaiian Sport**. Pomegranate Artbooks. San Francisco, 1995.
 Gaiarsa, J. A. **Como enfrentar a velhice**. Ícone. São Paulo, 1986.
 Goswami, Amit. **O universo autoconsciente**. Rosa dos Tempos. Rio de Janeiro, 2001.
 Heyerdahl, Thor. **A expedição Kon-Tiki**. José Olympio Editora. 7ª ed. Rio de Janeiro, 1994.
 Irwin, William. **The Matrix and Philosophy**. Open Court. EUA, 2002.
 Jammer, Max. **Einstein e a religião**. Contraponto. Rio de Janeiro, 2000.
 Jung, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1964.
 Kampion, Drew & Brown, Bruce. **Stoked - Uma história da cultura do surfe**. Benedikt Taschen Verlag GmbH. First published by General Publishing Group, Inc. Los Angeles, 1998.
 Lent, Roberto. **Cem bilhões de neurônios - Conceitos fundamentais de neurociência**. Atheneu. São Paulo, 2001.
 Newberg, Andrew & D'Aquili, Eugene. **Why God Won't Go Away**. Ballantine Books. EUA, 2001.
 Ramachandran, V.S. **Fantasmas do cérebro**. Companhia das Letras. São Paulo, 2002.
 Spiro, Melford. **Buddhism and Society - A Great Tradition and Its Burmese Vicissitudes**. University of California Press, 1982.
 Stevenson, Jay. **O mais completo guia sobre filosofia oriental**. ARX. São Paulo, 2002.
 Tse, Lao. **Tao Te King**. Tradução e notas, Huberto Rohden. Alvorada. São Paulo, 1985.

Alguns dos títulos publicados no Brasil de Sua Santidade, o Dalai Lama:

- Uma ética para o novo milênio**. Editora Sextante
A arte da felicidade, um manual para a vida. Editora Martins Fontes
Minha terra, meu povo. Editora Palas Atenas
A arte de lidar com a raiva. Editora Campus
Transformando a mente. Editora Martins Fontes
O caminho da tranquilidade. Editora Sextante

Videos

- Sete anos no Tibete**
Kundun
Compaixão no exílio
O ponto de mutação
Gerry Lopez - 50 anos do rei de Pipeline - Cosmmos Produção Editorial e Romeu Andreatta Filho.



THE SURF TRAVEL CO

“Nós sabemos onde e quando”

Mentawai O crowd diminuiu, os preços caíram, consulte.

Bali 10 x U\$ 162,00

Island X A nova fronteira - A partir de U\$ 786,00, saiba mais com a STC.

Costa Rica Fly and Drive - Entrada U\$ 92,00 + 8 x U\$ 63,00 aéreo + 1 semana de carro 4x4 (base triplo).

Panamá Santa Catalina - Casa Blanca surf & Resort
A partir de U\$ 719,00 - aéreo + terrestre 1 semana pensão completa.

Chile Termas de Chillan - Snowboard - A partir de U\$ 953,00 aéreo + terrestre 1 semana (base duplo).

Maldivas Lohifushi - A partir de U\$ 545,00 - terrestre 10 dias de hospedagem com meia pensão (apt duplo).

Austrália inglês intensivo e surf - A partir de U\$ 1740,00 aéreo + 1 mês de curso.

Puerto Escondido A partir de U\$ 798,00 aéreo + 2 dias de hospedagem (base duplo).

Hawaii Entrada U\$ 220,00 + 5 x U\$ 140,00 aéreo + 2 noites de hospedagem em Haleiwa.



Consulte também sobre: Intercâmbio e Snowboard
Destinos como Peru, Nova Zelândia, Tahiti, Europa, Fiji, Samoa, El Salvador, África do Sul.

Preços calculados para baixa temporada com saída de São Paulo e sujeitos a alteração sem aviso prévio. Não incluem taxas de embarque

Al.dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema - São Paulo - SP - cep.04088-001 - Tel: 55 11 5052-4181
Fax: 55 11 5051-0525 - surftravel@surftravel.com.br www.surftravel.com.br

AIR CANADA



AEROMEXICO
A companhia aérea mais pontual do mundo.

WWW.GZEROSTORE.COM.BR



EPELOSINI MKTG

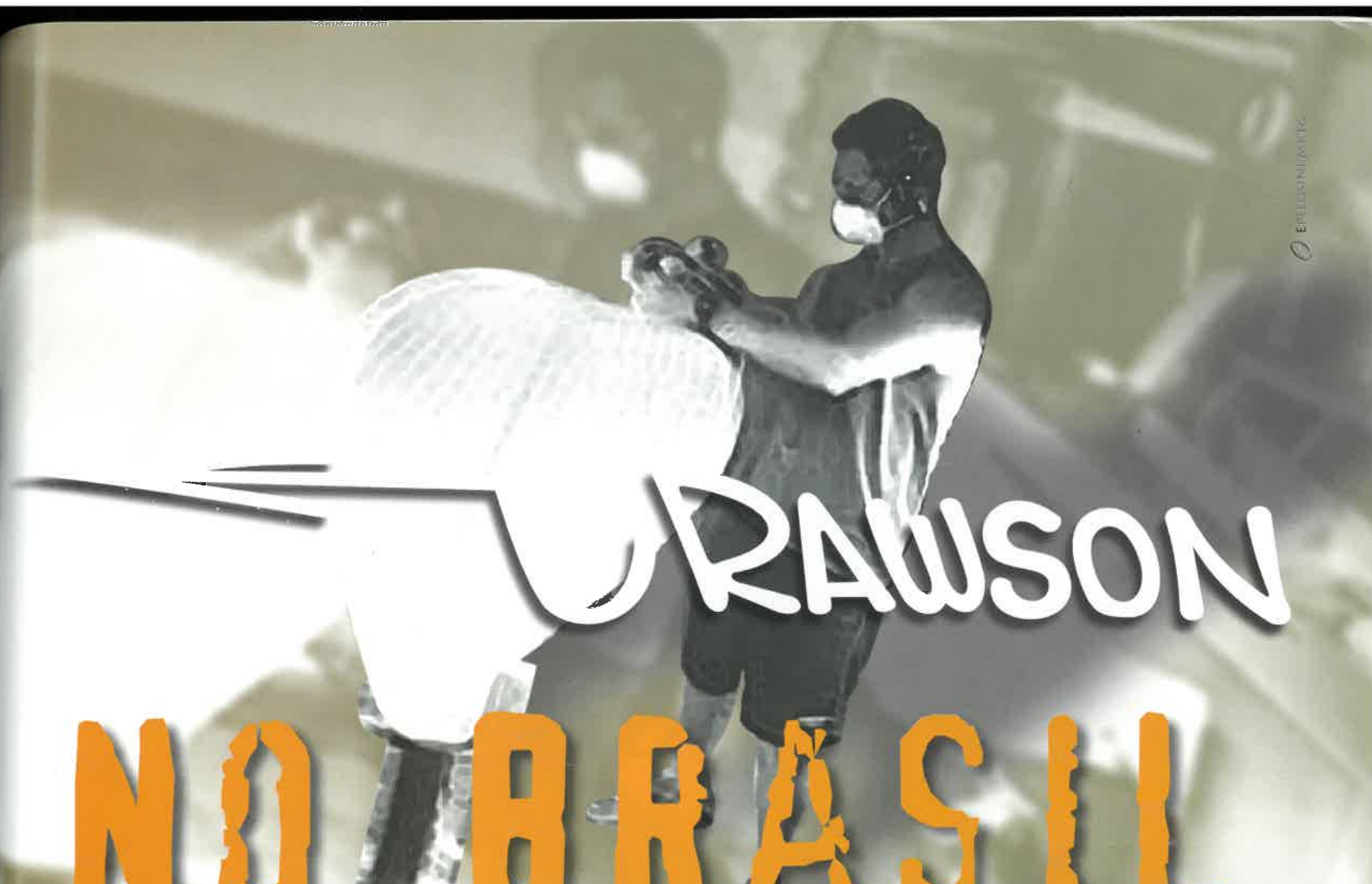
SURF | TOY IN | KITE | WIND | SNOW | WAKE

ROUPAS | EQUIPAMENTOS | ACESSÓRIOS | LOUNGE | CYBER CAFÉ | E-COMMERCE

Gzero STORE

LOJA 1 | RUA CAMARGO CABRAL, 20 | CIDADE JARDIM | SP | 55 11 3704-7600

LOJA 2 | RUA DA PADROEIRA, 37 | ILHA BELA | SP | 55 12 3896-6743



NO BRASIL

A Gzero Store, primeira loja de boardsports de São Paulo, em parceria com Luciano Leão, trazem com exclusividade, Pat Rawson, um dos melhores shapers internacionais.

Durante o mês de Junho você poderá encomendar a sua prancha diretamente com o shaper.

Visite a Gzero Store, encomende a sua Rawson e conheça toda linha de confecção, equipamentos e acessórios diferenciados que reservamos com exclusividade para você.

Luciano Leão

www.surface.com.br
12 3865-4302



Gzero STORE

www.gzerostore.com.br

11 3704-7600



Oskar Metsavaht, Alaska Expedition



Surfing the Mountains

Texto: Oskar Metsavaht
Colaboração: Andres Pinilla

Surfing the Mountains é um projeto de dois irmãos, Oskar e Leonardo Metsavaht, que partem em busca de surfar as melhores montanhas do planeta. É o desejo de realizar o sonho, de todos que algum dia já tiveram uma prancha sob os seus pés, de surfar a sua mais longa e perfeita onda.

O PROJETO

A procura pela montanha perfeita e o desejo de surfá-la é o que nos inspira e nos move a realizar estas nossas expedições. Temos, dentro de nós, o espírito do surf, o desejo atávico de todos os homens e mulheres de deslizar sobre as nuvens. Deslizar com uma prancha sobre uma onda, sobre o asfalto, sobre a água, no ar ou na neve. A alma é a mesma, o estilo de vida é o mesmo, surfing. Quando você encontra a "sua" montanha, com a inclinação ideal, o relevo com paredes que parecem ondas e a neve com a textura perfeita. A sensação é a mesma de quando você chega em alguma praia e encontra a "sua" onda, com um swell no tamanho ideal, o fundo em condições perfeitas e um vento off shore na intensidade certa. Então, para mim, snowboarding é surf, puro surf.

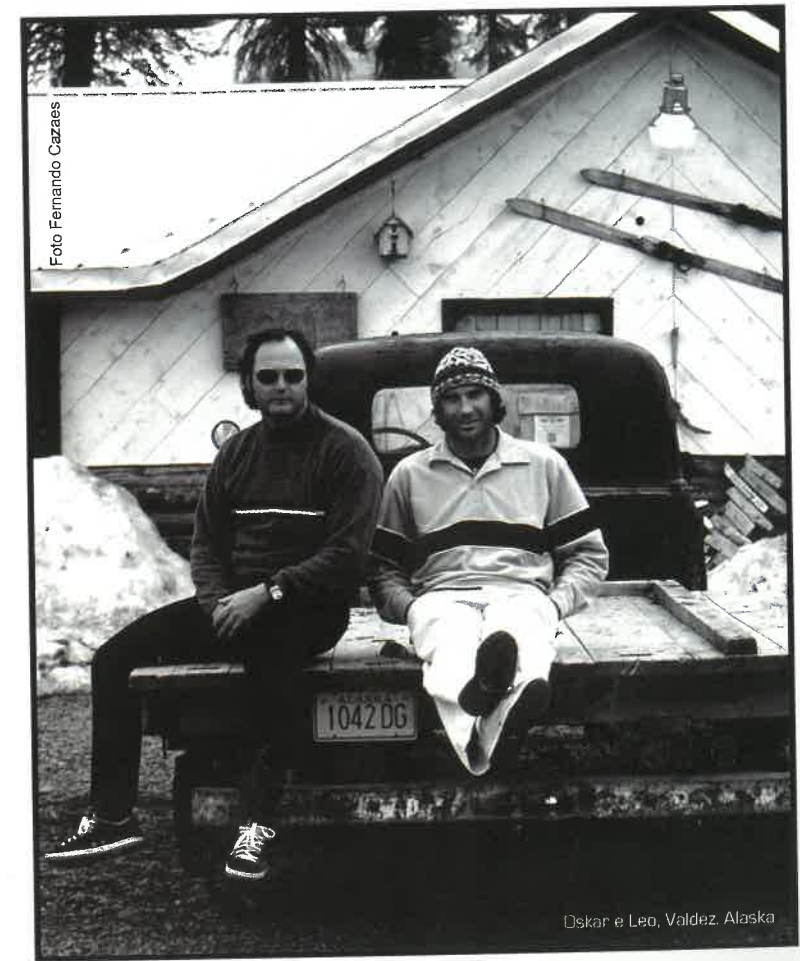


Foto Fernando Cazares

Oskar e Leo, Valdez, Alaska

Pegamos onda desde pequenos, nosso pai foi um dos primeiros surfistas do Rio Grande do Sul, nos anos 60. Na década de 70, ele nos levava sempre em algumas trips a Santa Catarina, para conhecer novas praias e reservas que não tinham infra nenhuma e tínhamos que acampar, desatolar a nossa Kombi ou a Rural. Viajávamos nas coleções da National Geographic, ele comprava algumas vezes umas Surfings, assistíamos direto os documentários do Jacques Cousteau, etc. Então, este espírito de aventura ligado aos esportes de prancha e à natureza sempre nos fizeram sonhar com expedições nas montanhas. Não somos alpinistas, mas conhecemos a técnica e a leitura de montanha o suficiente para poder ser útil em nossas viagens. A partir daí veio o nosso projeto de surfar as melhores montanhas do planeta, não as maiores ou as mais perigosas, mas as com a melhor condição de neve powder, com um relevo o mais próximo da forma de ondas e com inclinações ideais para uma aceleração mais uniforme.



Equipe em direção ao cume do vulcão

A TRILOGIA

O Surfing the Mountains é uma Trilogia, são três expedições na procura de encontrar o melhor pico. Nos Andes, no Alaska e no Himalaya. Estas viagens são um misto de uma surf trip com a emoção de uma aventura nas montanhas, com novos amigos que fazemos, novas culturas que conhecemos, outras filosofias que aprendemos.

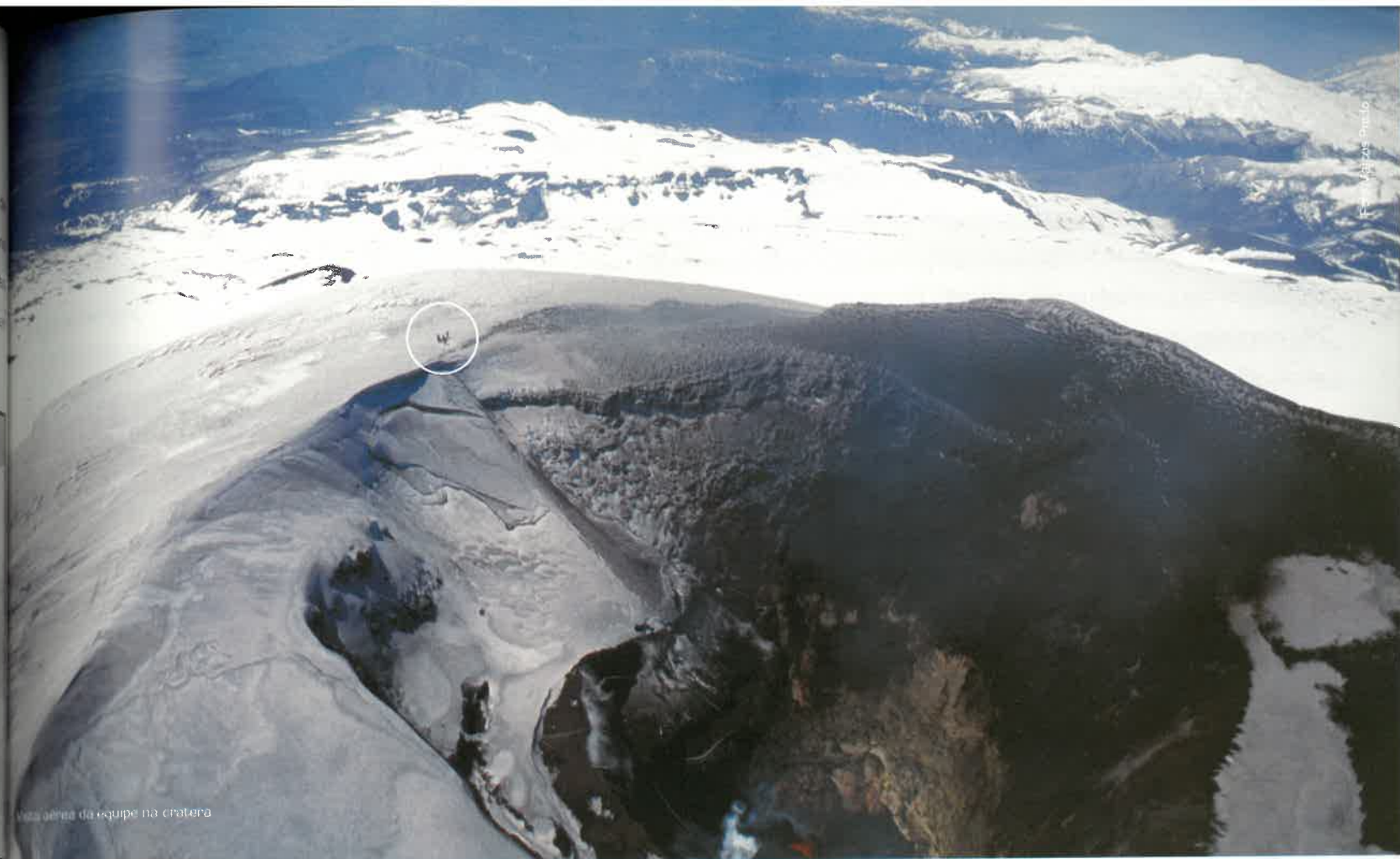
Foto Fernando Cazares



Valdez, Alaska

VULCAO PUCÓN, 1996

No Chile, em Pucón, a nossa expedição foi com intensão de surfarmos um imenso pipe, formado pela lava solidificada da última grande erupção do vulcão. A lava naquele ano, transbordou somente por um lado do vulcão e formou uma enorme canaleta, tipo uma gigantesca pista de skake, que depois de coberta de neve, ficou com formações do seu relevo que lembram enormes ondas, com algumas paredes de até 40m de altura. Quem havia nos falado de Pucón foi um chileno que nos ouviu falando sobre como seria bom uma parede perfeita em forma de onda com neve. E ele então nos falou de um vulcão no sul do Chile. A partir daí nós pensamos, vamos fazer esta trip e assim começamos tudo. O sul do Chile é uma região riquíssima de paisagens contrastantes, o vulcão Pucón é um dos mais ativos da cordilheira andina e ainda lança lava e enxofre. Então, quando você chega, a paisagem é parecida com o Hawaii e o Tahiti com suas montanhas escarpadas de um verde característico de regiões de solo vulcânico e esse vulcão todo coberto de neve.



Uma geleira da equipe na cratera

Para chegar ao cume do vulcão não é preciso muita experiência de alpinismo. É um trekking, com técnica alpina, você precisa saber usar os grampões (botas de escalada com grampos para o gelo) e saber reconhecer os perigos que uma montanha nevada o ano inteiro pode causar.

Como pretendíamos atingir o cume e a partir daí encontrar a canaleta na face do vulcão por onde iríamos descer surfando, tínhamos que começar bem cedo a escalada para termos tempo de ir subindo e estudando as condições da neve, as formações de gelo e os rochedos que iríamos encontrar durante a descida com as pranchas.

A escalada até a cratera do vulcão durou 8 horas, o visual é raríssimo, você vê o interior do vulcão, a lava e o forte cheiro de enxofre que não nos permite ficar mais que uns 15 minutos no cume. Você olha ao redor e não vê nada mais alto, você fica acima das nuvens. Fomos até a borda da última erupção e sentamos, contemplando este visual e este momento, que para nós é quase mágico. É a conquista de termos chegado ao nosso pico, onde, em poucos instantes iremos desfrutar o nosso sonho de surfar aquelas paredes nevadas que um dia um cara nos havia contado a história - de um vulcão que tinha umas paredes que pareciam ondas...

Tiramos as pranchas de nossas costas, trocamos de botas de escalada para as de snowboard e dropamos. Nos primeiros momentos da descida, não há neve, somente uma camada de gelo misturada com a fuligem do vulcão e com formações moldadas pelo vento, que se parecem com os fundos de coral, cortantes. Mas quando passamos estes primeiros 200m, a neve alisou e pudemos começar a soltar o nosso surf. Foram uns 1.000m de uma inclinação moderada, para irmos pegando o pé da prancha e sentindo a neve. Quando então surge a parte mais concava do pipe, com as paredes de 20, 40m. Podíamos acelerar reto de um lado do pipe e então subir a outra parede e fazer um cut back com tudo. Tem uma descida, em que eu dei 5 rasgadas perfeitas em uma única parede.

A descida durou umas duas horas, porque estávamos filmando e tínhamos que parar, as vezes, para esperar a equipe de filmagens se posicionar. Por que senão teríamos feito a descida em uns 45 minutos. Chegamos no final de cabeça feita, com o sol já se pondo e iluminando de dourado toda a face que nós havíamos dropado. Como se Deus estivesse fechando com ouro a nossa conquista.

Em 1999, foi a vez do Alaska, Valdez, a região montanhosa, mais ao sul.

O próprio nome Alaska já diz tudo, terra de aventura, de conquistas. Somente realizar uma trip para lá, para nós já seria uma conquista a la National Geographic.

Nosso principal contato é o Nick Perata um dos grandes extreme snowboarders do mundo e organizador da principal competição de snowboard do mundo, o King of the Mountain que é realizado na região de Valdez. Equivale ao Pipe Masters havaiano.

Nós o conhecemos em uma outra trip e nos tornamos bons amigos. Ele mora no Alaska há anos e nos convidou, naquela época, a ir à Valdez para conhecer os seus picos preferidos. Para nós, isto equivale a ser convidado por Gerry Lopez, a surfar os seus melhores picos, há uns 30 anos atrás na Indonésia.

Saimos de Anchorage, que é a capital, em um Jeep Cherokee com as pranchas em cima. Partimos em direção a Valdez que fica a uns 700km de distância. Mas não fomos direto, preferimos ir seguindo um outro trajeto que percorria as antigas minas de ouro e cobre, ir conhecendo o verdadeiro Alaska e procurando as nossas ondas. Durante a viagem conhecemos em um posto de gasolina o Al, um ex-piloto de guerra, nos contou ter vindo 50 anos atrás, influenciado pela obra do escritor de aventuras, Jack London.

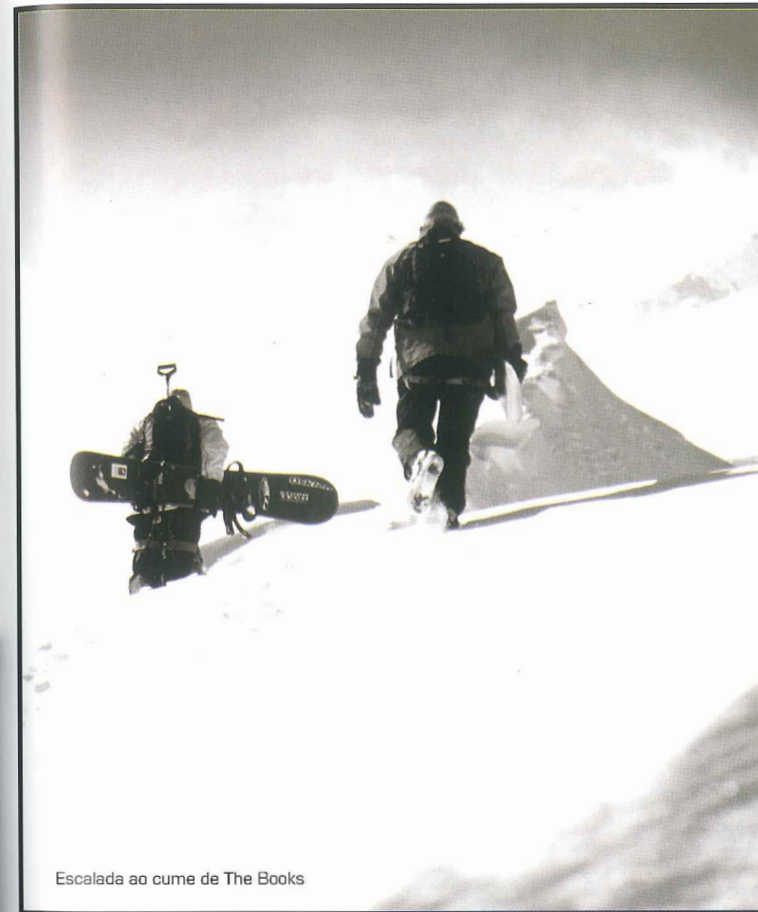
Ele veio morar no Alaska, após a II Guerra, para ter uma vida simples: caçar alces e ursos no verão e pescar no inverno. Este foi nosso primeiro contato com o estilo de vida daqui, onde um simples encontro é um acontecimento. As distâncias são tão grandes, e a terra tão inabitada, que companhias são sempre bem recebidas.

O Al nos apresentou outros amigos e contamos que estávamos fazendo a nossa aventura de encontrar a nossa grande e perfeita onda na neve. Os velhos pilotos falam de uma enorme geleira cravada no coração do parque nacional Wrangell-Saint Elias, onde seria possível usar um avião, e de lá nós poderíamos descer até um lago congelado onde eles conseguiriam pousar e nos resgatar. No dia seguinte decolamos com o Al. O pouso na geleira foi casca grossa, tivemos que desatolar

"Por alguns instantes o equilíbrio é tão perfeito que nos damos ao luxo de abstraí-lo por alguns segundos... permitindo que este momento fique gravado em nossa memória para sempre... como uma sensação de prazer físico, mental e espiritual..... Isto é surf... puro surf"



monomotor da neve, antes que ele afundasse. Escalamos por umas duas horas e do pico podíamos ver o lago congelado onde o Al iria nos resgatar. Este foi o nosso primeiro dia de surf nas montanhas do Alaska, sem guia, em um lugar onde ninguém jamais havia surfado. Uma neve perfeita e tranquila para um surf mais relax. Um belo presente da vida que vem do nosso estilo de viver e de fazer amigos.



Escalada ao cume de The Books

Dia seguinte o Al nos mostrou o estilo de vida dele: Andamos de trenó, fomos com o avião para um outro lago congelado pescar, uma experiência maneiríssima. Quando fomos embora, ele nos presenteou com uma galhada (chifres de Alce) de sua última caçada.

Partimos depois, em direção a Valdez, passamos por minas de ouro, florestas gigantes e então começamos a subir a cordilheira das rochosas até o Thompson Pass, a parte mais alta da estrada que sempre tem o perigo de avalanches ou de gelo sobre a estrada. Por coincidência, sorte, destino, sei lá, encontramos na beira da estrada o Tim com o seu snowcat (trator de neve), encarregado pela conservação e manutenção da estrada naquele lugar. E mais uma vez, quando ele soube o que estávamos procurando, ficou

amarradão em conhecer brasileiros e surfistas. Ele é californiano!

O convencemos, que não foi difícil, a nos levar no snowcat até o pico da montanha que estávamos, que de lá desceríamos até a face sul, virada para o sol, pois iria escurecer (no Alaska, nesta época, escurece às 23:00h) e nos encontraríamos na estrada, para o resgate.

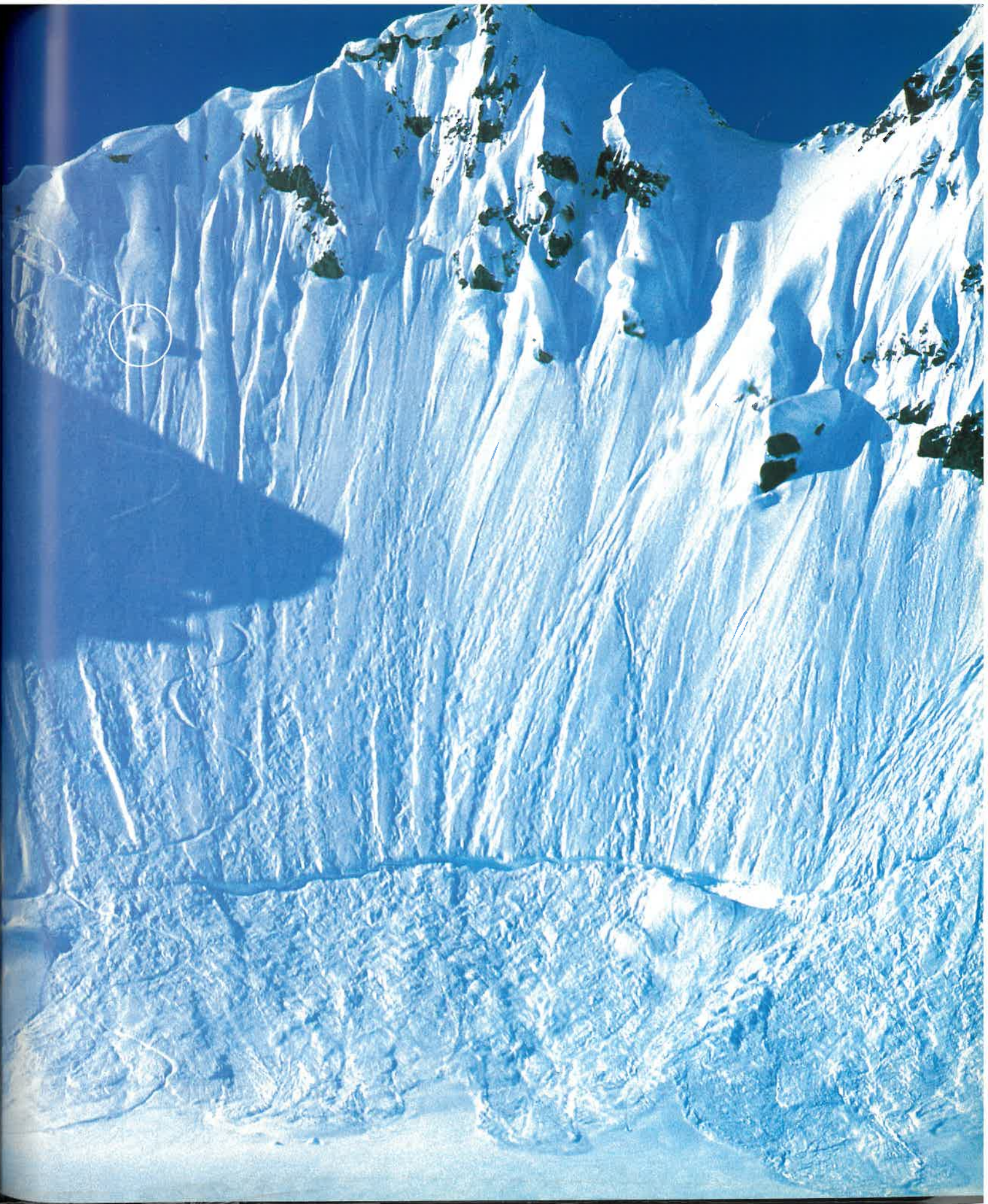
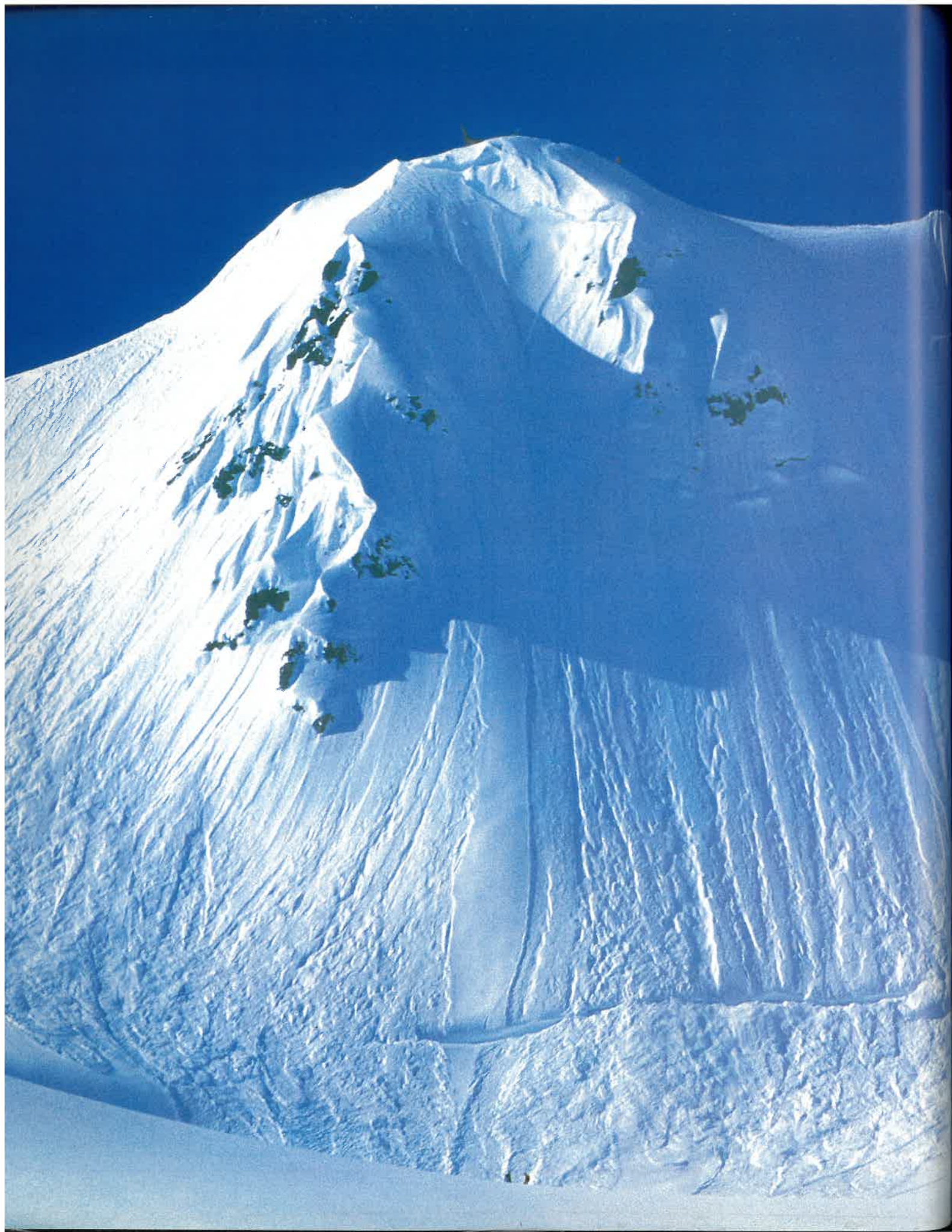
Quando começamos a subir, começou a fechar o tempo, mas como já estávamos lá em cima e fissurados para mandar ver, continuamos. A descida foi legal, neve boa, mas com pouca visibilidade e sem guia. O que parecia fácil havia ficado perigoso pois com o tempo nublado você não consegue fazer a leitura do relevo da neve e não pode mandar ver na velocidade. Foi quando aconteceu o maior susto de nossas trips. O Leonardo pegou uma camada de gelo por debaixo da neve e derrapou em um lugar que não podia. Caiu alguns metros, conseguiu se levantar, mas a avalanche formada veio por trás dele, como uma onda quebrando, e o carregou uns 100m abaixo. A descrição do Leonardo sobre avalanche:

"Por causa da pouca visibilidade, quando me dei conta já tinha entrado em uma lâmina de gelo. Minha prancha perdeu totalmente o controle e me fez despencar montanha abaixo. Quando recuperei o equilíbrio, o que eu mais temia aconteceu. Uma avalanche provocada pela minha própria descida me pegou pelas costas. Foram os segundos em que senti a minha mais longa e fria expectativa."

Passado o susto, retornamos à descida, mas acabamos chegando muito longe do ponto previsto, provavelmente na altura do Thompson Pass. Já não havia quase luz e a temperatura caiu tremendamente. Por sorte Tim sacou que havíamos desviado a descida e veio ao nosso encontro. Na cabana, à noite, um churrasco de carne de alce que o Tim nos ofereceu e uma conversa reflexiva sobre o perigo que passamos e a nossa irresponsabilidade de ir sem guia, num pico desconhecido e com o tempo mudando. Foi como um aviso, e



Oskar e Deam Cummings



baixamos a bola. Chegando em Valdez, encontramos com o Nick Peratta e ele nos apresentou o Dean Cummings, o americano, campeão mundial de extreme ski e que também iria nos levar a outros picos inados de Valdez.

Para nós não poderia ter sido melhor, durante 10 dias ficamos fazendo de helicóptero umas 6 descidas por dia, nas principais e melhores montanhas da região. E ainda por cima com os caras mais feras e gente boa. Aprendemos muito de montanha e de extreme snowboarding. Com eles aprendemos a confiar em dropar paredes cada vez mais inclinadas.

Passada estas semanas, o Dean sabendo que queríamos encontrar a montanha ideal para o nosso estilo e que correspondesse com o nosso desejo de surfar a mais longa e perfeita onda, nos sugeriu uma trip de helicóptero até uma cordilheira chamada The Books onde estudaríamos o relevo sobrevoando e depois iríamos preparar a nossa grande descida, em uma parede inicial de mais de 50 graus de inclinação. Estudamos, à noite, as imagens que fizemos e traçamos a nossa linha.



Oskar "surfando" The Books

No dia seguinte, o piloto do heli não conseguiu parar no topo da montanha como havíamos planejado porque estava ventando muito. Então tivemos que pousar uns 200m abaixo e escalar até o cume. O vento estava bem forte e tínhamos que segurar as pranchas e cuidar para não ser carregados montanha abaixo. Chegando ao cume, o Dean estudia meticulosamente o tipo e as camadas de neve das últimas precipitações, para ver se há o perigo de deslocamento de placas e daí uma avalanche. O misto de medo, pois a inclinação de 52 graus parece uma parede de 90 graus, altura, perigo de

avalanche e a emoção de mais uma vez, eu e o meu irmão, estarmos a poucos minutos de realizarmos mais um sonho nosso, é indescritível. Ouvimos os conselhos do Dean, trocamos informações pelo rádio com o piloto do helicóptero e com o Silvestre sobre as tomadas da filmagem: aguardar a nuvem sair para ter luz, não cair ou fazer alguma curva com estilo feio porque não teríamos chances de repetir a descida e etc.

A adrenalina fica a mil, mas chega o momento onde a concentração e a breve troca de palavras entre eu e Leonardo. Onde um pequeno vazio, principalmente no drop inicial pode ser uma roubada. Aquele instante, da descida do drop, é o momento onde você se desliga de tudo e ao mesmo tempo se liga em um alto grau de tudo o que você precisa dominar: confiança em você, aprendizado técnico, respeito à montanha e surf, muito surf.

Neste nível de inclinação e consistência powder de neve, a pressão sobre a prancha deve ser mínima, eu diria que deva ser bem parecida com a de um floater sobre a espuma da onda quando você tem que cuidar para que a prancha não afunde na espuma antes de chegar na base. Você deve saber conduzir a prancha com firmeza mas sem pressão, com certeza, um dos máximos do extreme snowboarding. O leque formado pela sua curva é projetado para a frente e cai por cima de você na curva seguinte. O que dá a impressão de você estar "entubando" por baixo da neve. Quando termina esta primeira seção, a mais inclinada da descida, você relaxa e começa a fazer render a velocidade, a imensidão e a liberdade que estas montanhas virgens do Alaska te permitam. Neste momento atingimos um dos raros prazeres da vida: o climax da união das condições perfeitas da natureza, do condicionamento físico e mental e da técnica com estilo. Começamos a perceber que estávamos atingindo uma outra dimensão no snowboard, estávamos em uma nova realidade de surf. O espaço e as distâncias nos permitem curvas que somente em sonho havíamos realizado e com velocidades que jamais havíamos atingido, um misto da suavidade da neve perfeita com a intensidade imprimida pelo estilo do nosso surf.

Posso imaginar a mesma diferença que um surfista sente quando faz o seu primeiro tube riding em uma onda de 10 pés. Uma nova experiência, em outra dimensão de surf.

Oskar e Leonardo deixam para trás, marcas sobre a neve virgem, que seriam apagadas pelo vento da noite. Os traços delicados nesta tela branca deixam registrados por pouco tempo as características únicas de cada um. A poesia aqui é curta. Nada é eterno sobre esta neve, e o que permanece é somente a emoção.

HIMALAYA, 2004

próxima será no Himalaya em 2004, na região do Hymachal, na fronteira da Índia com a Cashemira. Vamos ficar, em dois mosteiros por 20 dias, nos preparando física, mental e espiritualmente para então poder "surfear as montanhas sagradas do Himalaya".

ERAS DE AVENTURA PRODUÇÕES

Oskar Metsavaht - Snowboarder / Diretor
Leo Metsavaht - Snowboarder / Produtor Executivo / Médico
Silvestre Campe - Diretor de fotografia / Câmera
Cristiano Penna - Snowboarder / Assistente Executivo
Carlos Leonam - Assistente Executivo

poio



Os filmes Pucôn Gelo e Fogo e Alaska-Surfing the Mountains serão exibidos na Band Sport durante o mês de Julho.

Projeto Gráfico e Edição de Fotos:
Andrei Quartin, Andres Pinilla
e Bernardo Alevato



PRORIDER
e y e w e a r

BE
YOUR
SELF

Joca Junior

TEAM SURF PRORIDER



(RYUKYU)

www.proridersunglasses.com

www.prorider.com.br

prorider@prorider.com.br



Acessórios

Tel 11 3865.7728 / 3801 4580
www.roxyshop.com.br



Descubra os mistérios do mar.



O Instituto Oceanográfico de Santos - IOS é um novo Centro de Pesquisas que tem como foco as questões ligadas aos ecossistemas aquáticos, marinhos, litorâneos e insulares. O estabelecimento de parcerias com empresas privadas, órgãos públicos, ongs e demais entidades nacionais e internacionais comprometidas com as questões ambientais, é uma das prioridades do Instituto. Para realizar suas atividades práticas, o IOS dispõe da catraia "Oceanografia 1", que realiza saídas junto aos manguezais e encostas além do "Lugano", trawler de 47 pés, abastecido com diversos equipamentos oceanográficos que possibilitam uma navegação oceânica segura e o credencia como um dos mais bem estruturados laboratórios flutuantes do litoral brasileiro.

Turmas iniciais para os cursos de: Arrais Amador, Mestre Amador e Mergulho Recreativo Básico em parceria com Scafo Mergulhos.

INFORMAÇÕES
tel.: (13) 3261-7757 www.ios.unimonte.br
e-mail: ios@unimonte.br



age.



海老寿司

São Paulo - Shopping Iguatemi
Delivery - Tel.: (11) 3032-0404

JAPENGO STERA
O JAPONÊS DE CARA NOVA.

20

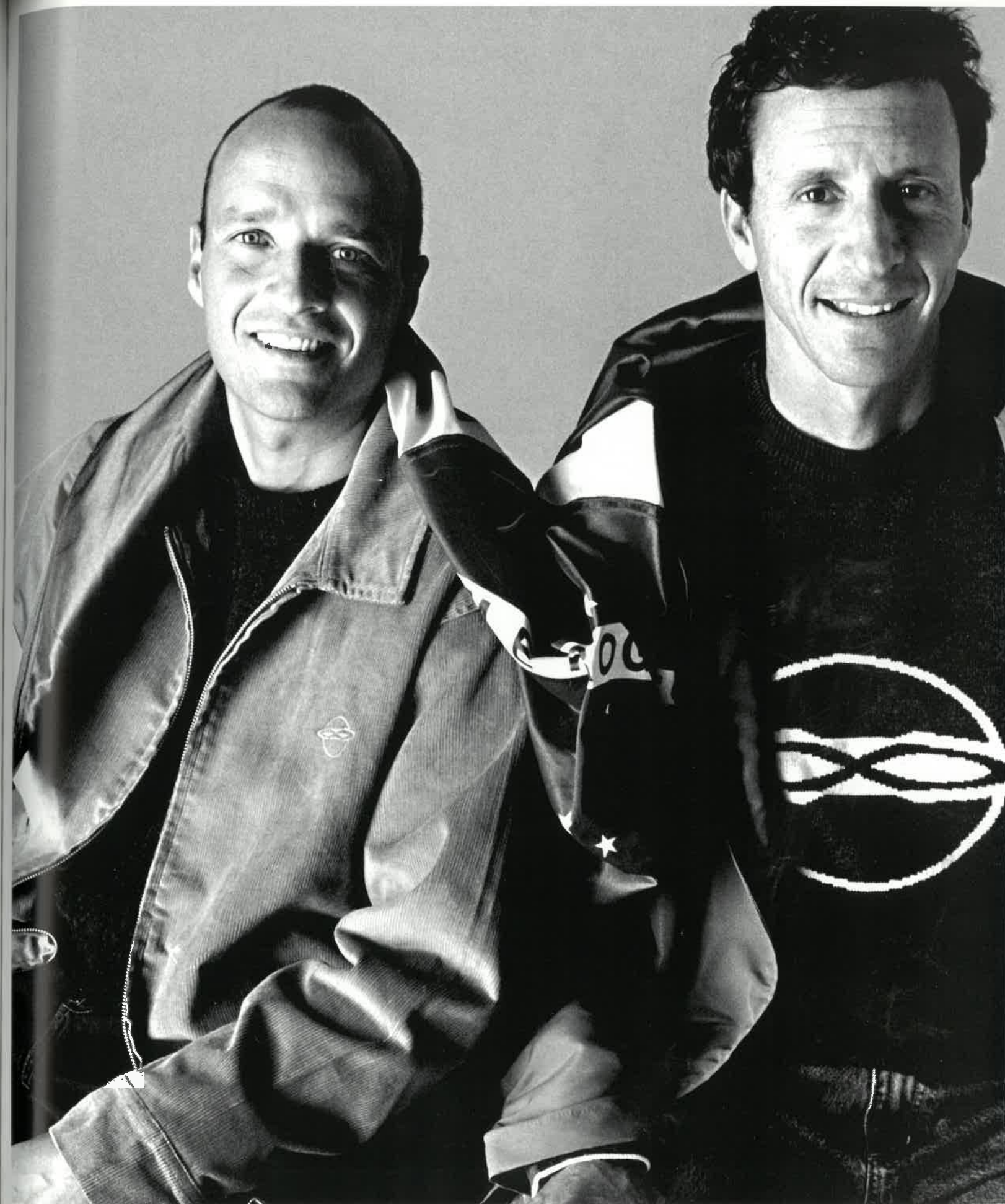
anos da indústria nacional do surf

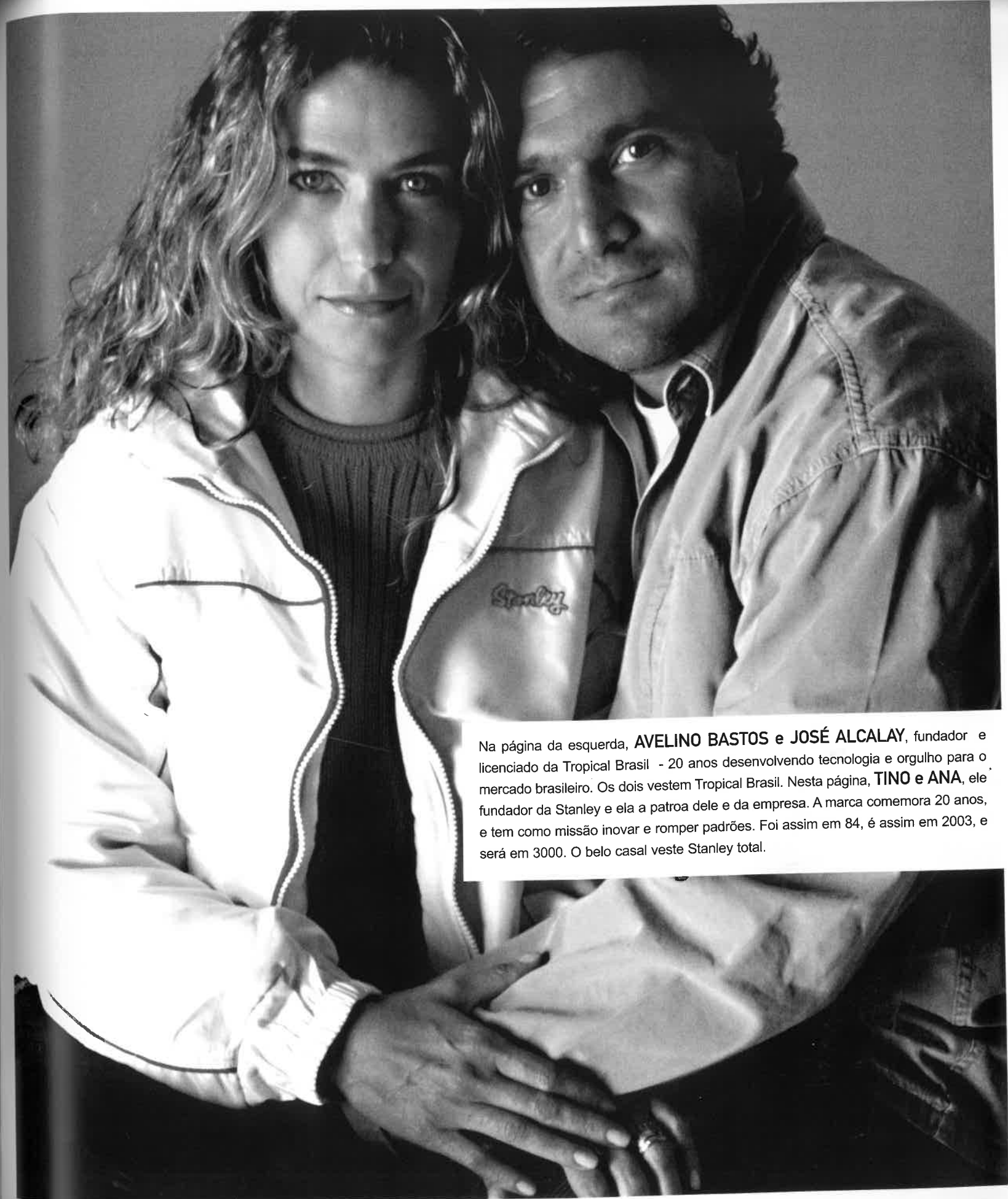
OS CRIADORES COMO CRIATURAS

FOTOS TRIPOLLI
MAKE UP LILI FERRAZ
TEXTO ROMEU ANDREATTA

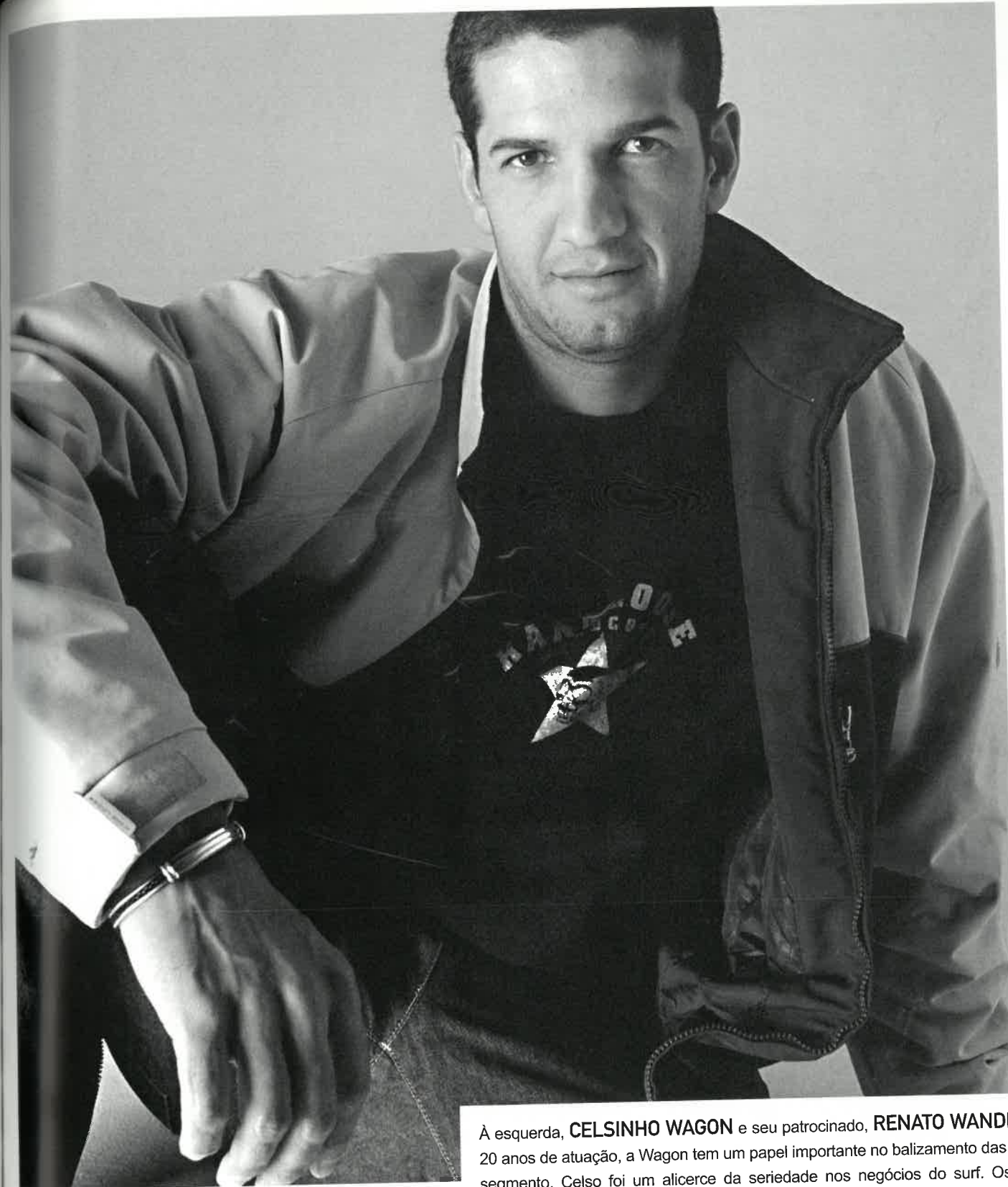
Este editorial é uma homenagem à Indústria do Surf Brasileiro, que alcança 20 anos de vida com a celebração do aniversário de várias marcas "nacionais": A pioneiríssima Mormaii, Fluir, Hang Loose, Tropical Brasil, Wagon, Fico, Stanley e Star Point. Tive muitas divagações ao abordar o desdobramento do mercado pela óptica nacionalista/realista de como é grande e sólido este território, e pude constatar o quanto já está pronto o projeto "Indústria Brasileira de Surf". Marcas, mídias, lojas e personalidades que compõem este segmento foram pela primeira vez clicadas, e tratadas como estrelas, por Luis Tripolli em um ensaio maravilhoso. Os criadores como criaturas. 90% desta parte da indústria nasceu, cresceu e vive no outside dropando; são verdadeiros surfistas de Alma. Temos a maior indústria de surf do mundo e a melhor qualidade humana do planeta, além de estarmos criando o novo eixo do surf adverso ao monopólio "australiforniano" de surftrips, surfwear e surfcompetition. Com o zensurfismo, cabeça e criatividade no surf, forma-se uma nova concepção mundial do surf brasileiro, tomando a dianteira da "quarta dimensão brasileira do surf" como o nosso grande produto de exportação. Veja este ensaio de pé, como se estivesse escutando o hino nacional!!!

MAURÍCIO FAGUNDES é sócio fundador da South to South;
PEDRO MÜLLER, o Águia, dispensa comentários como surfista profissional. A South é uma referência da indústria. Tem 15 anos de vida e com certeza 150 de longevidade.





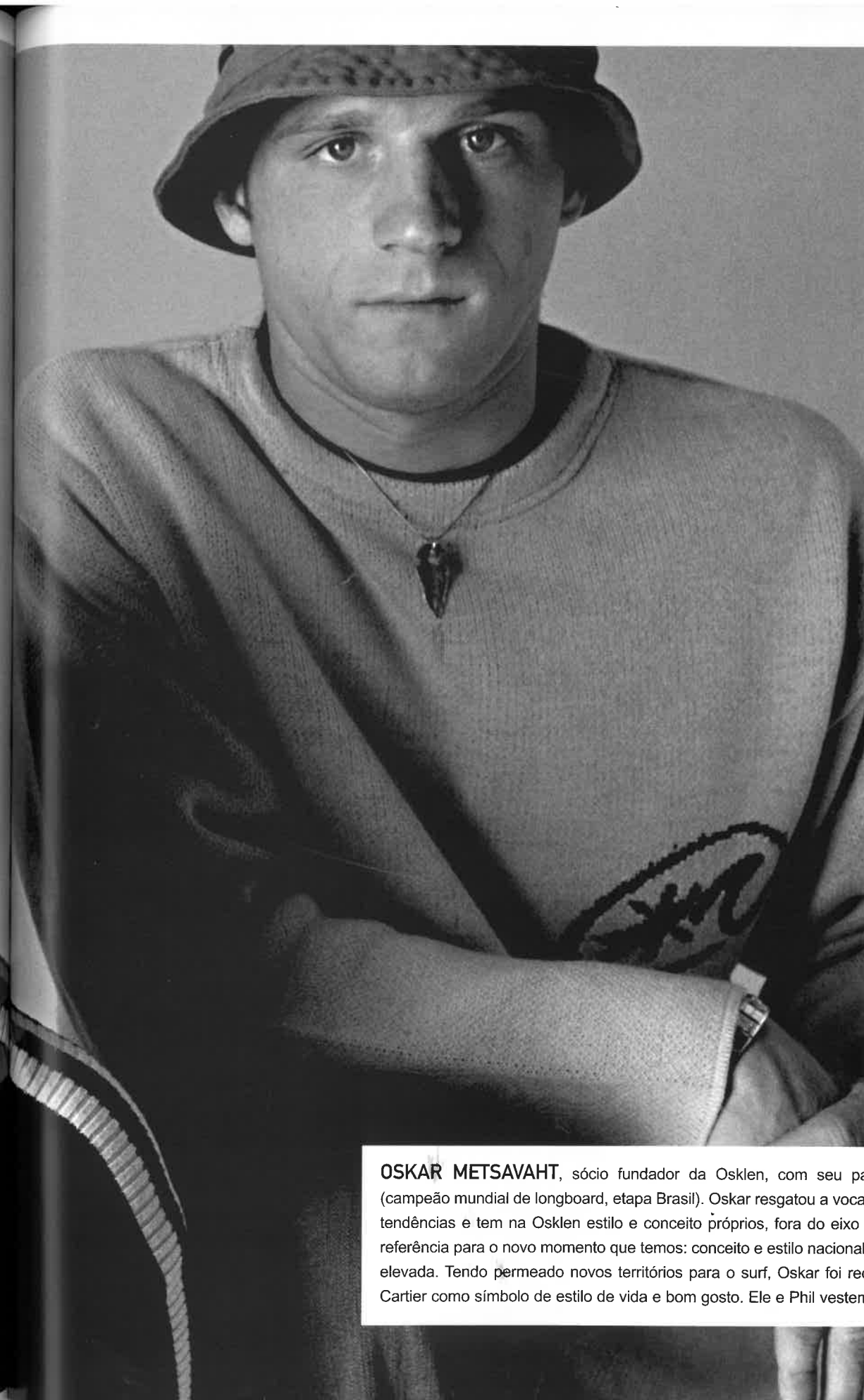
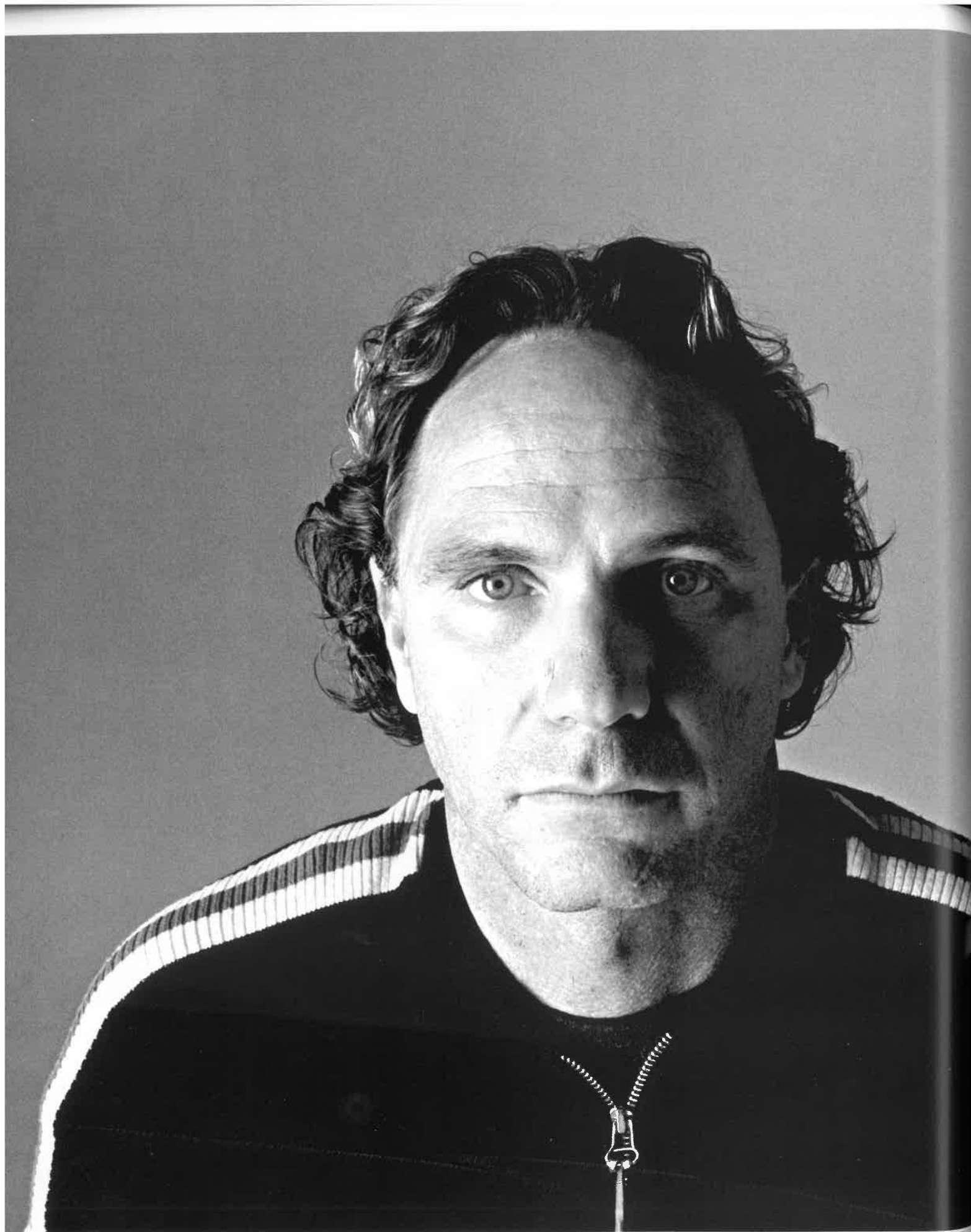
Na página da esquerda, **AVELINO BASTOS** e **JOSÉ ALCALAY**, fundador e licenciado da Tropical Brasil - 20 anos desenvolvendo tecnologia e orgulho para o mercado brasileiro. Os dois vestem Tropical Brasil. Nesta página, **TINO** e **ANA**, ele fundador da Stanley e ela a patroa dele e da empresa. A marca comemora 20 anos, e tem como missão inovar e romper padrões. Foi assim em 84, é assim em 2003, e será em 3000. O belo casal veste Stanley total.



À esquerda, **CELSINHO WAGON** e seu patrocinado, **RENATO WANDERLEY**. Com 20 anos de atuação, a Wagon tem um papel importante no balizamento das operações do segmento. Celso foi um alicerce da seriedade nos negócios do surf. Os dois vestem Wagon. Nesta página, **ANDRÉ**, estilista da Hang Loose, marca líder e uma das pioneiras da indústria nacional, que tem como fundador Alfio Lagnado, um líder incontestável. André veste Hang Loose e tênis Reef.



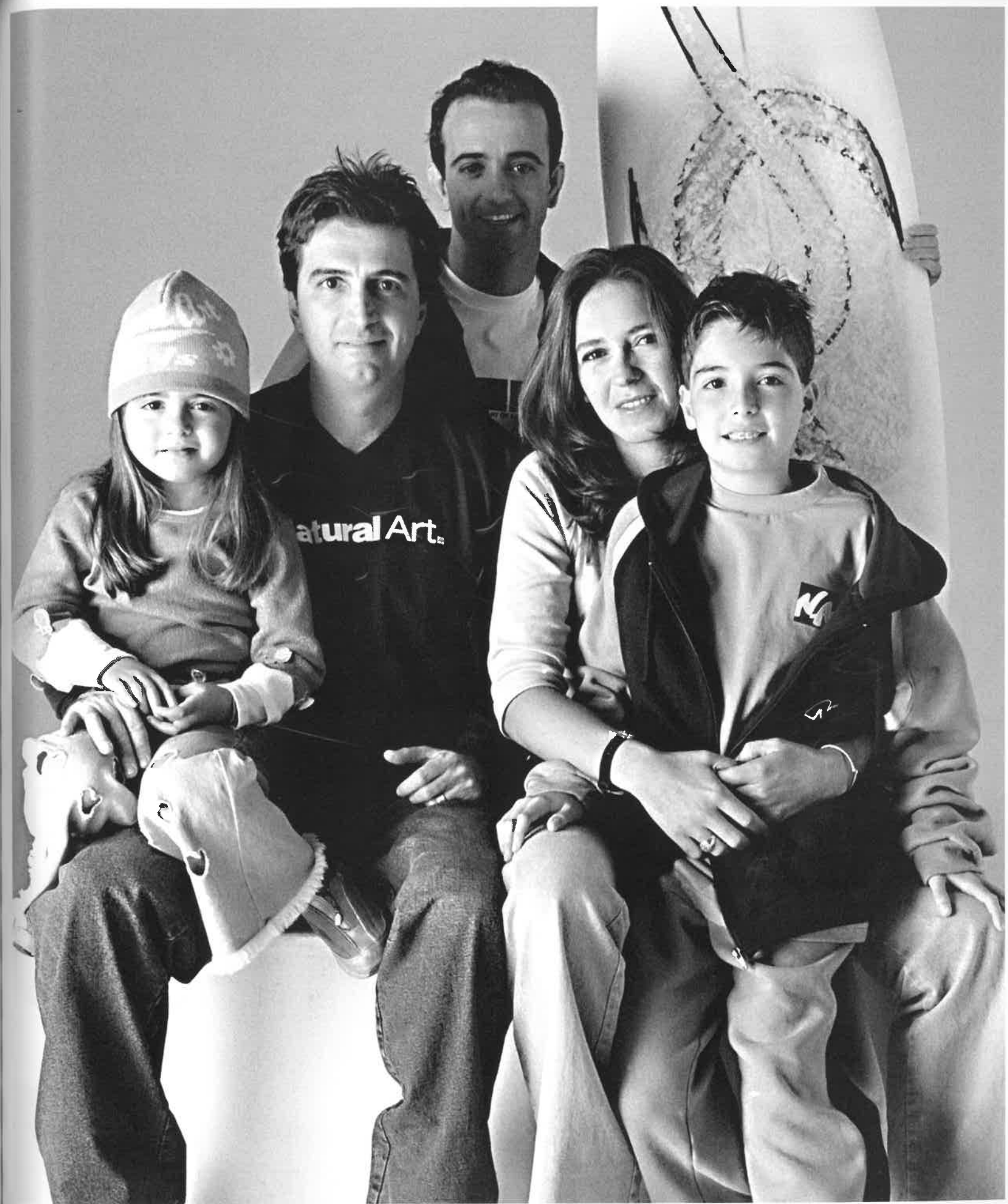
Na página da esquerda, **FICO E CLÁUDIO**, sócios fundadores da Fico. 20 anos de surf, amizade e ousadia marcam a trajetória desta marca, que abriu o mercado do Nordeste. Fico participou da fundação da Abrasp, entre outras importantíssimas coisas. Os irmãos Levy vestem Fico e carregam as sacolas Roller e Holliday. Nesta página, **RONALDO E VITOR**, proprietários da SPY, a "primeira" marca nacional de óculos, que protagoniza o reverso da pirataria - a SPY americana pirateou a marca e o logo do Ronaldão. Pai e filho usam camiseta e óculos SPY.

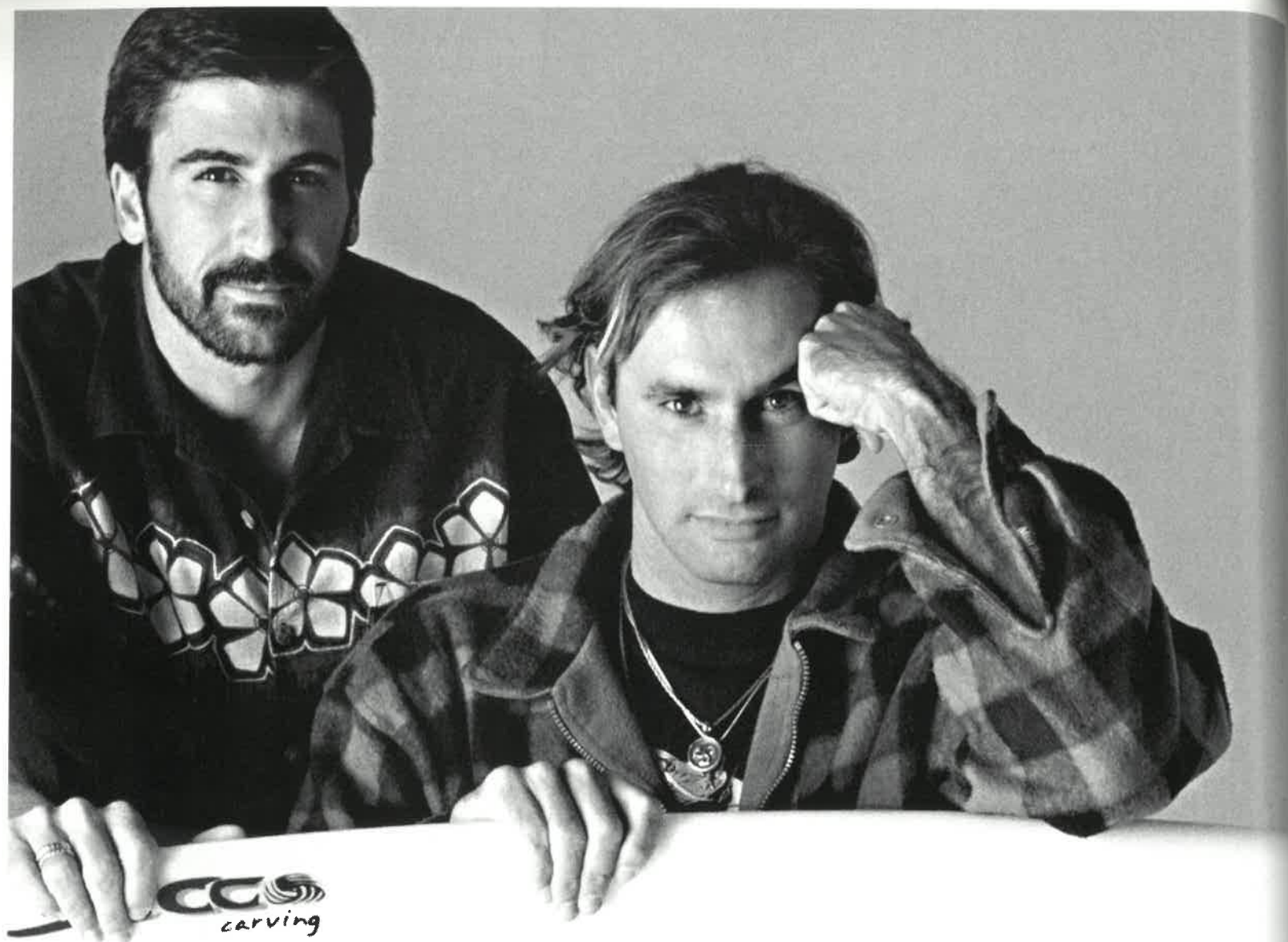


OSKAR METSAVAHT, sócio fundador da Osklen, com seu patrocinado, **PHIL RAJZMAN** (campeão mundial de longboard, etapa Brasil). Oskar resgatou a vocação do Rio de Janeiro de lançar tendências e tem na Osklen estilo e conceito próprios, fora do eixo australiformiano, servindo como referência para o novo momento que temos: conceito e estilo nacional, com criatividade e consciência elevada. Tendo permeado novos territórios para o surf, Oskar foi recentemente homenageado pela Cartier como símbolo de estilo de vida e bom gosto. Ele e Phil vestem malha, calça e tênis Osklen.



Nesta página, **PAULINHO**, sócio fundador da Antiqueda, com seus patrocinados, **ALMIR SALAZAR** e **LECO SALAZAR**; não é preciso falar mais nada. A Antiqueda é uma marca de Santos (o berço do surf brasileiro), com mais de 15 anos de vida, que vem construindo conceitos, marcas e ídolos. É um alicerce do surf da Baixada Santista, e orgulha o segmento com a sua competência e seriedade. Paulinho, Almir e Leco vestem Antiqueda completamente. Na página da direita, a Família Natural: **ZÉ AUGUSTO**, **REJANE**, **PIU**, **CAUE** e **NICOLE PEREIRA**. Natural também é uma marca de Santos, que completa 20 anos e tem histórico na estruturação do surf amador no Brasil. A família esta embalada com Natural. Black jeans, camiseta longa, moletom e gorro.

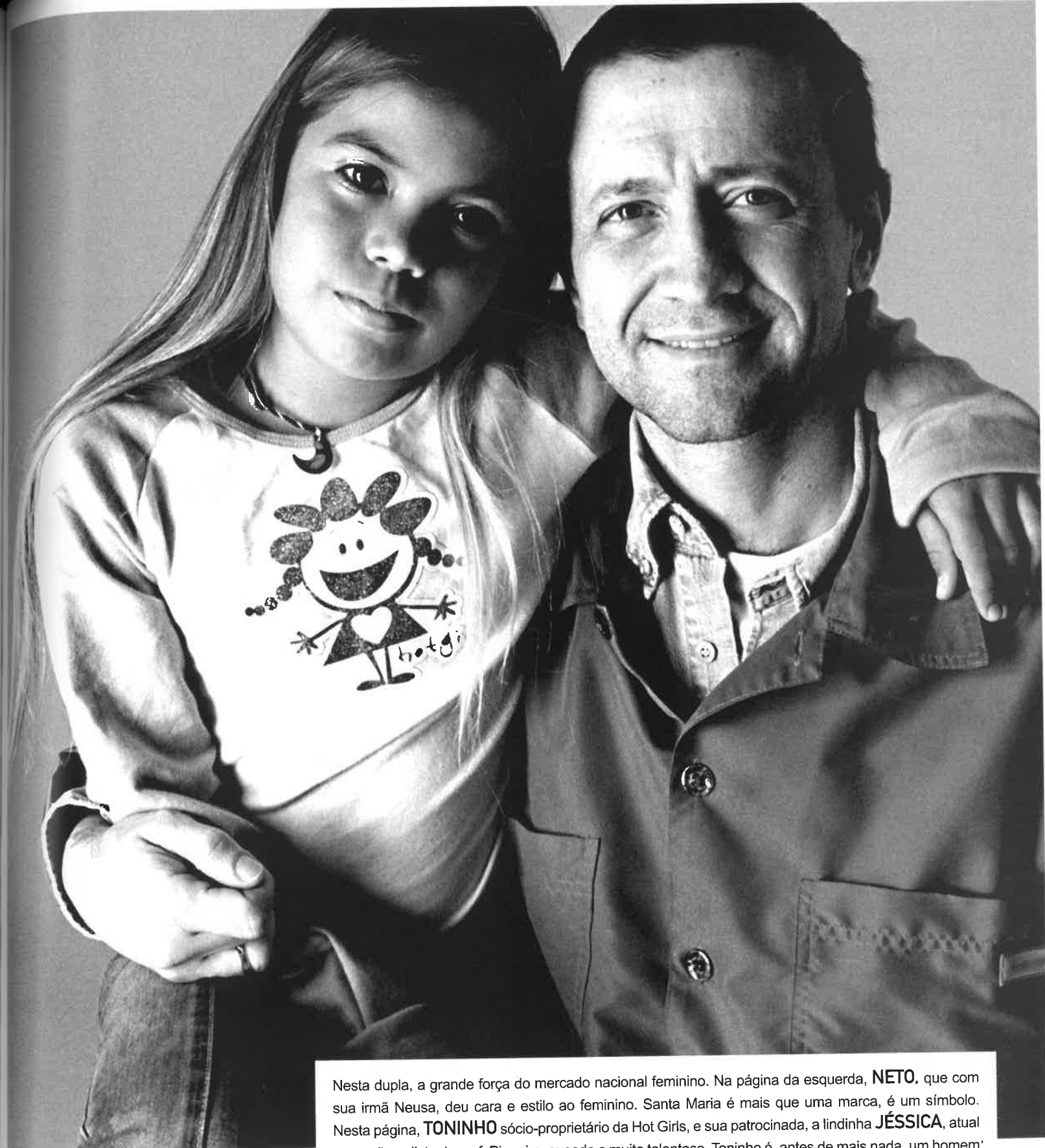
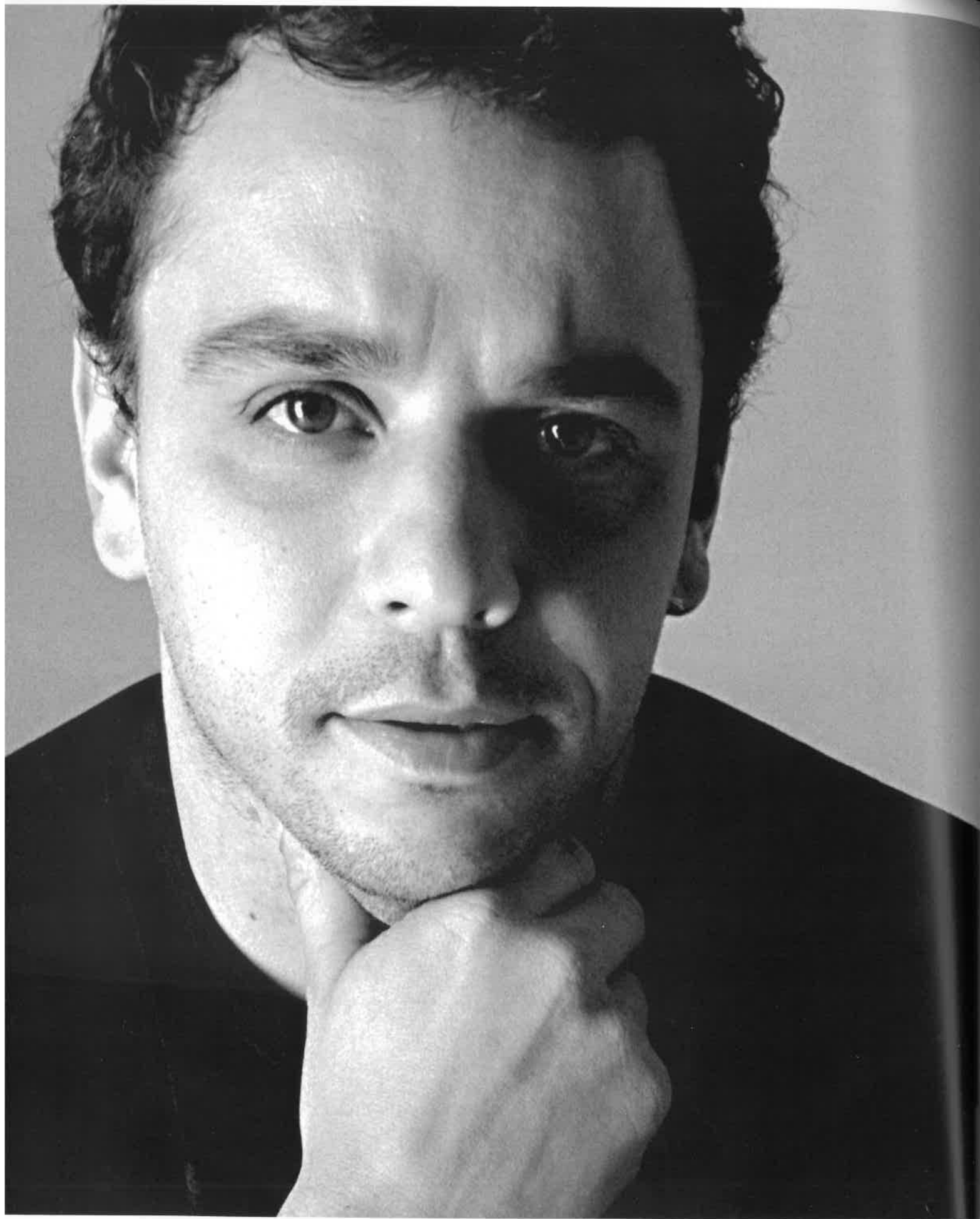




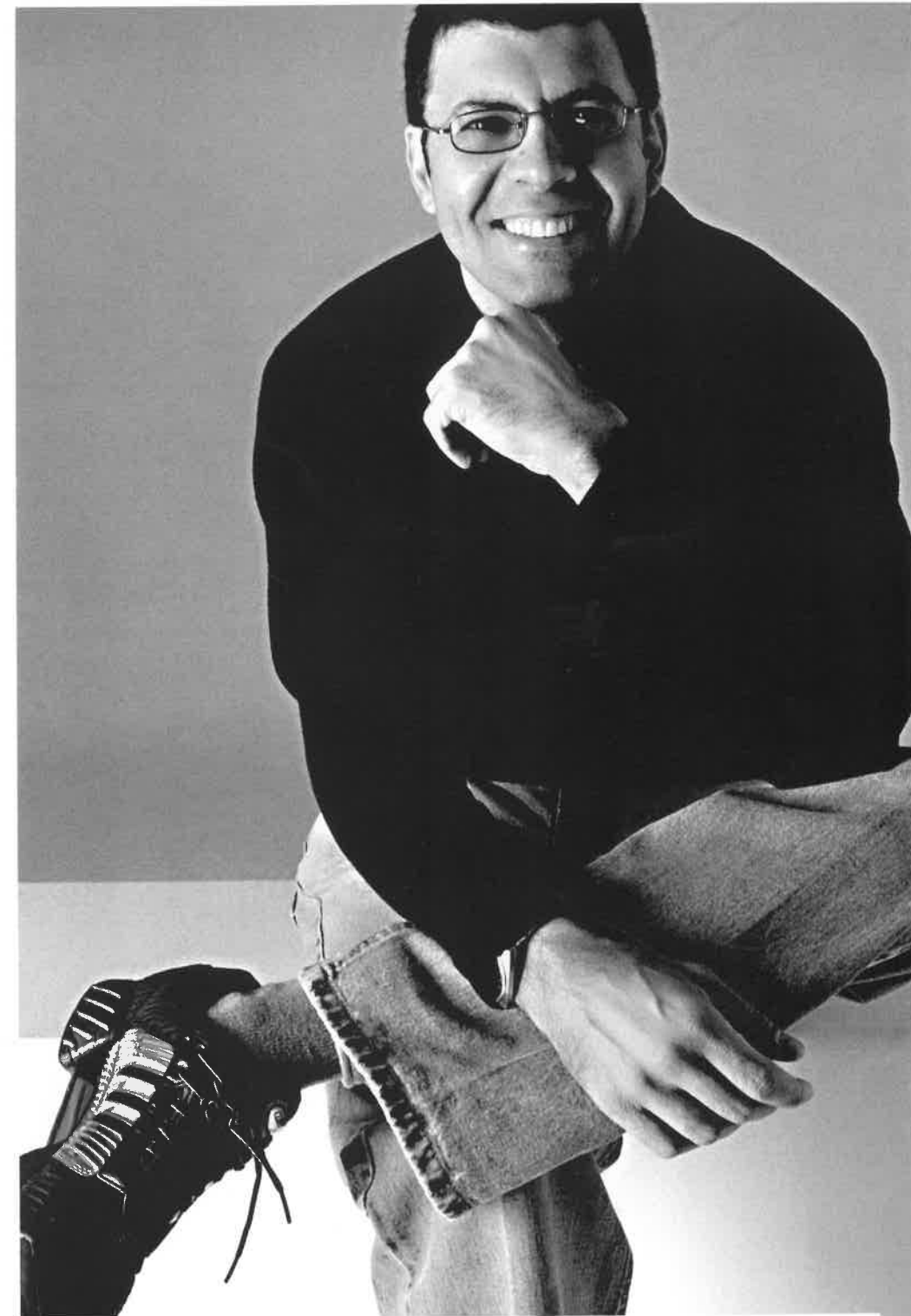
Nesta página, Goofy. **FÁBIO** e seu patrocinado, **RENAN ROCHA**, uma dupla dinâmica. Goofy é autêntica, muito bem-feita, e recheada pelo mais genuíno espírito do surf. Fábio é surfista de alma e tem compromissos profundos com a vida no surf. Na página da direita, acima, o nosso representante no estado, o deputado estadual **ALBERTO "TURCO LOCO" HIAR**. Nestes 20 anos, o Turco nos presenteia com sua presença, ora como lojista e confeccionista, ora como deputado, sempre agregando valor e representando, hoje mais do que nunca, um pilar do surf brasileiro. Além de amigo querido, é patrimônio do segmento. Abaixo, **JACKSON** da HD e **RONI BONETTI**, seu patrocinado e gerente de Marketing. Companheiro de muitas conquistas, Jackson tem um currículo de fomentador de gestão e administração nos negócios do surf. Hoje, sofre algumas conseqüências da sua vanguarda pioneira, mas tem, sem dúvida, seu lugar garantido no seleto grupo que constrói o mercado nacional. Os dois vestem HD.

Goofy

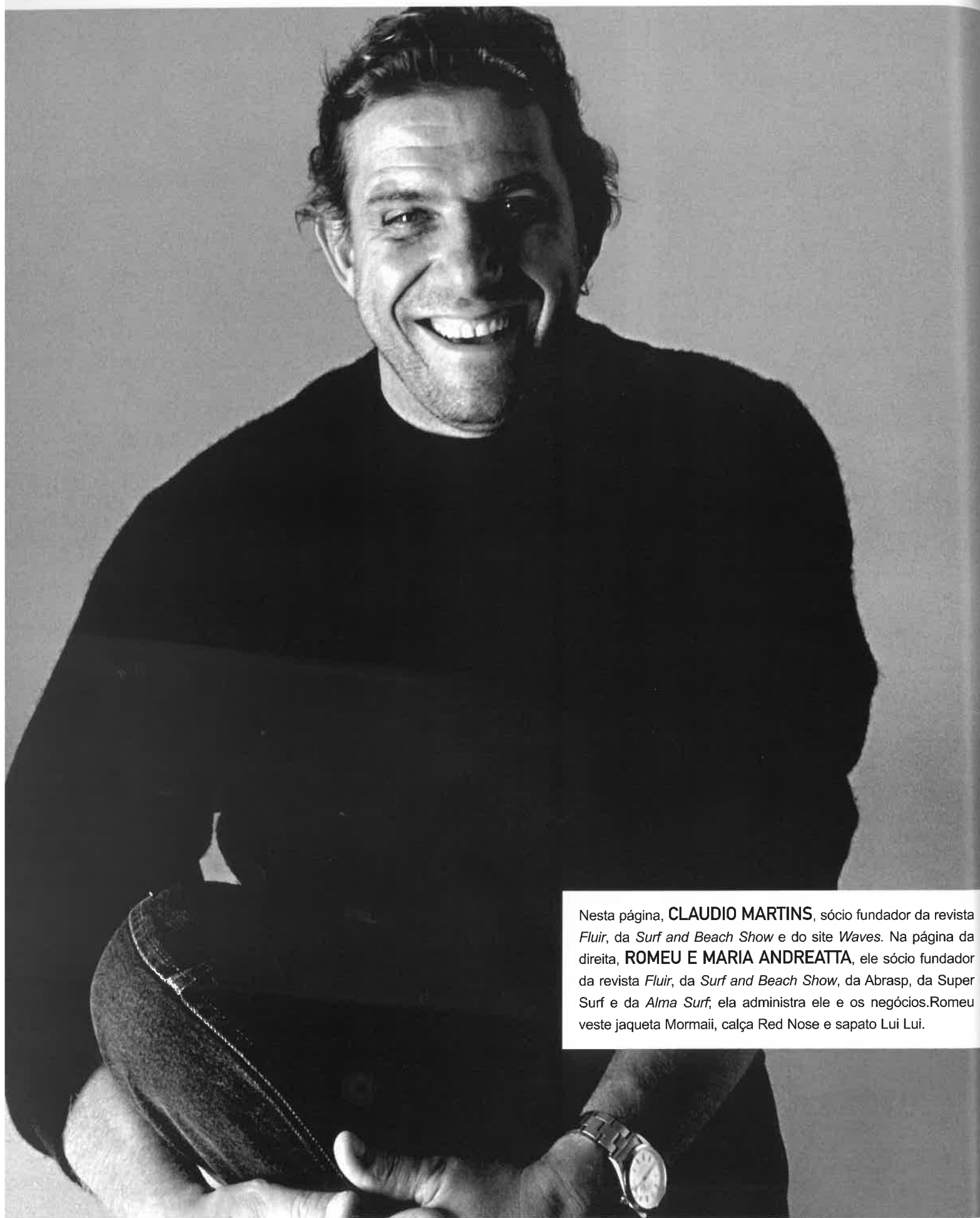




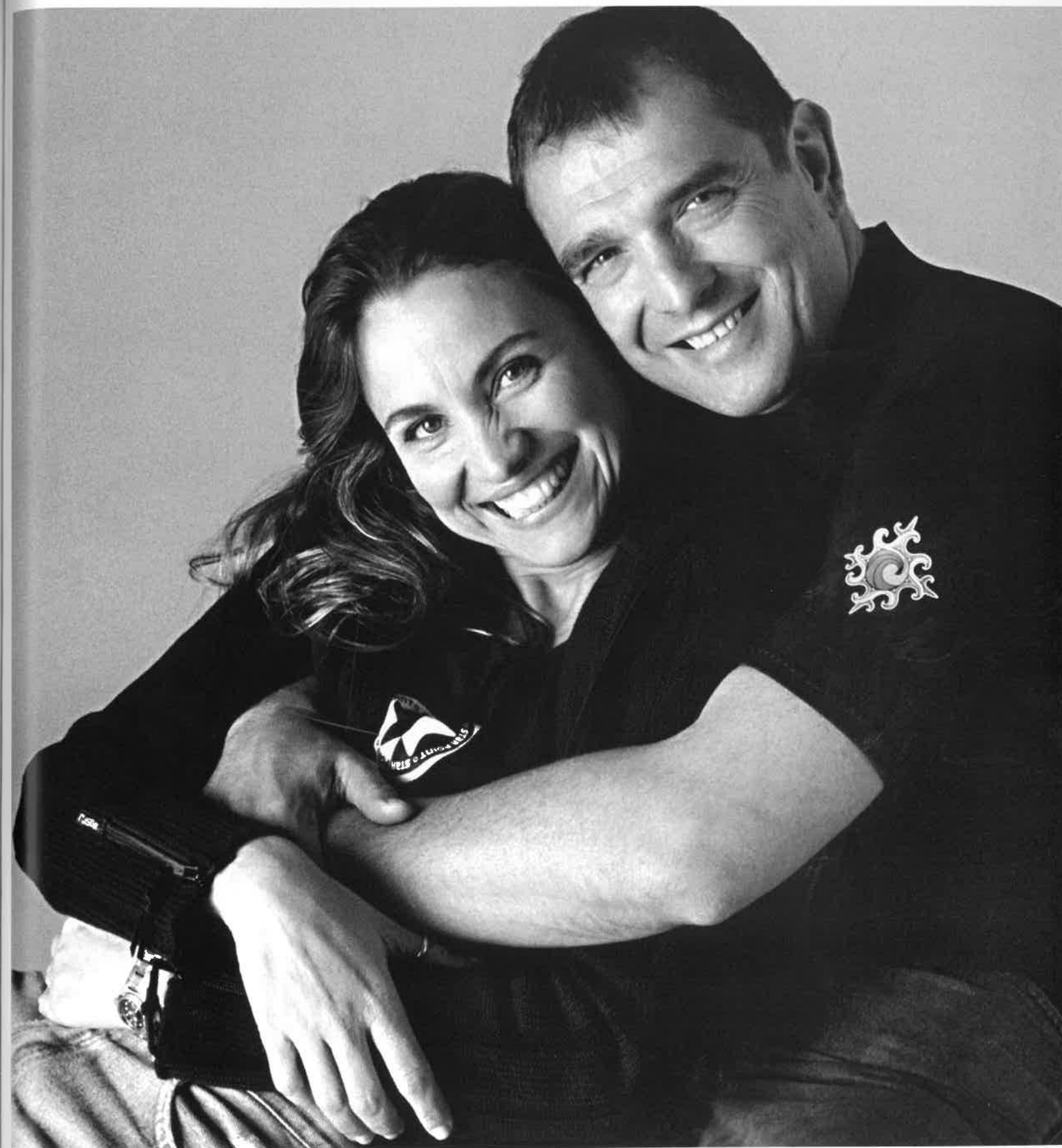
Nesta dupla, a grande força do mercado nacional feminino. Na página da esquerda, **NETO**, que com sua irmã Neusa, deu cara e estilo ao feminino. Santa Maria é mais que uma marca, é um símbolo. Nesta página, **TONINHO** sócio-proprietário da Hot Girls, e sua patrocinada, a lindinha **JÉSSICA**, atual campeã paulista de surf. Pioneiro, ousado e muito talentoso, Toninho é, antes de mais nada, um homem de marketing, e fez da Hot Girls um sinônimo do surf feminino. O grande e maior mérito deste visionário e competente empresário é sem dúvida seu bom humor: nota 10 para ele! Veste blusa MCD, e Jéssica, claro, **HOT GIRLS!**



Nesta dupla, a representação da mídia especializada. No canto esquerdo, o famosíssimo e muitíssimo competente **PAULO LIMA**, com mais de 20 anos de mercado. Ele faz parte do DNA da mídia segmentada como diretor da sucursal da *Visual Esportivo* em São Paulo e, posteriormente, fundando a revista *Trip*. Hoje ele é sem dúvida um dos melhores editores do Brasil. Paulo veste Mandi. No meio, **REINALDO ANDRAUS**, sócio fundador da revista *HardCore*, e sua esposa **MARIA**. Dragão, como é conhecido, é uma das maiores autoridades em cultura de surf e tem a maior coleção de revistas do país; bom amigo, bom surfista, bom jornalista. No canto direito, o talentoso e professor de todos **FERNANDO COSTA NETO**, o "DANDÃO". Por ele ter participado de todo o movimento da mídia especializada, da *Visual Esportivo* à *Nuts*, todos os veículos do meio (com exceção da *Fluir*) têm um traço do talento dele. Sendo uma blindagem para a mediocridade que em vários momentos ataca nosso território, ele eleva os padrões. Editor da *Venice* e *Nuts*, que influi diariamente na construção do nosso segmento.

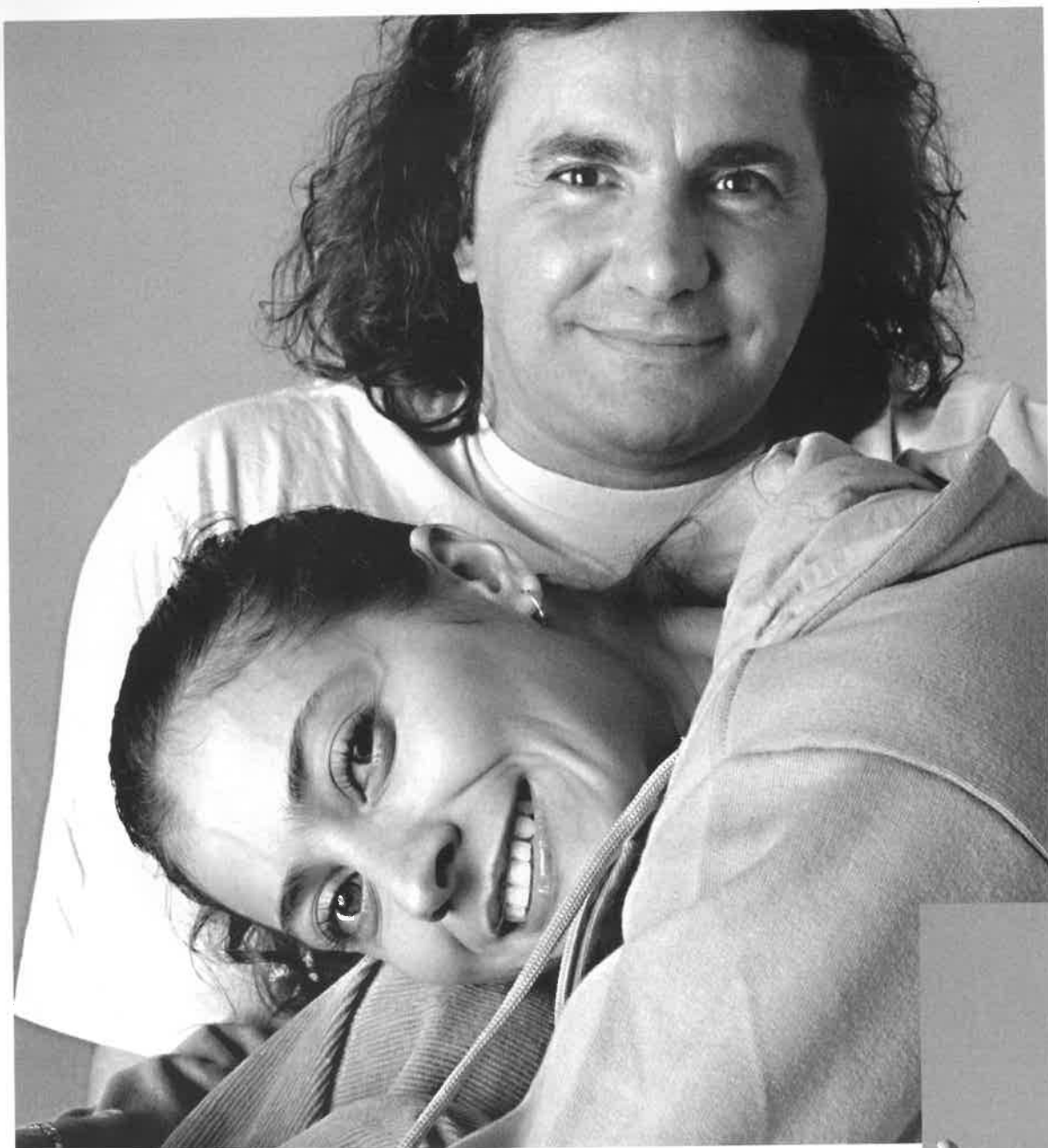


Nesta página, **CLAUDIO MARTINS**, sócio fundador da revista *Fluir*, da *Surf and Beach Show* e do site *Waves*. Na página da direita, **ROMEU E MARIA ANDREATTA**, ele sócio fundador da revista *Fluir*, da *Surf and Beach Show*, da Abrasp, da Super Surf e da *Alma Surf*, ela administra ele e os negócios. Romeu veste jaqueta Mormaii, calça Red Nose e sapato Lui Lui.

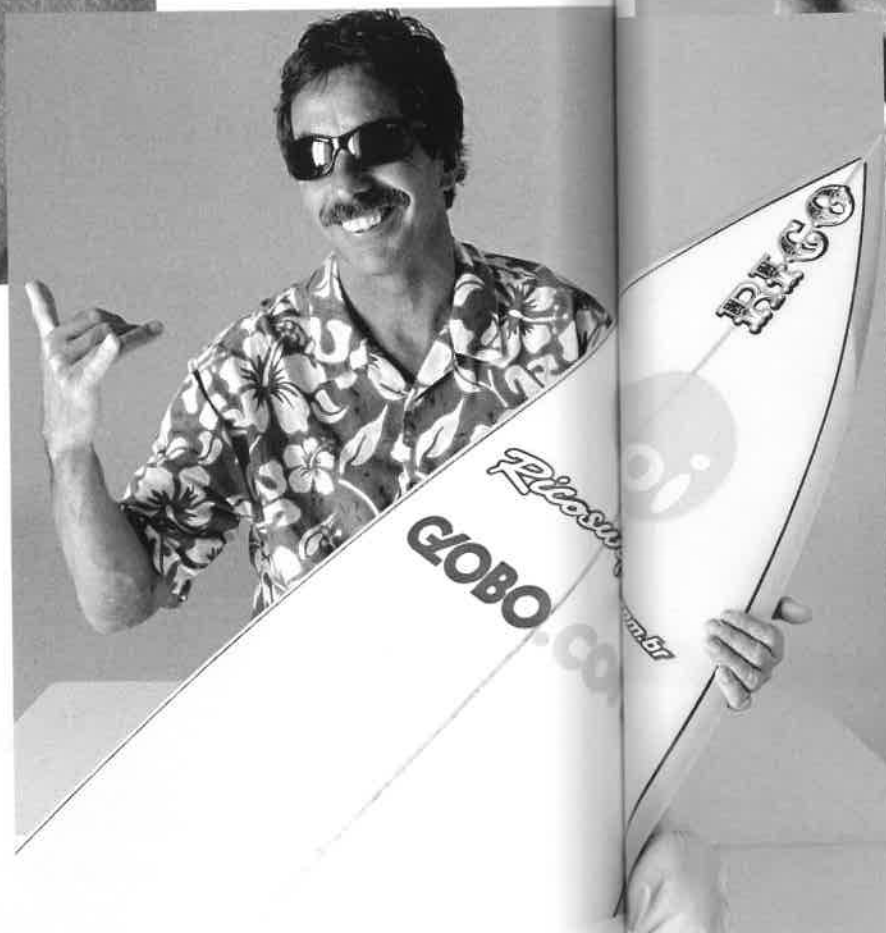


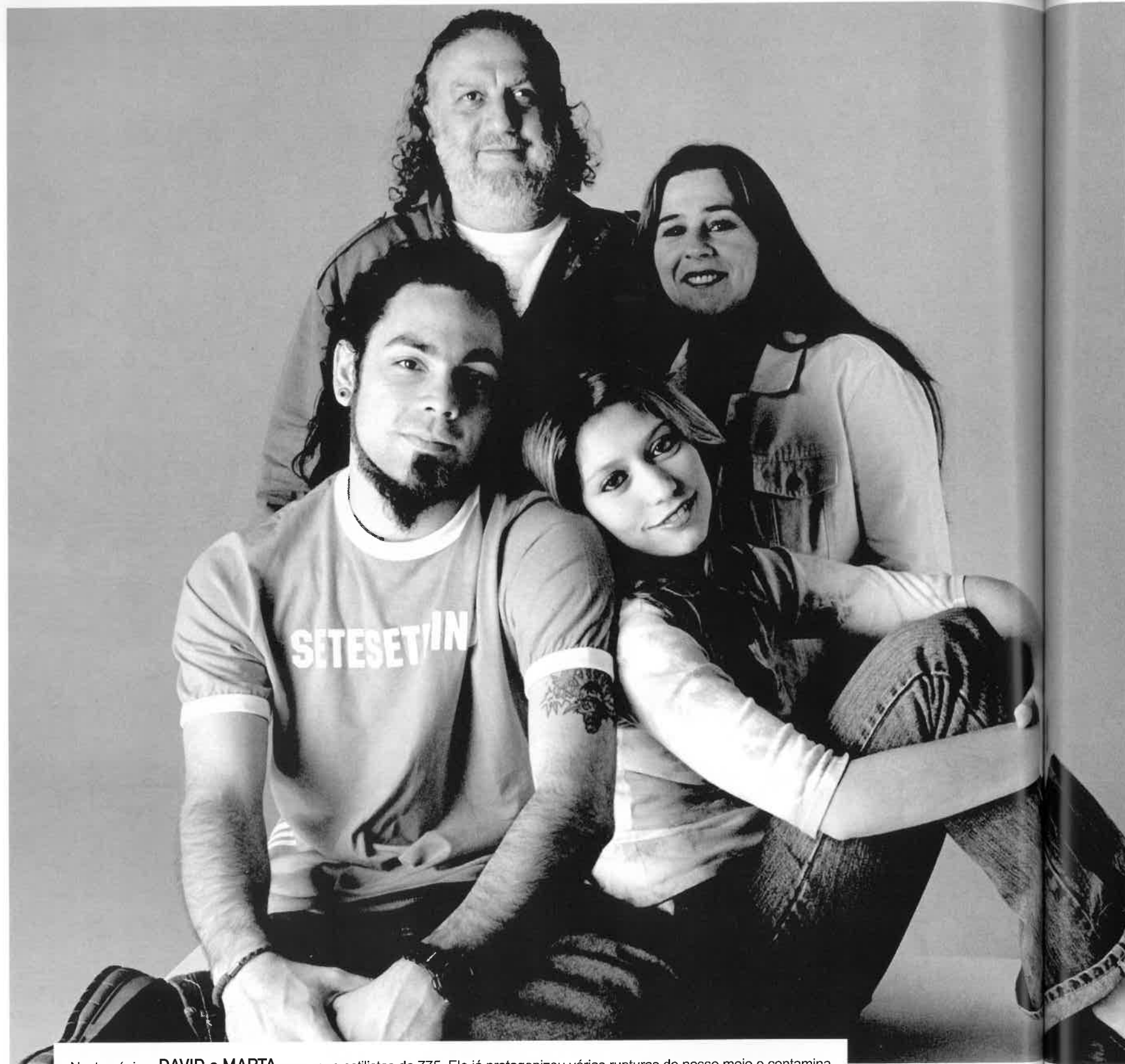


Temos, nesta dupla, a representação dos lojistas de surf com mais expressão. Na página da esquerda, **FÁBIO**, da Central Surf, com o seu patrocinado **ADRIANO MINEIRINHO**. Fábio representa a competência do setor, tem uma impressionante database e controles que orientam tendências e rumos. Veste casaco Volcon, camiseta Plasma, calça Quiksilver, gorro LuiLui. Mineirinho veste camiseta, jeans e tênis Oakley. Nesta página, **TUCANO e CLAUDIA**, da Star Point; o grego tem como marca o pioneirismo e conceito no que faz. Com 20 anos de vida, sem dúvida podemos afirmar que é um dos viabilizadores do mercado de surf. Cláudia tem a nobre função de vigiá-lo e administrá-lo. Ele veste camiseta Star Point, calça Lost, jaqueta Volcon. Ela veste casaco Billabong, camiseta Hang Loose e bota Goofy. No centro, **DUDU**, da Tent Beach, sucessor do Carlão. A empresa tem o mérito do arrojo dos volumes com 25 lojas, tem todos recordes de venda de produtos de surf, exceto equipamentos. Dudu, que, diferentemente do pai, é surfista e lutador de jiu-jitsu, tem na sua formação uma nítida vida no surf e com certeza vai agigantar ainda mais os negócios da família. Ele veste Tent Beach, camiseta e jeans.



Nesta página, **JÚLIO e PATRÍCIA**, diretores da Cannon, marca tradicional de calçados que abriu mercado para muitas marcas posteriores. Além de formarem um casal 10, estão construindo bases sólidas para vôos bem altos. E a marca, além de ser forte, goza da astúcia e do conhecimento do Cabeleira no desenvolvimento de produtos. Ao centro, o sempre importante **RICO DE SOUZA**, pois sem ele não se pode falar de mercado de surf brasileiro. Embaixador do surf nacional, é o nosso maior ídolo. Na página da direita, **EDIMILSON** da WG, um homem de muitos anos de mercado que tem o espírito do surf brasileiro: qualidade, simplicidade e muito compromisso com o segmento. Realiza o único evento de ondas grandes do Brasil e é patrocinador da Confederação de Surf Brasileira junto com a Mormail. Ele veste WG!





Nesta página, **DAVID e MARTA** com seus estilistas da 775. Ele já protagonizou várias rupturas do nosso meio e contamina o setor com o seu estilo. Sempre ousado, foi responsável pelo lançamento de vários modelos e fotógrafos famosos, como Ana Paula Arosio. É um mestre, responsável pela primeira megastore de surf do Brasil! Todos vestem 775. Na página da direita, o mais novo integrante deste mercado, **PIPO**, da Gzero. A marca, que começou com um site, virou uma loja e hoje representa a vanguarda e a cultura de surf. Pipo é surfista apaixonado e curioso pelo novo, e investe nos conceitos e equipamentos do segmento esportes com prancha. Sua loja é um ponto de encontro de cultura e tecnologia. Pipo norteia um futuro melhor para o segmento com suas iniciativas.



SURF PARA MULHERES DE TODAS AS IDADES

Por Viviane Palladino

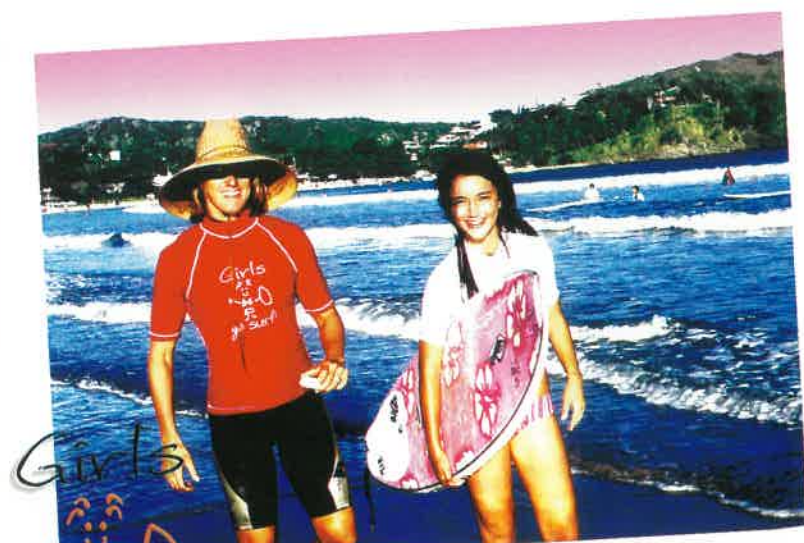


Foto divulgação

Andréa Lopes: "Quero passar um pouco da minha vida de atleta".

Girls
go surf!

chegar, também, a outros estados) acompanhada de atletas tarimbadas, como Brigitte Mayer, Chris Stockler e Juliana Guimarães. Lá, a tricampeã ensina surf para meninas e coordena um conjunto de atividades que visam a inserção da mulherada no esporte. As participantes se hospedam no mesmo lugar e têm a mesma rotina que as atletas, surfam e aprendem outras coisas relacionadas ao esporte: noções sobre as marés, preparação física, concentração, alimentação adequada e até dicas de beleza e proteção, são alguns dos assuntos abordados durante o surf camp. "Falamos sempre do *feeling* da viagem com as amigas, da importância de dividir as coisas, de humildade, cumplicidade, amizade, sempre com muita alegria e seriedade", conta a atleta. A programação envolve levantar cedo, praticar ioga e muitas vezes percorrer trilhas que levam às praias mais escondidas da região. O almoço é preparado por nutricionistas, e durante a noite as meninas assistem aos vídeos de surf e às filmagens realizadas na praia durante o treinamento. As aulas, para mulheres de todas as idades e níveis, são preparadas de acordo com a intimidade da pessoa com o mar. Entre treinos de remada, tiros, baterias e exercícios de observação, as aulas práticas ainda abrangem aprimoramento de manobras para aquelas que estão mais avançadas. As atletas contam com o auxílio das escolas de surf locais, que sempre acompanham as aulas. O diferencial dos ensinamentos está no profissionalismo das atletas envolvidas no projeto. "É essencial que a aluna saiba que em dois ou quatro dias ela não vai ficar independente, mas vai aprender muita coisa que somente quem sabe pode falar", esclarece Andréa. A terceira frente de trabalho do Girls Go Surf inclui o lançamento de um vídeo de surf feminino com imagens da rotina de treinos de Andréa Lopes. "Quero passar um pouco da minha vida de atleta, da menina Andréa, dona de casa e aventureira, uma viajante apaixonada por ondas." Entre outras coisas, o vídeo deve levar dicas de surf para todas as idades, uma surf trip para Fernando de Noronha, ilhas Maldivas e o maravilhoso litoral brasileiro. Para a realização de todos esses trabalhos, Andréa conta com a experiência de Laila Werneck. "Ela tem feito tudo sempre pensando no bem-estar e no melhor para as participantes. Ela é a pessoa que fez tudo acontecer", ressalta a tricampeã brasileira. Andréa Lopes, também primeira atleta brasileira a vencer uma etapa do WCT, tem planos de aumentar o alcance da clínica e realizar surf camps em outras praias do litoral do Brasil. Mas tudo é uma questão de tempo no calendário da atleta, que tem muitas ambições. "Quero ainda, de alguma forma, atingir a mídia não especializada, elevando o surf a um nível cada vez maior, cada vez mais desejado pelas pessoas, e mostrando a vida de uma surfista profissional, dentro e fora d'água", acrescenta. Girls Go Surf é um movimento importante para o desenvolvimento do esporte e pôr fim de vez no preconceito contra o surf feminino, dando apoio e incentivo para as mulheres. Com esta iniciativa, Andréa pretende contribuir para essa evolução. "As coisas estão mudando bem rápido. Existe muito mais respeito hoje em dia", afirma Andréa. "Pretendo criar um time Girls Go Surf com as meninas que participarem e tiverem a intenção de competir. Arrumar patrocínios e assessorá-las", continua. O surf camp Girls Go Surf continua crescendo, com as próximas etapas marcadas para 12 e 13 de julho na praia de Maresias e 9 e 10 de agosto em Ubatuba, São Paulo. Já a clínica tem sua 2ª edição de 18 a 21 de dezembro, no Rio de Janeiro, na praia da Barra da Tijuca.

Se você estiver interessada em fazer parte da equipe Girls Go Surf, entre em contato com Laila Werneck na UIDU Produções, no e-mail lwerneck@openlink.com.br, ou nos telefones: (21) 9925-9030/2433-1945.

Levar o prazer de surfar para todas aquelas que sonham com isso e contagiar essas mulheres com um estilo de vida. Esta é a meta do movimento Girls Go Surf, um projeto inovador da empresária Laila Werneck e da tricampeã brasileira Andréa Lopes. "O movimento Girls Go Surf surgiu a partir de um desejo meu de participar mais ativamente do *boom* que o surf feminino está vivendo. Sinto a cada dia como é importante aumentar o contato com as novas surfistas e despertar o prazer do esporte em um público ávido por emoção. Essa é a minha missão", comenta Andréa, que, para atingir seu objetivo, desenvolveu o projeto com três frentes de trabalhos. A primeira é a clínica Girls Go Surf, que começou em janeiro deste ano, na praia da Barra, no Rio de Janeiro, e tem por objetivo mostrar na prática o estilo de vida da tricampeã brasileira. A partir de então, novas clínicas foram realizadas, em locais diferentes, onde, além de surf treinos, aconteceram palestras com profissionais que trabalham com Andréa. O sucesso da clínica levou ao desenvolvimento de um outro projeto, chamado Surf Camp. Andréa leva um grupo de mulheres para um surf point do eixo RJ-SP (a idéia é



Foto divulgação

Tem alma,
Tem cara,
Tem marca
Central Surf

• RUA SETE DE ABRIL, 368 - TEL.: 3258-8040 • SHOPPING CENTER ARICANDUVA 1 - TEL.: 6722-2770
• QUIOSQUE SHOPPING ARICANDUVA - TEL.: 3444-2388 • SHOPPING CENTER PENHA - TEL.: 6192-8480
• SHOPPING CENTER NORTE - TEL.: 6222-2833 • SHOPPING METRÔ TATUAPÉ - TEL.: 6192-9635 • SHOPPING SILVIO ROMERO
• CENTRAL SURF BAR - SILVIO ROMERO TEL.: 295-9580 • SHOPPING INTERLAGOS - TEL.: 5671-4141 • SHOPPING IBIRAPUER
• VISITE NOSSO SITE: WWW.CENTRALSURF.COM.BR • E-MAIL: CENTRALSURF@CENTRALSURF.COM.BR • SAC: 6221-6567



Fotos divulgação



PERFORMANCES LENDÁRIAS IMAGENS RARAS

Por Alberto Woodward



Fãs do Led Zeppelin em todo o mundo estão festejando o lançamento histórico que só agora a Warner colocou à disposição do público. Segundo a gravadora, trata-se da versão ao vivo e definitiva das gravações do grupo, com imagens e sons de performances lendárias e raras que cobrem toda a trajetória do Zeppelin.



Trata-se de um DVD duplo com mais de 5 horas de duração, lançado em caixa digipack, acompanhado de dois livretos coloridos narrando as histórias dos shows e o processo da transformação dessas imagens em formato digital. Segundo o guitarrista Jimmy Page, o fato de existirem poucas imagens e gravações do Led Zeppelin se deveu a eles nunca estarem realmente inseridos na cena pop. "Nossa banda nunca pensou em ser famosa. Nosso negócio era tocar ao vivo. Nesse sentido, a banda era muito mais um grupo underground. O que nos tornou famosos foi alguma coisa praticamente fora do nosso controle. Na verdade, nós evitávamos comercializar as coisas, por isso tão pouco material da banda foi disponibilizado até agora", afirma Jimmy. Bom, isso foi o que ele disse, mas reza a lenda que não foi bem assim. Desde os tempos dos Yardbirds, uma das bandas mais importantes do rock nos 60, onde, além de Jimmy, também tocaram Eric Clapton e Jeff Beck, que o guitarrista flertava com o sucesso. Algumas das primeiras canções do Led foram criadas durante a época dos Yardbirds, como "Dazed and Confused", por exemplo. Mas talvez ele esteja realmente sendo sincero quanto a isso. Porém, quando diz que "o que nos tornou famosos foi alguma coisa fora do nosso controle", é provável que esteja se referindo indiretamente ao seu empresário Peter Grant. O cara era terrível e não deixava passar nada. Toda a mídia (e grana também) era controlada por ele, que muitas vezes foi visto na porta dos shows recolhendo pôsteres, camisetas e outros materiais

não oficiais que eram vendidos por ambulantes. Peter também tinha a mania de visitar as lojas de discos para recolher o material pirata e processar os vendedores. A maioria do material recolhido era destruído. Talvez, aqui sim esteja a verdadeira justificativa para a existência de tão pouca coisa sobre o Led Zeppelin. Dizem que o tipo era tão mafioso que no clássico filme *The Song Remains the Same* ele aparece de gangster exterminando as gangues rivais (sugestivo não?), cena que foi cortada na versão que os cinemas brasileiros exibiram na época. O primeiro DVD traz imagens geradas com câmeras de 16mm, da apresentação realizada em janeiro de 1970 no Royal Albert Hall de Londres, poucos meses depois do lançamento do Led Zeppelin II. E além de músicas dos dois primeiros discos, apresenta curiosidades como "We're Gonna Groove" (cover lançado em 1982 no disco Coda), "White Summer" (música de Page dos tempos de Yardbirds), "C'mon Everybody" e "Something Else", esses duas últimas, de Eddie Cochran, um dos primeiros guitarristas virtuose do rock que certamente influenciou Page. Eddie foi mais cultuado na Inglaterra do que nos EUA (seu país de origem), e faleceu precocemente, no verão de 1960, devido a um acidente de carro quando retornava de um show e se dirigia para o aeroporto de Londres para voltar ao seu país. Ao seu lado estava Gene Vincent e sua namorada. Ambos sobreviveram. O outro disco, nada de covers. Abre com uma poderosa versão de Imigrant Song, datada de 1972, e na seqüência o famoso show do Madison Square Garden, de 1973, que gerou o filme *The Song Remains the Same*. É claro que aqui aparecem as músicas que não foram mostradas no longa: "Black Dog", "Misty Mountain Hope", a maravilhosa "Since I've Been Loving You" e "The Ocean". Depois temos os shows em Earls Court (Londres), de 1975, que abre com três belíssimas acústicas, "Going to California", "That's the Way" e "Born Y Aur Stomp", para na seqüência nos brindar com duas pérolas do LP Physical Graffiti, "In My Time of Dying" e "Trampled Underfoot". Ainda dessa apresentação, como não poderia faltar, "Stairway to Heaven". O filme avança no tempo 4 anos para nos mostrar a apresentação na histórica propriedade de Knebworth, que, além dos shows de rock, ficou famosa por abrigar o novelista vitoriano Edward Bulwer Lytton – autor da frase: "A pena é mais poderosa do que a espada". Neste local inspirador, a seqüência começa com o peso de "Rock 'N' Roll", passando para "Nobody's Fault But Mine", "Sick Again", a poderosa "Achilles Last Stand" e "In the Evening", encerrando com as épicas "Kashmir" e "Whole Lotta Love".



Todos os dias merecem ser a

Entre os extras, temos algumas das raras imagens de TV do Led. "Sempre fomos relutantes quanto a aparecer na TV", lembra Robert Plant. "Não importa quão bem você se apresente, ficará sempre à mercê dos engenheiros de estúdio da casa, que na grande maioria das vezes não tinham a menor idéia de como gravar uma banda como nós ao vivo". Sendo assim, as imagens mostradas são dos primeiros anos da banda, quando ainda se exibiam em programas de TV. Com destaque para as filmagens realizadas em Reykjavik, na Islândia. "Eu nunca tinha visto o material da Islândia", diz Plant, "mas me lembro daquela experiência fantástica", recordando como os estudantes locais se uniram para tornar o show possível depois que os trabalhadores da casa de espetáculos entraram em greve. Este lançamento é uma comemoração ao 35º aniversário do primeiro encontro do grupo. No verão britânico de 1968, Jimmy Page, John Bonham, Robert Plant e John Paul Jones se reuniram para ensaiar pela primeira vez juntos e se tornar uma das maiores e mais influentes bandas de rock do planeta, detentora da impressionante marca de 200 milhões de discos vendidos. Devido à importância dessa data, a Warner aproveita para lançar também um CD triplo, intitulado *How the West Was Won*. As gravações desses discos foram realizadas no Los Angeles Forum e na Long Beach Arena, consideradas duas das mais lendárias e explosivas performances ao vivo do Led, eu ouvi algumas faixas e posso afirmar que é bem melhor se comparado ao *BBC Sessions*, que já é bom.



DVDs



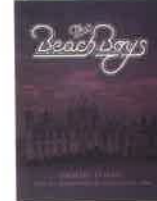
ANTHEM TO BEAUTY (The Grateful Dead) – É mais um bom documentário da série *Classic Albums*, desta vez enfocando não apenas um, mas dois discos do maior ícone da contracultura americana, o Grateful Dead. A banda surgiu em San Francisco, em meados dos anos 60, e liderada pelo carismático Jerry Garcia, reuniu uma multidão de seguidores fiéis, os deadheads. *American Beauty* e *Anthem of the Sun*, são dois discos-chaves para quem quer entender a musicalidade de um grupo que se tornou popular mesmo não tendo suas músicas tocadas no rádio. Os dois trabalhos fazem parte das primeiras gravações do Dead: o primeiro é um acústico carregado de influências folk, e o segundo um disco experimental que deixou os executivos da Warner de cabelos em pé. Mesmo assim, a gravadora continuou com eles praticamente durante toda a trajetória da banda. Depois de assistir a este DVD você certamente vai querer comprar os discos, neste caso, a boa nova é que foram relançados recentemente em edição especial e com bônus track; a má notícia é que são importados e custam não menos que 60 pratas cada.



PUNK O RAMA VOL. 1 – Sucesso em CDs, agora em DVD, trazendo o que há de melhor em termos de punk hardcore, do cast da gravadora Epitaph. Tem um pouco de tudo e com imagens boas e canções legendadas. Finalmente você vai poder entender o que aqueles doidos estavam falando. Tem Rancid, NOFX, Offspring, Pennywise, Millencolin, The [International] Noise Conspiracy, Hot Water Music, Descendents, Bad Religion, Death by Stereo e outros. De quebra, o DVD traz os bastidores do clipe "Fuck Authority" do Pennywise; a história do selo Epitaph e shows do Bad Religion gravados na Alemanha em 1992. Imperdível!



LIVE 94-96 (Sublime) – Em 25 de maio de 1996 o vocalista Brad Nowell foi encontrado morto num quarto de hotel em San Francisco. A heroína pôs um fim precoce em uma das bandas mais queridas do meio surf/skate do sul da Califórnia. *Live 94-96* traz de volta uma época que antecedeu ao estouro da banda, quando eles ainda eram bem descontraídos e se apresentavam nos shows como quem vai à praia, de chinelo, bermudão e sem camisa. As músicas apresentadas fazem parte do repertório dos dois primeiros discos, *40 Oz. To Freedom* (92) e *Robbin the Hood* (94), e as imagens são registros de arquivos pessoais da banda e de amigos, portanto podem parecer meio toscas em alguns momentos, porém retratam toda a entrega e emoção que a banda levava aos palcos em seu auge criativo, seja tocando para pequenas platéias ou para grandes públicos, como no festival Warped Tour.



GOOD TIMIN' (The Beach Boys) – Show dos Beach Boys, gravado em 21 de junho, de 1980, no Knebworth Park, em Hertfordshire. Esta foi a última vez que a banda se apresentou completa para o público britânico, portanto não deixa de ser um registro histórico. As imagens são muito boas e durante o show rola tudo que um fã gostaria de ouvir dos Beach Boys: "California Girls", "Surfin' USA", "Good Vibrations", "Barbara Ann" e outras. Ausência sentida de "Surfin' Safari", mas não dava para colocar três décadas de surf music em um único show.

SURF MUSIC

A Tronador Music, vem se especializando não só em música australiana mas também na surf music de ontem e hoje. Para os saudosistas lançou uma bela coletânea chamada *Lost in the 60's*, reunindo nomes como Atlantics, Crusaders, GT Stringer, Neptunes e outros. Já o novo, está em *Tronador Australian Surf Vol.2*, um disco muito bacana com novidades como John Butler, Salmonella Dub e Neil Murray, e os consagrados Yothu Yndi, GANGajang e The Chevilles. Entre as bandas uma novidade bacana é 28 Days, que chega ao Brasil através do CD *Rip It Up*, grupo que mistura hardcore com hip-hop e que ficou famoso por participar de inúmeras trilhas de surf e skate ganhado fãs no mundo todo. Um petardo! Estes discos podem ser encontrados nas melhores surf-shops do país e, também nas lojas de CDs, pois estão sendo distribuídos pela Trama.

Um trabalho que você não vai encontrar com facilidade por aí é o novo CD do israelense The Astroglides, vivendo em plena zona de conflito, esses caras criaram uma surf music que eles denominaram de surfcore. Uma mistura da surf guitar do passado com o punk hardcore do presente. O disco se chama *Fondling With... The Astroglides*, e é porrada do começo ao fim, além de contar com uma arte e embalagem muito legais. Conhecendo alguém em visita a Israel, aproveite para encomendar, ou faça contato com eles: www.astroglides.com ou astroglides@hotmail.com. Eles vão adorar ter notícias suas.



O'NEILL

AMERICAN ONA

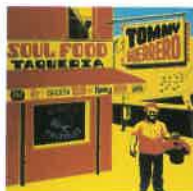
O'NEILL-LA - FONE: (11) 5096 2477
www.oneill-la.com.br
oneill@oneill-la.com.br

CDs



DOUBLE BLACK

Para matar saudades do líder dos Pixies, a Sum Records lança Frank Black em dose dupla, *Devil's Workshop*, *Black Letter Days*, ambos lançados o ano passado junto com seu grupo atual The Catholics. Ovído atentamente os dois notei um rock maduro, atual e bom. Bom, o suficiente para deixar essa coisa de saudosismo de lado. O passado já foi, viva o presente para não chorar como viúva inconsolável no futuro.



SK8 GROOVIE

Quando se fala que Tommy Guerrero era membro do lendário time de skateboarders "the Bones Brigade" de São Francisco, logo se imagina que o cara manda um estridente punk hardcore. Mas não é nada disso, embora tenha vivido intensamente o cenário punk no início dos anos 80, Guerrero assimilou influências diversas como John Coltrane (grande Coltrane!), Latin Playboys (grupo formado por integrantes dos Los Lobos) e Tortoise. Logo, o que se ouve em seus discos são groovies tranquilos e suíngados. *Soul Food Taqueria* é seu quinto disco e o primeiro a sair por aqui. Vale uma conferida.



APADRINHADOS POR JACK WHITE

Para quem não se ligou, o cara aí de cima é 50% do White Stripes que está produzindo o disco de estréia do Whirlwind Heat, um irado tufão que explode em punk rock. Na estrada desde o final da década passada, só agora lançaram seu primeiro disco, *Do Rabbits Wonders?* arrancando elogios da crítica especializada como a revista Rolling Stones. Começaram bem!



PESADO, CRU E BARULHENTO

Isso mesmo o novo disco do Metallica, *St. Anger*, é uma porrada. Como nos velhos tempos. Isso quer dizer que está mais para *Master of Puppets* (1986) do que para o Metallica o álbum negro (1991). De 'presa' a edição especial traz um DVD com 80 min. apresentando todas as músicas do disco ao vivo. Isso é que é bônus generoso.



RAP & SAMBA

Esta combinação não é novidade, Rappin' Hood fez algo parecido junto com Leci Brandão, mas Marcelo D2 foi a fundo e fundiu o hip-hop com o partido alto para produzir este belo CD com o sugestivo nome de *Á Busca da Batida Perfeita*. Ao contrário de Hood, não fez apenas uma música mas um disco inteiro unindo as vozes do morro que até então cantavam em dissonância.



AMBIENTE POP & EXPERIMENTAL

A julgar pelo nome, Piano Magic pode até parecer mais um disco brega do Richard Clayderman, para felicidade e alívio dos bons ouvidos não é. Trate-se de um projeto do músico Glen Johnson, que vem agradando, especialmente na Europa, e principalmente depois de fazer a trilha para o filme *Son De Mar*, do espanhol Bigas Lunas. Sua música é uma fusão de ambiente pop, com post-rock/experimental. Um som bem louco para se ouvir nos momentos mais sossegados.



ELEGÂNCIA SONORA

Misturando trip-hop com dance club o Supreme Beings of Leisure faz um som balanceado em envolvente, até lembra um pouco o Morcheeba, mas por baixo. Em *Divine Operating System*, a bela voz da cantora Geri Soriano-Lightwood tem um timbre que cabe como uma luva em abertura de filme do James Bond, não sei como eles deixaram escapar essa. O músico de origem hindu Ramin Sakurai segura a bronca nos arranjos e instrumentação. Eu diria que esse é um som muito elegante.



COQUETEL TCHICANO

Originário da cidade do México, o Molotovo faz um rock-rap cantando em espanhol (às vezes em inglês) muito massa. Na estrada desde 1995, *Dance e Dense Denso* é seu quarto disco, e uma porrada na orelha dos 'estadunidenses', duramente criticados em suas músicas. Mesmo assim os seus integrantes são muy bien recebidos na terra do tio San, principalmente pelos hermanos hispano-americanos. Usted tiene escuchar eso cabrón!. Visite o site www.molotov.com.mx.



O NOVO MALKMUS

Esqueçam o Pavement, já foi, já era. Viva the Jicks, a nova banda de Stephen Malkmus, que acaba de lançar seu segundo disco, *Pig Lib*. Eles estiveram aqui o ano passado para promover o primeiro disco, e nos shows já davam pista que prometiam. Pois bem, este segundo álbum é tão bom quanto qualquer coisa que Malkmus tenha feito no passado, com a vantagem de ser atual e conseguir equalizar suas influências à sua vivência, ou seja, apresenta uma sonoridade muito bem resolvida.



VOLTA AS ORIGENS

Em seu primeiro trabalho junto ao Conexão Japeri, Ed Motta era simplesmente funk brasileiro (funk de verdade, nada haver com as tchutchucas e cachorrões). Depois, mergulhou no jazz, aprendeu piano e desenvolveu um falsete "edmottês". Ficou sofisticado e técnico, mas um pouco chato. No entanto, evoluiu e acumulou todo esse aprendizado em seu novo disco *Poptical*, retornando ao estilo inicial onde acrescentou os elementos colhidos na estrada. Pô, ficou bacanal!



CONTRA O VIGENTE

Nadando contra as ondas musicais vigentes, Cat Power, ou simplesmente Chan Marshall, encontrou seu espaço na música trabalhando baladas tristes e introspectivas. Sua voz é extremamente agradável e nos remete a um estado meio letárgico. *You Are Free*, é o primeiro, em cinco discos, a contar com um produtor de fato, Adam Kasper (Pearl Jam, Weezer, Nirvana, Soundgarden), e tem convidados distintos como Dave Grohl, Eddie Vedder e Warren Ellis. O resultado? Simplesmente ótimo!



PUNK GIRL SAMPA

Contando os Dias é primeiro CD do Killi, quarteto punk paulistano de voz feminina. São 19 músicas e referências musicais que nos remetem a nomes como Green Day, Bad Religion, Descendents, Offspring, mas com identidade própria, principalmente no vocal de Mariana. Este é um lançamento do selo independente F Records e pode ser conseguido pelo e-mail contato@frecords.net ou escrevendo para a Caixa Postal 20208, CEP 04035.990, São Paulo/SP.



RODOX POR RODOX

Em seu segundo disco com o grupo Rodox, Rodolfo se diz mais à vontade do que no anterior, Estreito. Naquele trabalho eu estava sob aquela pressão de ter saído dos Raimundos, já este não, é um disco feito pelo grupo, com a cara de banda. Por isso o disco se chama simplesmente *Rodox*. Um CD com 14 faixas hardcore onde o peso rola solto e descontraído.



WWW.OPBRASIL.COM.BR

Rodrigo
"the monster"
Resende

aws, left 2003

WORLD'S SURFERS

Cannon
(11) 6128-6868



CoolTrips

Osklen

9 a 16 de agosto

A partir de U\$ 1.039,00

Hotel Pirigalo (4 p)

Gran Hotel

U\$ 1.624,00 (Duplo) ★★★★★

Condomínio

U\$ 1.093,00

3x sem juros

30% + 2x no cartão



Informações e vendas: (11) 3755-0500 | e-mail cooltrips@osklen.com

Leonardo Metsavaht *Surfing the Mountains*



Todos os pacotes incluem

Aéreo SP(RJ)- Santiago-Chillan-Santiago-SP(RJ) | Hospedagem por 7 noites c/ meia Pensão (Café e Jantar) | Traslados | Ski Pass (lift) por 7 dias
1 hora de aula de Ski ou Snowboard | Passeio de Snowmobile | Cocktail de Boas Vindas | Churrasco no Clubhouse
10% de desconto na linha Osklen Storm-Tech (casacos e calças de snowboard)



Litoral Brasil

Fit You better!!!

LORRAINE LIMA - LITORAL BRASIL BODYBOARDER TEAM - PRO COMPETITOR

CENTRAL DE VENDAS: 55-11-5061-0668



SURF PROSTITUÍDO

Por Taiu Bueno

Já se foi metade da minha vida dedicada a essa prática líquida, zen, atlética, individual, natural e mística. Sim, o surf é tudo isso e algo mais...

Desde que me tornei um adepto do esporte, já vi muita coisa acontecer. Quando eu vejo um grommet (surfista novo) indo surfar, sinto a pureza e a felicidade que eles têm no olhar, lembrando o que já senti também nessa época. Como um indivíduo habitando a Terra, hoje eu aprendi que o surf traz uma certa integridade para a alma da maioria dos praticantes. Na comparação entre o surfista competidor e o freesurfer, vou fazer algumas observações do que hoje eu penso. Lá no meu interior, durante a minha fase de competidor, eu sempre pensei assim. Já vi pessoas com bom talento surfarem só pelo barato de competir. Algumas delas até pararam de surfar quando terminou o seu ciclo competitivo. É sério... Pelo que eu passei e passo depois do meu acidente, devido ao qual, a partir de um momento X, fiquei completamente impossibilitado de surfar, não posso acreditar que isso seja possível. Outras pessoas que conheci e eram supertalentosas, e que talvez surfem melhor até que alguns dos top 16 do Brasil, abandonaram e desencanaram cedo das competições. Hoje, esses ainda arrebentam e surfam exclusivamente para a alma deles mesmos. Hoje eu entendo tudo isso... O surf é tudo, mas a vida oferece mais... Para algum surfista supertalentoso, abandonar o cenário competitivo pode estar relacionado com alguma frustração em vender o seu próprio surf. É essa a questão a que eu queria chegar. Muitos podem achar absurdo, mas vou fazer uma comparação entre prostituir o corpo e prostituir o surf... O amor pelo mar e pelo efeito benéfico para a saúde física, mental e espiritual que o surf produz é algo muito ligado aos nossos sentimentos mais íntimos: os do prazer. Nos anos 70/80, quando Mark Richards declarou, numa entrevista na *Surfing*, que o que ele mais curti na vida era "sex and tube-rides", começou a brotar essa minha idéia. A mídia, o ego e o dinheiro são os principais fatores para um jovem prostituir seu surf. A publicação de fotos num ensaio de corpo, sensual, mexe com o ego da mulher. Isso não quer dizer também que toda modelo é puta. A publicação de fotos de um surfista 'gozando' dentro de um cilindro pelo mundo afora também sobe forte no ego. Diferentemente da prostituição do corpo, o surfista profissional tem um grande prestígio e reconhecimento como atleta. Fiz essa comparação porque sei que o sentimento que o surfista-real tem no coração é nobre. Um exemplo disso foi o cancelamento de várias etapas do WCT em 2001, após o atentado 11 de setembro. Por que o surf foi o único esporte que parou logo após esse pavoroso evento? Talvez porque ninguém tivesse o feeling de surfar enquanto 5 mil americanos estavam soterrados, ao passo que nos outros esportes ninguém deu a entender que afetou tanto, aconteceram as competições normalmente. Essa comparação, que muitos que ainda não estão nesse nível vão entender, não é uma crítica ao surfista profissional, o que eu já fui por alguns anos da minha vida. Fui atrás disso justamente para estender o tempo de minha vida útil surfando. E isso eu sei que também é para poucos... Acredito que o prazer de entubar e dropar é tanto, que, de uma certa forma, ser pago para fazer isso e ainda ganhar bem chega a ser até absurdo... Para mim, na época isso era inexplicável. Hoje eu entendo o mercado, a imagem do atleta e o valor dele para o marketing... Para um verdadeiro surfista de alma, porém, acredito que vender o próprio surf é algo delicado.



REEF

STCONE



Entre amigos somos quem somos. E s



LuiLu

Essencialmente



Mammoth Mountain - CA / Foto: Fernando Torres



new order
OSKLEN SHOES



OSKLEN